

SENADO
FEDERAL

NORTE DO BRASIL

ATRAVÉS DO AMAZONAS, DO
PARÁ E DO MARANHÃO

Adolfo Lindenberg

Vitor Godinho

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

Volume 159

EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

A*amazônia, patrimônio universal?* Com considerável currículo na vida pública como governador, senador e ministro, Jarbas Passarinho também conhece como poucos seu território natal. Utilizando-se de informações precisas, confiáveis fontes e uma bibliografia pertinente, o autor aprofunda o conhecimento sobre a Amazônia, objeto de estudo e preocupação internacionais.

Por intermédio de farta documentação, faz uma ampla exegese acerca do desmatamento, da visão estrangeira da floresta, das diversificadas propostas de atuação na área, da potencialidade da região, da Amazônia dentro do ecossistema mundial, das questões indígenas, do ponto de vista de vários fóruns e organismos internacionais, entre tantos outros enfoques.

O livro estuda relatórios, documentos, as supostas ameaças à soberania nacional, os tratados internacionais e o equívoco em certos momentos da imprensa nacional e estrangeira sobre as questões amazônicas. O volume derruba mitos e analisa comportamentos de diversos segmentos do pensamento ideológico brasileiro.

Com sua escrita refinada, o autor mostra agudeza de espírito e riqueza de análise, com argumentos que levarão os leitores dessa obra singular a refletir sobre valores estabelecidos e pontos de vista preconcebidos sobre a vasta região amazônica.

EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

E*nsaio corográfico sobre a província do Pará.* De Antônio Ladislau Monteiro Baena, é um importante trabalho de pesquisa e sistematização de informações sobre a Província do Pará nos anos 30 do século XIX. Constitui uma verdadeira enciclopédia, feita inclusive com pesquisa de campo, e nos arquivos das paróquias, cartórios e Câmaras Municipais. Encontram-se nesta obra dados demográficos, sobre economia, finanças públicas, e descrição sobre a administração pública e judiciária da Província. Além de informações sobre a flora e a fauna, e os diferentes ecossistemas da região. Valioso estudo histórico e geográfico, agora reeditado a partir de um único exemplar datilografado existente na biblioteca da Primeira Comissão Demarcatória de Limites.

C*opiador das cartas particulares do senhor Dom Manuel da Cruz (1739-1762) bispo do Maranhão e de Mariana.* Esta obra de D. Manuel da Cruz constitui um monumento para quantos se interessarem pela história da Igreja de Minas Gerais, em particular, e da Igreja no Brasil, em geral. Por meio de diversas cartas, somos apresentados a caminhos pouco ou nada conhecidos do interior do Piauí, Maranhão, Bahia e, claro, Minas, consolidados já na primeira metade do século XVIII. A transcrição, revisão e as notas dessas valiosas cartas, verdadeiros documentos de nossa História, foram competentemente realizadas por Aldo Luiz Leoni. Aldo Leoni, que se incumbiu ainda de “esclarecer a gênese e tornar inteligível o conteúdo do manuscrito”.



*Monumento do Amazonas em frente do Teatro
Estado do Amazonas*



Catedral e panorama da Praça - Estado do Pará



Praça Odorico Mendes- Estado do Maranhão



NORTE DO BRASIL
ATRAVÉS DO AMAZONAS,
DO PARÁ E DO MARANHÃO



Mesa Diretora

Biênio 2011/2012

Senador José Sarney

Presidente

Senadora Marta Suplicy

1º Vice-Presidente

Senador Wilson Santiago

2º Vice-Presidente

Senador Cícero Lucena

1º Secretário

Senador João Ribeiro

2º Secretário

Senador João Vicente Claudino

3º Secretário

Senador Ciro Nogueira

4º Secretário

Suplentes de Secretário

Senador Gilvam Borges

Senadora Maria do Carmo Alves

Senador João Durval

Senadora Vanessa Grazziotin

Conselho Editorial

Senador José Sarney

Presidente

Joaquim Campelo Marques

Vice-Presidente

Conselheiros

Carlos Henrique Cardim

Carlyle Coutinho Madruga

Raimundo Pontes Cunha Neto

.....
Edições do Senado Federal – Vol. 159

NORTE DO BRASIL

Através do Amazonas,
do Pará e do Maranhão

*Drs. Vítor Godinho e
Adolfo Lindenberg*



Brasília – 2011

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL
Vol. 159

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país.

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto
© Senado Federal, 2011
Congresso Nacional
Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – DF
CEDIT@senado.gov.br
[Http://www.senado.gov.br/publicacoes/conselho](http://www.senado.gov.br/publicacoes/conselho)
Todos os direitos reservados

ISBN: 978-85-7018-377-4

.....

Godinho, Victor.

Norte do Brasil : através do Amazonas, do Pará e do Maranhão / pelos Drs. Victor Godinho, Adolpho Lindenberg. – Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2011.

186 p. : il. – (Edições do Senado Federal ; v. 159)

1. Brasil, Região Norte, descrição. 2. Amazonas, descrição. 3. Pará, descrição. 4. Maranhão, descrição. I. Lindenberg, Adolpho. II. Título. III. Série.

CDD 981.11

.....

.....

Sumário

AO LEITOR

pág. 9

Amazonas, Pará e Maranhão

pág. 11

Subindo o Amazonas

pág. 19

Manaus

pág. 49

Pará

pág. 85

Maranhão

pág. 123

Índice onomástico

pág. 183

.....

Ao leitor

DR. VÍTOR GODINHO
DR. ADOLFO LINDENBERG

O *VOLUME* que ora apresentamos ao público contém as impressões de viagem recebidas nos Estados do Amazonas, Pará e Maranhão em 1904.

Essas impressões foram publicadas, após o nosso regresso a esta capital, nas colunas do Estado de S. Paulo, e, como despertaram certo interesse da parte de numerosos leitores daquele jornal, por instância de alguns deles, resolvemos reunir em folhetos os artigos tão bem acolhidos então.

Para tornar a descrição mais interessante intercalamos no texto 74 gravuras, algumas já conhecidas e outras ainda não divulgadas. Também os primitivos originais foram convenientemente alterados, suprimindo-se coisas de interesse ocasional ou passageiro, melhorando-se a forma e o estilo e acrescentando-se algumas notas inéditas, sobretudo quanto à vida econômica e financeira dos Estados percorridos.

Pode-se, pois, considerar o presente volume como uma segunda e melhorada edição da publicação anteriormente feita.

Julgamos necessárias estas explicações, que vêm justificar informações e impressões que podem agora estar modificadas, mas que eram fiéis quando foram colhidas e recebidas.

O público dirá se temos razão e se somos felizes no modo de tratar os assuntos.

Aos Srs. Laemmert & Comp., que tomaram a seu cargo a referida edição, muito agradecemos o cuidado que dispensaram ao trabalho tipográfico.

S. Paulo, 1º de novembro de 1906.

.....

Amazonas, Pará e Maranhão

AO DEIXAR o Estado do Maranhão, onde tivemos o prazer de passar algum tempo e a ventura de combater com sucesso uma epidemia que durante seis meses reinou em sua capital, enchendo os hospitais de doentes, cobrindo as famílias de luto e entorpecendo momentaneamente a vida comercial e econômica da cidade, tomamos a deliberação de fazer uma viagem de recreio ao vale do Amazonas, antes de regressar a S. Paulo, de cuja Higiene somos funcionários.

Tínhamos grandes desejos de conhecer esse suntuoso rio-mar, tão notável pelo volume de suas águas, pela fauna variada que as povoa, e essas matas gigantescas e cerradas, através das quais serpeiam correntes caudalosas, matas virgens, mas palmilhadas palmo a palmo pelos seringueiros, essa região ainda digna de curiosidade pelas cidades de Belém e Manaus, às quais o rio Amazonas dá fácil acesso.

Deliberamos igualmente registrar as impressões recebidas em viagem, e é o que agora fazemos, mas prevenindo que nelas consignar só poderemos as coisas que mais encantaram o nosso espírito, por sua originalidade ou por seus contrastes com o que estamos habituados a ver no Sul.

São notas passageiras e superficiais, eivadas, portanto, desse pecado original, mas, em todo caso, notas que representam as primeiras impressões que, se não são as melhores, são contudo as mais duradouras.

Não somos literatos nem temos o hábito de fazer narrativas; devemos contudo ter prática de observação: – como médicos, estudando a natureza humana e os males que a atormentam, e, como higienistas, seguindo os flagelos que comprometem a existência e a tranquilidade das populações, afrontando-os e dando-lhes combate, para cujo resultado a prática, filha da observação, muito concorre. Se muitas vezes o médico, num relance penetra os segredos de alguma enfermidade, é possível que em nossa excursão à *vol d'oiseau* tenhamos visto coisas dignas de menção e as tenhamos descrito, aproximando-nos ao menos da realidade.

Com este trabalho procuramos retribuir as gentilezas que recebemos no Norte, mostrando que tivemos empenho em conservar de memória o que nos fizeram ver e em divulgar mais algumas informações sobre o que de bom e interesse por lá existe.

Não nos anima o desejo de patentear uma erudição que não temos, nem nos preocupa a ideia de fazer estilo rebuscado. Preferimos as frases singelas e os conceitos verídicos aos ornatos artificiais da forma.

Procuraremos ser imparciais e sinceros. São essas duas qualidades que emanam do espírito de justiça que nutrimos, e sem as quais não nos poderíamos abalançar a narrações, elogios ou críticas.

Bem sabemos que não é possível fazer uma descrição sincera e imparcial, sem *elogiar e criticar*, e também não ignoramos quanto é difícil satisfazer o sentido daqueles dois verbos sem incorrer em desagrado. Os leitores, em geral, ligam muito mais atenção aos adjetivos da crítica do que aos termos encomiásticos de uma narrativa, e os interessados tão dificilmente perdoam os primeiros (que às vezes ainda sobrecarregam) quão rapidamente se esquecem dos últimos. No entanto, a crítica é indispensável. Quando desapaixonada, corrige defeitos e, intercalada de justos elogios, concorre para os pôr em destaque, servindo de fundo escuro nos quadros. Poderemos enganar-nos como observadores; nenhuma preocupação temos, porém, de só elogiar ou de só criticar.

Em regra geral, no Sul não se acompanha com o devido interesse a vida dos Estados longínquos do Oeste ou do Norte. Os jornais só nos

informam de suas coisas políticas e, por sua vez, só os políticos do Norte sentem verdadeira atração para a capital da República, sede e fonte de todas as forças que movimentam a engrenagem política do país.

Os filhos dos nortistas demandam frequentemente os países estrangeiros para o estudo de humanidades e até mesmo para a frequência de cursos superiores. É possível que não seja grande o nosso erro se avaliarmos em 20% o número dos que estudam na Europa e especialmente em Portugal.

Os moços do Norte preparam-se em bom número na Europa ou nos Estados Unidos para a carreira comercial, ou simplesmente para a vida prática.

As famílias, por seu turno, passeiam muito mais pela Europa do que pelo Sul do Brasil. O fato não deixa de ter a sua justificativa nas distâncias: – vai-se do Maranhão a Lisboa em 10 a 11 dias e vem-se ao Rio em 9 ou 10; do Pará a Lisboa gastam-se apenas 9 dias de viagem, ao passo que ao Rio 11 ou 12 nos demorados navios do Lóide Brasileiro.

Ninguém contestará que na Europa a vida é muito mais barata, confortável e sobretudo muito mais cheia de atrativos para o viajante; por isso, não nos podemos queixar da grandeza do nosso território.

As fontes minerais fazem do sul de Minas um ponto de atração e de amistoso convívio para todos os Estados, do Rio Grande do Sul a Pernambuco; mas os nossos patrícios do extremo norte não só procuram as fontes europeias para a cura de suas enfermidades, como até as próprias águas minerais que se encontram nos mercados são quase todas de origem estrangeira. No Pará é que nos pareceu ter encontrado com mais facilidade águas minerais de fontes brasileiras. Mesmo lá o consumo das estrangeiras, e especialmente portuguesas, é bem maior.

Os brasileiros do Sul também pouco viajam pelo Norte com o simples intuito de curiosidade. Os que lá vão viajantes de casas comerciais ou procuram o Amazonas com o espírito de cobiça tentado por uma esperança de fazer fortuna rápida e fácil.

Por esses motivos raros são os que de lá voltam e descrevem o que viram. Em Manaus tivemos certa dificuldade em convencer aos amigos que lá fôramos exclusivamente a passeio. A muitos pareceu que tínhamos ido explorar o terreno ou tentar a sorte, tão estranho foi o nosso espontâ-

neo aparecimento. Para confirmação do nosso acerto basta lembrar que o rio Amazonas só é conhecido pelas descrições de viajantes estrangeiros, e as cidades pelas dos seus próprios filhos ou de sua imprensa.

Partindo de Belém para Manaus é que começamos propriamente a nossa viagem de turistas acidentais. Tomamos logo a deliberação de observar com o intento de reproduzir.

Nossas narrativas limitam-se, pois, às impressões colhidas no famoso estuário, que pela primeira vez sulcávamos, e nos Estados do Amazonas, Pará e Maranhão.

Nossa demora neste último Estado foi mais longa, e é natural que o conheçamos melhor. Tivemos mais tempo de lhe admirar o povo e de nos deixar encantar por sua natureza e seu firmamento, mais lindo do que o de qualquer outra parte.

O verso de Gonçalves Dias

Nosso céu tem mais estrelas

deve ter sido escrito com o pensamento voltado para o céu do Maranhão. De fato, o céu daquelas paragens tem mais estrelas, como a terra maranhense tem mais poetas que as compreendam e cantem.

Admira mesmo que Olavo Bilac, o eterno namorado daqueles astros celestes, não tenha nascido em terras do Maranhão. Ser-nos-ia mais fácil compreender as tendências do seu espírito e as fantasias do seu amor.

Verdade é que ele se fez irmão espiritual de Coelho Neto, inspirado poeta e insigne prosador maranhense, que, com a sua fertilidade pasmosa, faz admirar os fulgores de sua inteligência ao mesmo tempo em todo o Brasil.

Fique aos sábios o explicar por que tem o céu do Maranhão mais estrelas, suas estrelas mais brilho, ou por que é a sua atmosfera mais límpida e diáfana.

Parece-nos, entretanto, que, se as estrelas de lá brilham mais é porque mais abrem os olhos para melhor ver o berço de Gonçalves Dias, e para mais admirar o país dos vates.

Esta explicação nos basta.

O mar das costas maranhenses é revolto e mau. Gera animais ferozes que espream os marujos nos ancoradouros e, com as suas marés de

mais de oito metros de altura, vive fazendo investidas e agressões ruidosas as praias. E' que ele tem ciúmes do céu que requesta o autor dos maranhenses. A sua vingança já foi um dia impiedosa, devorando o corpo de Gonçalves Dias, o mais notável poeta brasileiro.

E' o despeito que rala a enraivece o mar do Norte, assim como no Sul é a ausência de Minas que o torna triste, porque na frase feliz de Américo Lobo, se o mar por estas bandas soluça e geme é porque Minas fica distante.

No vale do Amazonas a natureza não foi menos pródiga, mas a sua literatura não é tão farta que possa rivalizar com a da *Arcádia Brasileira*.

NO AMAZONAS

.....

Subindo o Amazonas

ESTE belo rio tem sido visitado por escritores de alta nomeada em todos os ramos de conhecimento humano e especialmente por geógrafos e naturalistas, que sobre ele têm escrito longas obras. As de Humboldt, de Spix e de Martius, são as mais faladas pela notoriedade de seus autores, mas nem por isso são bastante lidas, pois só as conhece um público diminuto, posto que seletivo: os naturalistas. As descrições mais vulgarizadas e sabidas são as de Coudreau (dois franceses, marido e mulher) e mais ainda as de Agassiz. Nosso juízo anterior sobre o Amazonas era limitado por elementares e minguados estudos de geografia e história, noções de ciências naturais e pelos conhecimentos úteis divulgados pela imprensa diária.

A impressão que se tem ao deixar o oceano para entrar no Amazonas é a que deve ter tido Vicente Yáñez Pinson, primeiro navegante que sulcara aquelas plagas, antes mesmo que Cabral arribasse a Porto Seguro: – parece que se entra em uma vasta baía, cujo fundo não é visto, por estar longe.

Os marinheiros devem conhecer pela cor das águas e direção das correntes que a sua nau mudou de leito; os viajantes incautos, esses, porém, só se aperceberão disso se lhes for dado provar o sabor que as águas têm. O próprio movimento das ondas não é muito diferente na

foz do Amazonas e nas praias do mar. Mas, enfim, ao cabo de algum tempo, já no curso franco do rio, se vê que a corrente mantém por toda a parte direção homogênea, de propulsão continuada como a dos rios e não como a das ondas. A vizinhança das margens facilita o conhecimento da situação exata.

O Amazonas é o mais majestoso rio do mundo, não só pelo volume de suas águas como também pela superfície que elas cobrem. Nasce, segundo uns, do lago Lauricocha, e segundo outros, tem sua origem no rio Nupe, em território peruano. Em Pongo de Manseriche tem de largura apenas 25 metros; pouco abaixo, em Bracamoros, 400; em Tabatinga, fronteira do Brasil, 2.775; na confluência do Madeira 5.000 metros, na do Xingu 13.000, em Óbidos apenas 1.892 e na foz (entre a ilha de Maracá e a ponta do Maguari) 291.078 metros ou 48 ½ léguas das de 6 quilômetros.

A bacia amazônica tem cerca de 7.000.000 de quilômetros quadrados, sendo 5.400.000 em terras brasileiras.

Segundo a opinião dos navegantes, a velocidade da corrente é de 3 a 4 milhas por hora. É o que se ouve dizer em viagem.

A sua profundidade varia conforme os lugares: – é de 75 metros no estreito de Óbidos; dá franca passagem a navios de 4.500 toneladas até Manaus, e de 2.500 até Iquitos.

Calcula-se em 250 milhões de metros cúbicos o volume que ele despeja por hora no oceano.

O colossal rio corre sempre entre florestas inundadas. Não há barrancas. Pelo menos, só as vimos na zona limítrofe dos Estados do Pará e do Amazonas. Também, a não ser Óbidos, nunca se avista ao mesmo tempo as duas margens. Ilhas sem número e de todas as dimensões, quase todas línguas de terras, oblongas e dispostas na direção da corrente, dividem o rio em outros tantos canais a que dão nome de – *paranáds*. Todas as ilhas têm denominações próprias, servem de marcos naturais à navegação, e já suas margens são bem mais povoadas do que esperávamos. Essas linhas devem ser constituídas por terrenos de aluvião e de grande fertilidade. Quanto a plantações ... só raramente são vistas, e em geral são sempre cacauais – que ficam nos lugares um pouco mais altos.



Seringal Belém

As casas, verdadeiras palhoças que lembram as habitações lacustres dos primitivos homens, cobertas de folhas de palmeiras, são todas construídas sobre estacas e, apesar disso, nas grandes enchentes, são muitas vezes destruídas pela inundação. Há, por isso, muito casebre abandonado.

Pouco depois de se sair de Belém atravessa-se a baía de Marajó, em cujo centro tem a gente a mais ilusória convicção de estar em meio do oceano. Não lhe falta nem mesmo o vento rijo a açoitar as águas e levantar as ondas. Pouco adiante começa-se a passar pelas vizinhanças das margens, procuradas na subida pelos comandantes porque a correnteza, junto delas, por ser menos forte não atrasa a viagem. Desta sorte pode-se melhor examinar as florestas. O primeiro fato que nos causa certa admiração é que as matas ribeirinhas não são tão elevadas como supúnhamos. Tantas vezes tínhamos ouvido falar nos troncos gigantes das margens do Amazonas, que cuidávamos que as suas matas excedessem muito em altura às nossas matas do Sul. Entretanto, o dr. Huber, do Museu Goeldi, nos disse que encontrou em algumas árvores do estreito de Breves altura de 45 metros!

Esta não parece, porém, ser a regra geral. Acreditamos que as matas virgens do Sul não ficariam mal em cotejo com as do vale do Amazonas.

Basta lembrar que, geralmente, as palmeiras não são muito elevadas quando se acham no meio das matas e que as outras árvores pouco lhe excedem na altura.

Também ordinariamente os troncos das árvores não são tão retos como cá pelo Sul, no interior das matas virgens.

Em certas zonas a perspectiva muda frequentemente para quem acompanha com a vista as margens e o desenvolvimento das árvores: – aqui predominam as palmeiras com sua enorme variedade de caules e de folhagem; mais adiante acusa o arvoredo menos homogeneidade. De quando em quando se encontram árvores que apresentam manchas brancas no tronco, de um colorido verde claro na folhagem, e que logo são apontadas como exemplares da famosa seringueira.

Junto delas é frequente achar-se um jirau composto de três ou quatro forquilhas e de outras tantas travessas, de cima das quais pode o seringueiro fazer mais alto as incisões e lá espetar a sua tigelinha de folha para colher a preciosa seiva.

No meio daquela variedade de palmeiras nota-se que espécies determinadas predominam. Ora é a juçara ou açai, com o seu caule muito fino e reto deitando folhas pequenas, que não estão em relação com a altura do vegetal mas que guardam perfeita harmonia com a delicadeza do tronco; ora são touceiras de buriti que se sucedem, ostentando belos cachos de coco vermelho escuro, do tamanho de um ovo de galinha, protegido por escamas artisticamente imbricadas; ora as pupunhas que se reúnem, mais longe é o coco babaçu, o inajá ou o espinhoso tucum, que se apresentam. A variedade de palmeiras é extraordinária, parecendo que disputam entre si o prêmio de beleza.

umas apresentam nas folhas a disposição em leque; em outras as folhas nascem serpeando o caule; algumas têm nas folhas em forma de ventarola e finalmente outras semelham exatamente um espanador de longa haste, fincado no meio da floresta. É um espetáculo sedutor o da variedade e beleza das palmeiras do Amazonas.

Em certos lugares elas quase desaparecem, e o viajante lhes sente a falta, porque o espetáculo da floresta não tem o mesmo encanto e se torna logo monótono por sua perpétua continuidade. O interesse é apenas despertado pela aparição das seringueiras.

Quem está habituado a ver as extensas culturas de café, cana, cereais, cá por São Paulo, e ouve falar em seringueiras do Amazonas, embora saiba que se não trata de árvores plantadas, cuida encontrar largas extensões, cobertas pela *hevea brasiliensis*, outrora denominada *sifonia elastica*. Nada é menos exato. A julgar pelo que se vê nas margens do rio, a

seringueira deve estar para os outros vegetais talvez na proporção de um para mil, isto é, deve-se procurar aquela árvore nas florestas como quem procura agulha em palheiro.

Decerto, este cálculo nada tem de positivo, porque nenhuma base sólida o sustenta, a não ser a falaz estimativa. Ainda assim, de modo algum tal cálculo poderá amesquinhar a riqueza daquela zona. A proporção ainda seria muito vantajosa porque talvez haja mais árvores naquelas densas matas e naquelas férteis do que gotas de água naquele suntuoso mar insosso.

II

O vale do Amazonas é uma extensa planície de terras alagadiças. Não se descortina senão um limitado horizonte, composto, é exato, de três quantidades incomensuráveis – a abóbada infinita, o rio inesgotável e a floresta. Nem uma serra, nem uma barranca para mudar a perspectiva; de sorte que, à força de se repetir, todo aquele belo quadro acaba por se tornar monótono.

Por isso, a atenção do viajante abandona a natureza para observar coisas menos belas, mas não menos interessantes.

A princípio são as madeiras arrastadas pela corrente, quase sempre constituídas por velhos cedros que ruíram ao peso dos anos ou cederam terreno às escavações pertinazes das sucessivas enchentes. Naquelas zonas não se tem necessidade de ir ao mato torrar madeira. Ela vem descendo pelo rio e assim se entrega ao laço como o peixe ao anzol.

De quando em quando avista-se uma ilha movediça, levada pela corrente: – é uma touceira de gramíneas que as águas deslocaram das margens e vão levando consigo. Os gomos dessas gramíneas são às vezes quase tão longos e grossos como os da cana-do-reino.

Outras ilhotas menores são formadas por ninfas de largas folhas, ou por outras plantas aquáticas.

A cada passo topam-se pirogas ou pequenas canoas em forma de charuto, cujo tripulante, um caboclo, em pé e de arco em punho, espreita a tartaruga que descuidosa vem flutuar e que uma fisga partida do arco vai certamente prender.

Curiosa a caça da tartaruga: – a fiska ou arpão é ligada a um longo cordel enrolado; atirada pelo arco, atravessa o casco da tartaruga, só ficando ao caçador o trabalho de arrastar o réptil para junto da canoa e de segurá-lo com as mãos.

A tartaruga é na Amazônia o alimento mais fácil e mais procurado pela população ribeirinha.

Ouvimos dizer em Manaus que da tartaruga fazem os bons cozinheiros: – carne de porco, carne de vaca, galinha e peixe, conforme o molho que lhe ajuntam. Se há hipérbole nessa afirmativa ela existe no molho e não nas pacíficas tartarugas.

Há, porém, um fundo de verdade nesse exagero: – é que os pratos, à mesa dos caboclos e dos cearenses ribeirinhos, são variados à custa de um único manjar – a tartaruga.

O dr. Goeldi, do Museu Paraense, já protestou contra esta devastação feita ao inocente quelônio, mas em vão. Até mesmo a perpetuidade da espécie não está bem ao abrigo da voracidade humana. Os ovos das tartarugas são muito apreciados e entram em grande parte na base da alimentação, nas épocas da postura. O que salva a espécie é que essa postura costuma ser farta. A tartaruga deixa na praia de uma só vez 50 ovos, o que, infelizmente para ela e felizmente para os habitantes daquela zona, facilita a colheita. Dos ovos da tartaruga aproveita-se somente a gema, visto que a clara tem a propriedade de se não coagular facilmente ao calor.

A gema parece a do ovo de galinha; é, porém, muito oleosa, o que não impede de ter sabor agradável.

O cair da tarde tem para o viajante um novo atrativo.

É a passagem das aves que nessa hora vão quase sempre da margem direita para a esquerda do rio. Chamam a atenção pelo número e variedade as marrecas e os patos selvagens, dos mais belos matizes e dos mais diversos tamanhos.

Mais adiante são os socós, os guarás (encarnados, róseos ou de cor salmão) e as garças cinzentas, pequenas ou grandes, e brancas (garça-real), com seus longos bicos pescadores; as jaçanãs, azuis ou de crista-de-galo, etc., etc.

As maitacas que passam em grandes bandos, e os papagaios e periquitos, pousados nas extremidades das mais altas árvores, fazem uma gritaria que parece um protesto à curiosidade dos homens que lhes veio perturbar o sossego e interromper o eterno idílio.

A direção seguida pela maioria das aves faz crer que os seus ninhos, o seu *ubi*, está situado na margem esquerda do rio (direita de quem sobe), talvez porque sejam ali menos incomodadas, e que o seu repasto é feito nas ilhas ou na margem direita, talvez mais férteis em frutos e de lagos mais piscosos. O que é exato é que pela manhã a direção é invertida; passam de norte a sul.

*

Dissemos há pouco que a constituição, a natureza, a perspectiva das florestas mudavam algumas vezes e especialmente em relação à abundância e variedade de palmeiras. Coisa semelhante se dá com relação à fauna do rio, e nem de outro modo se poderia compreender que fosse tão avultado o número de espécies que o habitam. Agassiz calculou que deveriam existir 1.800 espécies; o dr. Goeldi, porém, ainda não tinha encontrado mais de umas 600 até dois ou três anos atrás. Já é muito, mas não deve ser tudo. Esta é, porém, uma noção que só se adquire pela leitura ou pela demora em vários pontos do rio. Botos em abundância só foram vistos em Santarém, pois não os avistamos em nenhuma outra paragem.

Não tivemos ocasião de ver os afamados jacarés, que, segundo nos disseram, são mais comuns nas margens dos pequenos rios, afluentes do Alto Amazonas.

Em Belém, tivemos oportunidade de provar alguns peixes do rio e especialmente o camurim, que era raro *dar ponto* nos cardápios do hotel, e em Manaus, além da tartaruga, saboreamos o tambaqui e o afamado tucunaré.

O valor do verbo que empregamos já deixa entrever o nosso juízo sobre esses pratos do Norte. Nos mercados de Manaus vimos secos ao fogo (semitostados) e expostos à venda grandes exemplares de pirarucu, o bacalhau indígena, e uma cabeça do célebre peixe-boi.

A não ser a ausência das ventas, nenhuma diferença mais é sensível do focinho de um destes soberbos animais para o de um bovídeo.

Também foi a única coisa barata que encontramos no mercado de Manaus. A enorme cabeça foi vendida em nossa presença por 2\$000. Um tucunaré de pouco mais de dois palmos custava de 15 a 20\$000 réis, e um tambaqui pouco menos.

O pirarucu é pescado em grande escala no baixo Amazonas e especialmente nas vizinhanças de Belém, e depois de seco é todo consumido pelos seringueiros dos pequenos afluentes do Alto Amazonas. Dizem que é superior em paladar ao bacalhau.

O Estreito de Breves é uma das regiões mais lindas da viagem. Não é um estreito compreendido entre duas margens do rio, mas entre margens de várias ilhas. É ponto quase forçado para os navios que sulcam o Amazonas, não só porque encurta muito a viagem, como porque o estreito tem bastante fundo e diminui as preocupações dos comandantes e práticos. As margens do Estreito são mais habitadas do que as outras zonas, e isto por duas razões de suma importância, a abundância que há aí de seringueiras e a facilidade das comunicações. Segundo lemos em livros que nos foram fornecidos no Pará, o município de Breves é o mais importante em exportação de goma-elástica.

Na passagem pelo estreito de Breves encontram-se a cada passo navios de todos os calados, navegando em sentido oposto ou na mesma direção. É já tempo de lembrar que o Amazonas é hoje visitado por grande número de navios de nações européias e da América do Norte: – Booth Line, Hamburg-America Line, Hamburg Sudamericanische, Ligure Brasileira, além dos navios do Lóide Brasileiro, da Empresa Freitas, duas ou três companhias do Pará e duas do Maranhão. Entre as do Pará, a Companhia do Amazonas, fundada com capitães ingleses, dispõe de um avultado número de navios de pequeno calado e fundo chato, que levam mercadorias aos seus menores afluentes e deles trazem produtos, especialmente borraça, cacau e castanhas, açúcar, mel, farinha, peixe, etc. No Pará, como no Amazonas, muitos armadores e casas comerciais gozam de subvenção para fazerem navegar os navios pelo interior.

O encontro frequente dos navios e pequenos barcos torna encantadora a passagem pelo Estreito de Breves, passagem que de si já é belíssima, porque podendo o navio aproximar-se da margem fornece ocasião de se examinar de perto a vegetação amazônica. Admiram-se então

as palmeiras; pode-se quase fazer estudos de botânica e história natural; veem-se os habitantes e particularmente as crianças saírem de suas casas para saudar os viajantes e fica-se fazendo uma ideia da vida daquela boa gente.

O navio vai levantando ondas sucessivas, miniaturas da poro-roca, e que correm de encontro à corrente. Essas ondas, lançando com certo ímpeto as águas pela floresta, produzem um ruído semelhante ao do incêndio de um taquaral: – uma sucessão de estalidos, como se as águas quebrassem pequenos arbustos.

Essas ondulações também provocam as crianças que, quando avistam o navio, tomam uma canoa e vão com ela afrontar e cortar as ondas, para sentir-lhes o balanço.

Só assim terão elas a sensação de achar-se em alto-mar, porque as águas do rio são sempre serenas, pouco menos que as de um lago.

Como o município é fértil em borracha, parece que há nas margens do Estreito mais gente branca do que caboclos. São os portugueses e cearenses, que não se arriscam às empreitadas dos pequenos rios, mais ricos ainda em borracha, mas situados em regiões mais insalubres. Também no Estreito o rio é mais tortuoso e cheio de sinuosidades, o que faz que o surto dos navios seja mais inesperado. A surpresa é sempre um elemento de sucesso para o espírito que observa, e disso se tem prova na fisionomia dos viajantes que se cruzam e trocam saudações.

Quando são navios de maior calado que passam uns pelos outros, as bandeiras são arreadas no mastro da ré; quando um deles é dos menores, chamados *gaiolas*, o maior não lhe dá a confiança de corresponder ao cumprimento.

Referimo-nos há pouco às plantações de cacau. Poucas são as que se mostram bem tratadas.

Uma entre elas parece, contudo, ter sido cuidada com mais zelo: – a da casa Menier, de Paris. É bonita a casa de morada, as terras são mais elevadas e menos sujeitas a inundações, e em alguns dos seus pastos se avistam criações, que denotam conforto alimentar por parte dos seus moradores.

Várias vezes ouvimos dizer que a enchente foi excessiva neste ano e que muitos fazendeiros perderam o seu gado.

As enchentes do Amazonas são dignas de menção. O rio cresce em dezembro a junho e leva seis meses a vaziar.

O povo acredita que a vazante começa invariavelmente no dia 24 de junho, dia de São João. Não é porém provável que o rio tenha no bojo um calendário. Segundo afirma o barão de Marajó, as enchentes do grande rio não são uniformes nem simultâneas. No Solimões elas têm seu apogeu em fevereiro e no baixo Amazonas em abril. Isto não quer, decerto, dizer que o rio gaste três meses a correr para vir da parte alta à parte baixa, mas que transborda e inunda as vizinhanças, nas cabeceiras, um trimestre antes que o fenômeno surja na foz. Espraçando-se em cima, a parte que transborda perde a correnteza, paralisa-se e custa ganhar de novo o álveo, para vir seguindo o seu curso natural. De outra forma não se compreenderia que levasse tanto tempo em vencer as distâncias com uma correnteza de 3 a 4 milhas por hora.

Manaus, situada pouco acima da foz do rio Negro, está apenas a 32 metros acima do nível do mar e dista da foz do Amazonas nada menos de 1.533 quilômetros, ou 255 léguas e meia, das nossas de 6 quilômetros. O Amazonas tem pois um declive diminutíssimo. Se não fosse o vento e o volume colossal de suas águas, a sua superfície deveria ter a serenidade perfeita de um lago. Não obstante, os ramos que passam, os troncos que a corrente leva e as ilhas flutuantes de gramíneas deixam ver claramente a direção e a força da corrente.

O tempo da viagem prova-o também exuberantemente.

Os navios do Lóide vão de Belém a Manaus em 4 dias e voltam em 2, com a mesma força nas máquinas.

Tão pequena declividade causa ainda mais admiração quando se considera que as marés fazem sentir a sua influência até Óbidos, a 857 quilômetros da costa e que a diferença entre a maior baixa do rio e a maior enchente é de 17 metros. Em Manaus a diferença chega ainda a ser de 14 metros.



Seringal Eldorado

Calcule-se essa imensa massa de água inundando florestas, transformando as planícies sem fim em vastos mares arborizados, e chegar-se-á à convicção de que a largura do Amazonas não tem limites exatos, porque tais limites, sempre móveis, pode distanciar-se indefinidamente.

Quanta grandeza existe no nosso caro Brasil! E tudo isso apenas em um dos seus encantos, no extremo norte!

Falávamos da largura do Amazonas e agora falaremos da sua profundidade. Já dissemos que ela é desigual. Pois bem, os geógrafos e navegantes afirmam que em alguns pontos a profundidade do rio chega a 500 metros. Portanto, o álveo do rio fica, nesses pontos, muito abaixo do nível do mar, e é bem provável que, ao menos até Manaus, o seu fundo seja sempre inferior àquele nível.

Se admitíssemos a hipótese absurda de secar o rio (e se não o faz é porque não está no Ceará), as águas do oceano invadiriam o leito abandonado pela água doce e a navegação não sofreria dano irreparável. É o que a leitura e o raciocínio deixam prever.

O navio em que subimos (*Brasil*, do Lóide Brasileiro) de 2 a 6 de agosto, apenas fez escala em Santarém, a 694 quilômetros de Belém. É uma cidade florescente, que exporta borracha, cacau, pirarucu, e produtos cerâmicos; fica pouco abaixo da confluência do Tapajós com o Amazonas, em território do Pará, e os paraenses esperam que ela venha a ser mais tarde o empório do comércio de Mato Grosso. Em suas vizinhanças existe uma colônia americana, que lá se estabeleceu depois da guerra de secessão dos Estados Unidos.

Compramos, como curiosidade da terra, cujas bordadas a canivete e caprichosamente polidas, e figuras de guaraná.

Este produto impõe-se por alguns momentos à atenção do leitor, porque é pouco conhecido no Sul, a não ser pelos médicos e farmacêuticos, ou então pelos nortistas.

O guaraná é preparado com o fruto de um cipó, a *Paulinia sorbilis*, da família das sapindáceas. As sementes parecem pequenas nozes de castanha, e são de tamanho pouco superior ao dos grãos de café.

Os índios preparavam uma pasta sujeitando primeiramente as sementes a uma rápida torrefação (para facilitar o deslocamento da película) e mantendo-as depois em um saco que era agitado ou sovado por um bastão. Em seguida esmagavam as sementes entre as pedras aquecidas, misturavam água ao pó, cacau, e farinha de mandioca, que lhe dava a forma da pasta, e terminavam por fazer desta bastões.

Hoje o processo é o mesmo, com a diferença de que já não são mais os índios que preparam o guaraná. Os filhos de Santarém e de Manaus lhe dão os modelos mais graciosos, como, por exemplo, formas de animais – tartarugas, crocodilos, cobras e lagartos; formas de frutas: – ananases, cacau, etc.

As formas são dadas enquanto a massa está mole; depois, com a exposição ao sol ou ao tempo, o guaraná toma uma consistência muito dura e só se pode usá-lo ralado ou raspado. É um refresco muito agradável e goza de bom conceito por suas virtudes medicinais nas enfermidades dos intestinos, especialmente na disenteria.

O que torna o guaraná digno de nota é a sua riqueza em cafeína.

Enquanto contém o café apenas 1% de cafeína, o mate 2%, a noz de cola 3%, o chá da Índia 4%, o guaraná contém nada menos de 5%.

O guaraná encerra também um óleo fixo, um óleo volátil, goma, amido e tanino especial que o torna adstringente.

Tão fácil e tão agradável é o uso desse refresco que nos não furamos ao desejo de o recomendar aos habitantes de S. Paulo, tão incomodados, às vezes, por perturbações intestinais.

Damos de graça a receita e ainda pedimos desculpa de sair do nosso programa e falar em assuntos da exclusiva esfera da medicina.

É que o uso do cachimbo faz a boca torta, ainda que esta seja a de um médico.

III

Continuando a nossa viagem passamos também à vista de Parintins, já em território do Amazonas e isso depois de ter deixado no limite dos dois estados umas barracas um tanto mais elevadas na margem do rio e com pretensões a serra.

Parintins exporta os mesmos produtos que Santarém e mais o fumo, que dizem ser de superior qualidade, e óleo de copaíba.

Como não fizemos escala, o que nos chamou a atenção foram as barracas dos soldados.

Com efeito lá estava aquartelado um dos batalhões que tinham ido fazer caretas ao Peru, de longe, e que estavam sendo dizimados, antes que os peruanos se intimidassem, pelo impatriótico beribéri.

Falar do beribéri é fazer lembrar o impaludismo, o espantinho do Amazonas, e isso nos leva a dizer algumas palavras sobre o clima da região amazônica.

A palavra clima não desperta em todos as mesmas noções. Como diz Jules Rochard, para o astrônomo, o clima é uma faixa de terra compreendida entre dois paralelos; para os meteorologistas, é uma zona na qual todos os pontos apresentam as mesmas condições de temperatura; para os botânicos e agricultores, o clima é subordinado à flora e ao gênero de cultura dos diferentes países; finalmente em higiene, o clima é, para uns, a maneira de ser habitual da atmosfera de um país (subordinado à fórmula meteorológica), e para outros (inclusive Rochard) é um conjunto das modificações impressas à vida sob a influencia dos ares, das águas e dos lugares.

Estes três elementos ares, águas e lugares são títulos de três grandes obras do velho Hipócrates, o que prova que as grandes verdades atravessam imperturbável e desassombadamente os séculos. Adquire a ciência novos conhecimentos, que mudam às vezes a face das questões, mas que

precisamos ter em grande conta pequenos seres, micróbios ou esporozoários que exigem as mesmas condições meteorológicas para a sua existência e prosperidade, e que modificam com a sua presença, não diremos o clima, mas a salubridade de uma região. O hematozoário ou plasmódio que gera o impaludismo está perfeitamente neste caso.

Considerado mais particularmente sob o ponto de vista meteorológico, sabe-se que o clima da região amazônica é quente e úmido, amenizado constantemente por uma brisa de direção oposta à do rio.

Acredita muita gente que esse clima é insuportável. Nada mais inexato. É excessivamente quente em certas horas do dia, mas será pouco mais sufocante do que o clima do Rio de Janeiro e de Santos em certas ocasiões. O pior é somente que o calor mais intenso durante maior número de horas no dia e por muitos meses mais durante o ano. Varia de 22 a 33 graus. O clima do Amazonas é modificado, como há pouco lembrávamos, por dois fatores acidentais que atuam sinergicamente, comprometendo a sua salubridade em algumas zonas: são o hematozoário de Laveran e os mosquitos (anófeles de diversas espécies). Um determina o impaludismo e o outro o inocula.

Calar este fato seria obscurecer a verdade, porque em todos os tempos se tem registrado o impaludismo no Amazonas e ainda agora voltam de lá os nossos bravos soldados sofrendo dessa enfermidade. Mas o que também é exato é que não é por toda a parte que existe o impaludismo, por faltar-lhe um ou ambos dos elementos indispensáveis à sua existência.

Um de nós tinha encomendado a um amigo que vai sempre a Manaus, como maquinista de navios mercantes, que trouxesse mosquitos apanhados no Amazonas durante a viagem e, com certo espanto, esses mosquitos nunca vinham. A razão disso fomos tê-la: é que de Belém a Manaus ninguém é incomodado por estes perigosos insetos.

Tínhamo-nos munido de mosquiteiros para a viagem, e vimos que, ao menos para chegar até Manaus, essa boa precaução é inútil. Os navios passam bem junto das margens e outros insetos ou mesmo mosquitos que não são transmissores do impaludismo (ou de outra moléstia) penetram às vezes nos camarotes.

É dogma hoje em patologia que sem o mosquito anófeles, e muito especialmente sem o hematozoário de Laveran, não há impaludismo, e o fato tem sido confirmado no Amazonas, como em todo o mundo.

Excetuando o incômodo do calor, a viagem nenhum perigo tem até Manaus, e disso é prova o grande número de pessoas que lá vão e de lá voltam incólumes e até de muitos que por lá viajam frequentemente, como as guarnições dos navios mercantes.

O mesmo já não acontece no interior das matas, especialmente nas margens dos pequenos afluentes, que, por infelicidade, são os mais férteis em borracha.

O povo, com a sua observação sagaz e sua mnemotécnica intuitiva, diz que os rios de nomes terminados em *y* são os mais paludosos: o Matary, Macary, Sucunday, Madeira (antigo Cayary), Itaquy, Coary, Jutahy, Javary e especialmente o Acre ou Aquiry.*

Deve haver alguma coisa de exato nessa observação, sem que se lhe possa dar um grande valor real.

Felizmente o impaludismo é hoje moléstia bem conhecida em seu modo de transmissão, e por isso perfeitamente evitável.

Não é pratica a exigência de se munir cada um, em trabalho, de defesas contra os mosquitos; como, porém, sem doente anterior a picada do mosquito é inocente, não seria difícil estabelecer a proteção do doente, mormente quando este está de cama. Tendo o mosquito picado pessoas sãs nada pode transmitir; se tiver picado um doente de impaludismo, transmitirá quase inevitavelmente o impaludismo. Sem ser perigoso *diretamente* por sua moléstia, o doente se torna, apesar disso, um foco de infecção para a família. As crenças especialmente ficam sujeitas a adoecer por esse modo, já que provavelmente andam mais abrigadas dentro de casa.

É sempre um consolo saber que uma determinada moléstia pode ser evitada e conhecer como se deve evitá-la.

O governo daquelas bandas, em vez de querer demonstrar que no Amazonas não existe o impaludismo, o que ninguém tomaria a sério, deveria estabelecer uma propaganda tenaz, ensinado o povo a evitar a moléstia, e convencendo-o da eficácia das medidas aconselhadas.

* A ortografia oficial determina que os vocábulos antes escritos com *y* tenham esta letra substituída pelo *i*. (Nota desta edição.)

Foi com pesar que encontramos muitos viajantes, dos centros mais paludosos do Amazonas, que zombavam dos novos acontecimentos da medicina em relação ao impaludismo.

– São histórias para intimidar crenças, dizia-nos um deles, homem formado, para quem os micróbios são fantasias do microscópio, como os fantasmas são produtos da fantasia humana.

Tão felizes não somos de saber com a mesma exatidão como se transmite o beribéri. Sabemos que é moléstia regional; vemos que ela se entoa mesmo numa pequeníssima zona, a bordo de um navio, mas ignoramos como se transmite, e temos o dissabor de presenciar que a desinfecção, garantia contra tantas outras moléstias, pouco vale contra o beribéri.

Quando estivemos em Manaus, havia por lá muito pouco beribéri, disseram-nos os clínicos, e verificamos o fato em seus hospitais; – de sorte que tivemos o desgosto de ver que navios da armada brasileira, especialmente o *Almirante Barroso*, lá estavam no porto comprometendo os foros de salubridade da capital amazonense e ameaçando contaminá-la. O certo é que, portanto, ninguém pode afirmar se os marinheiros do *Barroso* contraíram o beribéri em Manaus ou se naquela o levavam consigo pra lá. Que o foco era o navio, não pode haver dúvida. O *Barroso* fez baixar num dia vinte doentes para os hospitais da cidade e esta quase não tinha doentes. Os oficiais que pernoitavam em terra, esses gozavam boa saúde.

Seria também algum mosquito o transmissor do beribéri? É o que não sabemos e o que não nos repugnaria crer.

Poderá parecer a alguém que o que acabamos de dizer interessa mais em particular aos médicos; não é isto bem exato. São noções de suma importância para os habitantes do Vale do Amazonas, e que deveriam, bem desenvolvidas, constituir lições de coisas naquela região. Todos deviam temer o mosquito por causa do impaludismo.

O futuro será do Amazonas, e se o presente já não o é, tem culpa exclusivamente o impaludismo.

Estamos quase a chegar a Manaus, e antes de deixar o Amazonas, uma nova surpresa de viagem nos espera: a barra dos rios Negro e Solimões.

Os dois rios se reúnem poucos quilômetros antes de chegar a Manaus. A gente vem já habituada com a cor das águas do Amazonas, sempre barrentas, sempre sujas, e ao chegar ao rio Negro é forçosamente levado a admirar o contraste que entre si apresentam os dois rios, de um lado (o esquerdo de quem sobe), o Solimões, com as águas de aspecto inteiramente igual ao das águas do Amazonas, e do outro a corrente de azeviche do rio Negro.

Não há exagero em lembrar a cor do azeviche: visto de longe e em amplo relance, o rio Negro semelha um mar de tinta; visto de mais perto, e, sobretudo examinado-se as ondas que a quilha do navio em sua marcha levanta e as águas que salpicam, se reconhece logo que o seu reflexo é de um amarelo tirante a preto, cor de topázio escuro. As águas do rio Negro são muito menos sujas do que as do Solimões e parece que, se não fosse o seu matiz, a visão poderia penetrá-las até o fundo do rio ou, pelo menos, a grande profundidade.

As águas não se misturam com facilidade: as correntes, encontrando-se, produzem uma linha de separação, a resultante das duas forças em luta.

As águas do rio Negro têm menos ímpeto ou menos coesão, porque às vezes se encontram do lado do Solimões círculos de água negra, sitiados pelas águas barrentas do Solimões, e o inverso não se dá do lado do rio Negro. Reconhece-se com facilidade que o volume das águas do Solimões é maior, tanto que, em pouco tempo, apesar da luta, o Solimões leva de vencida o rio Negro, e a cor que predomina é a daquele.

Na ocasião das grandes enchentes tem o Solimões uma correnteza muito mais impetuosa ainda e mais forte, tanto que parece barrar inteiramente o rio Negro, cujas águas perdem a cor numa reta mais aproximada da transversa. É o que afirma Agassiz, e que nós, porém, não tivemos ocasião de presenciar.

O espetáculo da luta entre aquelas grandes massas de água é mais do que belo. É simplesmente sedutor. De nada vale estar prevenido pela leitura ou pela conversa, é sempre um encanto presenciar o curioso fenômeno.

A que será devido a cor das águas do rio Negro? A muitos ela tem admirado e encantado; mas ninguém, que o saibamos, procurou explicar-lhe a causa. A cor do leito do rio, ou a natureza do terreno em que corre, não é a sua determinante, não só porque a mudança não deveria ser

tão brusca, como porque a profundidade variável do rio influiria certamente sobre o seu matriz, o que não acontece. As águas colhidas em um copo parecem transparentes e límpidas. No entanto, é mais que certo que a coloração é própria da água, coloração fraca e que só se acentua nas grandes massas. A bacteriologia explica a cor de certas águas, do mar Vermelho, por exemplo, pela presença de algas coloridas, de micróbios que secretam matérias corantes particulares.

O exame das águas de muitos rios tem demonstrado a presença de germens cromogêneos (*bacillus fluorensces liquefaciens*) de bela coloração verde.

Os drs. Artur Mendonça, Bonilha de Toledo e Carlos Meyer isolaram das águas do rio Tietê e do Pinheiros, nos arredores de S. Paulo, *bacilius violetas* de bellissimo matiz. Muitos outros têm sido isolados em vários rios.

Uma particularidade que se nota nas águas do rio Negro; transparentes dentro de um copo, e coloridas em grandes massas.

É bem provável, portanto, que seja um germen cromogêneo banal (isto é, incapaz de produzir moléstias) o que motiva a bela cor do rio Negro. A cor desaparecia com a diluição provocada pelo grande volume das águas do Solimões ou as águas barrentas deste seriam impróprias para que o germen continue a viver e a secretar matéria corante.

É uma hipótese talvez gratuita, mas só o futuro dirá se temos ou não razão.

É possível que esta hipótese cause ao ser enunciada grande perplexidade. A bordo, conversando com um amigo sobre esse assunto, percebemos o seu ar de descrença e até notamos que abandonou a conversa, deixando transparecer um certo gesto de piedade a respeito de um de nós, assim como quem diz: – Está aqui, este maluco, com as suas novidades bacteriológicas...

É novidade a bacteriologia, não há dúvida, mas aparentemente. Se foi Pasteur que em nossos dias lhe deu os elementos de vida e os foros de ciência, de fato a bacteriologia é velha como a Sé de Braga. *Nihil sub sole novum*. As formigas, estes insetos perseguidores dos nossos jardins, aplicam a bacteriologia desde que existem, mas a bacteriologia genuína, clássica e científica. Colhem as folhas que melhor se prestam ao desenvolvimento de

certos cogumelos de que se nutrem, e nelas cultivam o seu futuro alimento. Pensa-se em geral que a formiga se alimenta do parênquima das folhas, quando o seu manjar custa bem mais a conseguir.

Fazem científica seleção dos produtos de que os cogumelos se alimentam, as folhas, e o fazem também sementes – os próprios cogumelos. Isso denota mais uma vez a superioridade do cérebro da formiga, como denota que a bacteriologia só é novidade como conhecimento humano. E', da formiga, noção de coisas já velhas, pois constitui o padre-nosso, que lhes dá o pão de cada dia.

Se é, pois, e por enquanto, uma hipótese acreditar que o rio Negro deva a cor de suas águas a um micróbio, é possível que amanhã seja isto uma noção banal. Pensava-se também que a fosforescência dos mares fosse devida a fosfatos, isto é, a mariscos em decomposição, pondo em liberdade o fósforo, e hoje se sabe que a fosforescência é propriedade vital de certos micro-organismos.

Algumas centopeias têm também a propriedade de tornar-se luminosas quando fustigadas.

O curioso, que neste caso parece subordinado à vontade do miriápode, está com tudo sob dependência imediata dos micróbios fosforescentes.

Em conclusão, a cor das águas do rio Negro é provavelmente devida a uma flora microbiana ainda desconhecida.

Compete aos bacteriologistas de Manaus estudá-la e descrever, ou então convencer-nos da falsidade da nossa hipótese.

Fomos insensivelmente incluindo coisas diminutíssimas em nossas impressões sobre o grandioso rio Amazonas: – formigas e micróbios. É que os extremos se tocam e, demais, toda a grandeza é relativa. Uma gota de água está para um micróbio como um copo de água para uma formiga e como o oceano para o Amazonas.

A gota e o copo de água são mares para o micróbio e para a formiga, e o oceano deixa a grandeza do Amazonas a perder de vista, tanto que o majestoso rio gastaria nada menos de cinco milhões de anos para cobrir uma superfície de capacidade igual à dos mares, muitos mil anos mais do que as formigas levariam a devastar a lavoura e os micróbios a destruir o gênero humano.

Tantos homens ilustres e sábios têm admirado o talento das formigas e a sua maravilhosa organização social, que não é banalidade lembrar seres tão pequenos em assuntos tão cheio de grandezas.

Quanto aos micróbios, acresce que eles revolucionaram, primeiro – toda a medicina, e depois, as ciências em geral.

O conhecimento e a presença deles impõe-se até mesmo aos que viajam e se divertem.

IV

Subimos o Amazonas num navio do Novo Lóide e o descemos num transatlântico da Booth Line, o *Clement*, que nos deixou no Pará.

Vamos dar uma pequena notícia do conforto da viagem, da convivência de bordo e das palestras com os passageiros.

Os navios da Companhia Nacional são muito confortáveis e aseados. É raro que eles se percebam o detestável cheiro de graxa que tanto concorre para causar enjôo. A comida é variada, farta e não é mal preparada. Os camarotes são cômodos, limpos, e alguns deles além do salão corredor que lhes passa pela frente, têm outro salão para música ou jogo. Os da Booth Line têm, porém, camarotes mais vastos, e o serviço de mesa é mais lauto e distinto, não faltando a sobremesa de frutas europeias conservadas no gelo. O asseio não é tão cuidado como nos do Lóide e a própria sala de jantar é aproveitada neles, como nos navios alemães, para salão de música. O *Clement* tem uma minúscula sala de jogo, isto é, de divertimentos.

A vida de bordo é, todavia, muito mais alegre nos navios que demandam a Europa, ou seja porque entre os seus passageiros figuram muitos estrangeiros, de gênio em geral mais alegre do que os brasileiros, ou porque levam famílias de bom humor, já que vão se divertir-se no Velho Mundo. O que é fato é que a vida é tristonha a bordo dos navios do Lóide e alegre nos estrangeiros.

Na descida tivemos, pois, jogos familiares, saraus musicais, que, na subida, foram substituídos por palestras mais ou menos animadas e políticas, e pelo jogo do *poker*. Na ida, quem não jogava se via obrigado a observar a natureza e os seus encantos regionais.

Os companheiros eram em maior número oficiais do exército que se destinavam ao Amazonas, oficiais de marinha que levavam o mesmo

destino ou aspirantes em praticagem de navegação e estudos da costa do Brasil. Estes últimos levavam a melhor parte do seu precioso tempo no passadiço do comandante, preocupados com a navegação.

Referência igual e tão lisonjeira devemos fazer a dois moços guardas-marinha que vieram de Manaus no *S. Salvador* (só os encontramos no Pará, onde tomamos este vapor) e que traziam um mestre e alguns marinheiros doentes de beribéri.

Os distintos rapazes foram de uma dedicação e de um desvelo superiores a todo o elogio. Quando não estavam ao lado de seus doentes, providenciando para que nada faltasse, podiam ser procurados no passadiço do comandante, a espreitar faróis, tomar o rumo e registrar suas observações.

Os oficiais do exército, na ida como na volta, matavam o tempo e a nostalgia no salão do jogo.

Além de oficiais foram nossos companheiros na subida negociantes de Manaus, muitos seringueiros do Acre ou dos rios afluentes do Solimões, alguns viajantes de casas comerciais e alguns outros passageiros macambúzios.

Quando não observamos o rio e a natureza, aproveitávamos o nosso tempo em palestra com os comerciantes de Manaus ou com os seringueiros.

Uns e outros zombavam às vezes da nossa simulada credulidade, mostrando-nos no rio, a cada passo, jacarés e tartarugas, que ninguém mais enxergava, senão eles, ou referindo-nos histórias fantásticas da revolução do Acre, da sua fertilidade e *salubridade*. Era um deles um homem de certa idade, formado em direito e advogado na região do Acre, mas filho do Rio Grande do Sul. A sua prosa era muito agradável, e mais sobressaía nele em sua qualidade de homem inteligente e vivo.

Tinha sido, no seu dizer, secretário e assessor do Galvez na primeira revolução acriana, e *persona grata* de Plácido de Castro na segunda. A ele deviam ser atribuídos todos os sucessos importantes do território que habitava, e como rio-grandense belicoso não se tinha conformado com o Tratado de Petrópolis. Daí as suas amargas e desarrazoadas queixas contra o ministro do Exterior, procurando martelar num estribilho, mas frequente naquela época nas conversas do Amazonas: – “Não havia nenhuma con-

tenda séria com o Peru; o que o governo e o Rio Branco queriam era inutilizar o exército, fazendo-o morrer de beribéri e impaludismo.”

Ninguém se lembrava do sacrifício pecuniário que o governo fazia com a mobilização de forças e nem tampouco que esse intuito perverso atribuído ao governo estava em flagrante contradição com a salubridade da zona, que se procurava alardear. Foi talvez por ter voltado do Amazonas convencido dessas desatinadas conversas que ouvimos de um militar em certa cidade do Norte, já fora da zona que nos ocupa, explosões de indignação contra tanta malvadez do atual governo e como corolário a apologia da ditadura militar. O nosso juízo ficou logo suspenso sobre o estado de equilíbrio mental do infeliz moço e os seguimentos da sua conversa acalorada não tardaram a comprovar a nossa desconfiança. Tinha tido o impaludismo no Acre e não se quis tratar com o quinino que, na sua opinião competente, não o cura.

Deveu a vida a um curandeiro que lhe ministrou um clister de pimenta. Era decerto o efeito de tal remédio que ainda lhe trazia tão ardente a imaginação e tão perturbadas as noções de ordem, disciplina e patriotismo.

Deixemo-lo, porém, em paz com suas ideias políticas subversivas e sua ignorância profissional, e vamos ouvir outras palestras de bordo.

O nome genérico de seringueiro tanto se aplica por lá aos proprietários de seringas como aos operários que colhem a cobiçada seiva e a manipulam. Os primeiros são também negociantes e os seus operários são obrigados a vender-lhes toda a borracha que retiram, ao preço do mercado no seringal, e a lhes comprar no armazém todos os gêneros de que precisem para a sua subsistência e vestuário, pelo preço arbitrário que lhes é imposto. Ganham, portanto, na compra e na venda, a torto e a direito, por fas e por nefas.

Portanto, não é de admirar que enriqueçam depressa e que os pobres operários, quase todos cearenses e filhos do Rio Grande do Norte, só dificilmente se livram da triste condição de servos da gleba. Sim, porque o trabalho extrativo do Amazonas lembra perfeitamente o feudalismo da Idade Média.

No entanto, o elemento principal de progresso, o elemento que faz a prosperidade e ostenta a riqueza do Amazonas é o infeliz colono. Ainda, e apesar de tudo, algum deles, que vivem com mais sobriedade, ganham o

suficiente para voltar a Manaus e tratar-se das febres que quase sempre contraem. Esses infelizes voltam dos rios com pouco amor ao dinheiro, achando o mercado de Manaus um ideal de barateza, e então ou gastam toda a economia na cidade, ou, mais precavidos, guardam uma pequena parte dela. Mais felizes outros chegam a fazer-se proprietários à custa de muito sacrifício, já se vê, ou penetrando em regiões mais remotas, de terrenos ainda baratos. E, uma vez proprietários, são mais ríspidos e exploram com mais ganância os seus operários do que os seus próprios patrões. É a história que se repete. Nos nefastos tempos da escravidão os piores senhores de escravos eram os mulatos ou negros que o acaso guindara às condições de senhores.

Tais coisas nos levaram logo a compreender por que motivos os cearenses dificilmente progridem no Amazonas. Pagam à morte, com suas pessoas, um tributo pesado, de 3 a 40%, e estão muito longe de ser para o seu estado o que o português é no Brasil para Portugal e o italiano em São Paulo para a Itália: – fonte perene de cambiais.

Era nosso companheiro de viagem um desses colonos, homem que ao fim de muitos anos chegara a proprietário de seringais. Como lhe fossem feitas exprobrações ao modo de explorar o trabalhador naquelas bandas, enfureceu-se. Tinha feito o sacrifício de mandar buscar muitas famílias no Ceará e em outros estados vizinhos, e muitos dos seus chefes morreram sem que o tivessem indenizado dos adiantamentos feitos; passara a sua mocidade naquela penosa situação, com ela se tinha conformado e lhe parecia natural que os outros fizessem o mesmo. A isto respondeu-lhe o seu interlocutor (que bem conhecia a vida do Amazonas) – que o número dos que morrem dando *déficit* é muito inferior ao dos que ficam com seu saldo liquidado pelo mesmo acidente; a morte, sem mais explicações nem ajuste de contas.

Tudo isso, que não deixa de ser verdade, pede leis muito sábias, que regulem as transações e direitos do operário no Amazonas e a ação dos governos para sanear as regiões insalubres.

A segunda é muito difícil de conseguir.

Sem impaludismo e beribéri, só com a sua riqueza florestal e extrativa, o vale do Amazonas não seria somente o El Dorado da tradição, mas um céu aberto, onde o gozo das riquezas traria a seus felizes habitantes, a nostalgia da dor e da miséria.

Não sendo possível o saneamento de tão vastas regiões, é indispensável que se institua uma propaganda tenaz e contínua para destruir os focos de larvas de mosquitos, pelo menos nas vizinhanças das casas. Se temos insistido neste assunto, é porque estamos convencidos de que os governos precisam também fazê-lo e com a mesma tenacidade, com que os ferreiros fazem voltar o martelo à bigorna, até que o ferro tome a forma exigida pela indústria.

Sem mosquito não há impaludismo. É uma verdade médica e um axioma da ciência experimental. Sem o perigo da morte, seria o feudalismo tolerável no Amazonas, ao menos como meio transitório da organização do trabalho e como esperança de independência pecuniária de muitos, em futuro mais ou menos remoto.

Como é fácil de prever, os negociantes propriamente ditos e os negociantes ambulantes são hostilizados, senão perseguidos, pelos seringueiros proprietários, que veem neles inimigos do seu privilégio comercial. Todavia, apesar disso, um dos companheiros de viagem era um sírio (turco no sul, carcamano no Maranhão) de pouco mais de 20 anos e já possuidor de uma fortuna de 600 contos de réis.

Nessas palestras ficamos sabendo como se colhe a borracha.

Espetam pela manhã tigelinhas no tronco da árvore previamente golpeada a machadinha; das incisões poreja então a seiva, que vai ter às ditas tigelinhas.

Esse processo se estende de árvore em árvore até o meio-dia.

A essa hora começam a recolher as vasilhas e passam a defumar a seiva para a coagular. Esta operação é feita em uma espécie de forno de revérbero, cujo combustível é constituído por frutos de palmeiras, especialmente o uauaçu, que tem a propriedade de deitar espesso fumo.

A seiva é coagulada pela fumaça, isto é, pelo ácido pirolenhoso e pelos produtos empireumáticos da combustão.

É esse o processo primitivo; mas a borracha por ele fornecida é mais estimada do que a que se obtém por meio da coagulação feita por ácidos minerais. Antigamente usavam tigelinhas de barro que eram presas ao tronco da árvore por meio de umas argamassa especial, feita de argila.

Outros empregavam o *arrocho* ou cinta circular, feita de cipó. Des-tes processos não ouvimos falar; lembramo-nos, porém, de os ter lido algures.

A seiva, que fica presa na árvore, depois da retirada da tigelinha, e a que cai no chão também são aproveitadas, embora tenham menos valor, por causa das folhas e de outras partículas vegetais que com elas se misturam.

Dão-lhe o nome de *sernambi*.

A que é recebida nas tigelinhas e coagulada no fumeiro recebe a classificação de *fina* ou *entrefina* em Manaus, conforme a qualidade e pureza do produto. O trabalho da colheita exige certa presteza e agilidade e o da defumação tem de ser feito logo em seguida ao recolhimento dos vasos; de sorte que o pobre operário, tendo entrado cedo para o seringal, só vem a tomar a sua refeição à noite. Muitas vezes ainda tem de ir antes ao rio – pescar. Todas as pessoas válidas estiveram no seringal a aproveitar o tempo, que ali é borracha, isto é, dinheiro.

Conclui-se, do que dizem os seringueiros, que é necessário certo atropelo para fazer boa colheita e para que não seja prejudicada a boa qualidade do produto, e é preciso certo estoicismo para suportar com resignação as exigências imperiosas da fome. Um seringueiro extrai e prepara num dia de quatro a seis quilos de borracha, o que quer dizer de 24\$000 a 36\$000, pelos preços atuais de Manaus. Alguns mais expeditos, em certas zonas mais ricas, chegam a colher oito quilos.

Entre essas informações verídicas, talvez apenas exageradas, contavam os seringueiros, com quem confabulávamos, histórias mais ou menos fantásticas de animais ferozes do Amazonas. Às vezes, era o sucuri, a cuja voracidade os boiadeiros tinham de sacrificar a primeira rês que devesse atravessar algum pequeno rio, ou a mesma serpente gigantesca laçando um boi e vencendo-o na luta, pela fadiga, graças à sua elasticidade e tendo feito ponto de apoio em uma árvore, ou ainda a mesma sucuri perseguindo as lavadeiras nos lagos. Outras vezes era o jacaré deixando-se devorar pacificamente pela onça que o apresara, sem tentar fugir, nem permitindo que o defendessem; ora era referida a lenda do boto a perturbar a tranquilidade das famílias transformando-se à noite em garboso moço conquistador.

Restos das fantásticas patranhas criadas pela imaginação dos índios. Os dois primeiros fatos têm certo fundo de verdade; que o jacaré, porém, tenha prazer e honra em se ver devorado pela onça, ou que esta te-

nha o poder de o hipnotizar, são coisas que se não creem. A própria luta do sucuri com o boi ficará de certo reduzida a pouco mais do que a morte de algum indefeso bezerro pela serpente aquática. A fábula do boto relembra a sereia dos antigos tempos.

Não foram esquecidos os piuns, microscópicos mosquitos, que, em certas regiões, atormentam as pernas dos seringueiros descalços, nem as piranhas, peixes de grandes caninos, e que por seu grande número devoram em minutos os infelizes que lhe chegam ao alcance. O sangue é o aguçador da sua voracidade.

Costumes e usanças do Amazonas foram também objeto de palestras. Entre estas mereceu a nossa atenção o hábito de algumas famílias das cidades tomarem crianças, filhos de índios, para o serviço doméstico. Educando-as de preferência para esse fim, descuidam-se muitas vezes da sua instrução, e até de mandar ensinar a ler. A índole preguiçosa desses infelizes, sua inteligência acanhada, serve também de estorvo a qualquer tentativa de ensino, mesmo rudimentar.

Tampouco mostram aptidão para o desempenho dos misteres de serventes. É difícil incutir-lhes amor ao asseio das vestes e capricho no trabalho.

Os índios são maus criados, que terminam quase sempre vítimas da sedução que os leva, segundo o sexo, à libertinagem ou à casa de novos patrões.

Escusado é dizer que o seu trabalho não é remunerado e é esta a única vantagem que torna aquele hábito frequente.

Sobre as lendas do Amazonas do tempo do El Dourado provocamos a opinião do velho advogado, indagando se, por acaso, não tinha lobrigado em suas peregrinações as belicosas guerreiras a que deve o rio o seu nome. Ele não concordava com a fantasia de Orellana, embora nos parecesse que aquela história supersticiosa devesse encontrar bom acolhimento em seu espírito também fantástico.

Para terminar este assunto deixemos os cavacos de bordo e peça-mos emprestada ao Sr. Artur Viana uma curta notícia sobre o Amazonas. É uma homenagem devida às tradições do país, aos escritores do Norte e ao majestoso rio:

“Narrou Orellana que, em fins de junho de 1539, ao dobrar uma ponta do rio, avistaram os exploradores uma grande vila indígena, tendo uma espaçosa praça à frente; e, como de costume, alguns soldados aproximaram-se da terra em uma canoa, a fim de *entabular*em relações com os índios, para permuta de objetos de uso por mantimentos.

“Qual não foi, porém, a surpresa geral ao verem a pequena embarcação apossada terrivelmente por uma legião de mulheres seminuas, robustas e varonis, com os longos cabelos trançados ao redor da cabeça, que, recurvando grandes arcos, faziam chover mortíferas flechas sobre os míseros soldados.

“Orellana, vendo cair cinco dos seus companheiros, ordenou que o bergantim se aproximasse da terra, protegendo a retirada das Canoas. Esta manobra e a violência do ataque dos arcabuzes não demoveram as irritadas guerreiras das suas primitivas posições, sem que o número de mortos e feridos lhes parecesse causar espanto.

“O audaz capitão espanhol, que dera antes o seu nome ao rio, cuja correnteza o conduzia a tão estranhas aventuras, chamou-o então *Rio das Amazonas*, em lembrança da valente hoste, que tão denodadamente buscara tolher-lhe os passos.”

Poucos autores acreditam hoje na existência das *Amazonas* como agrupamento de um só sexo. Acreditam que se trata de mulheres que se batiam ao lado dos homens, o que parece mais natural e verídico.

No entanto, não fica aí a curiosa lenda dessas mulheres guerreiras. Viviam sós e só recebiam os homens de tribos vizinhas uma vez no ano, dando-lhes, por ocasião da partida, como lembrança das passageiras núpcias, um amuleto, a muiraquitãs, pedra esverdeada, verdadeiro *jade*, que diziam retirar do lago de Juciuaruá (espelho da Lua).

A existência das muiraquitãs, encontradas de fato no vale do Amazonas, provou aos arqueólogos que os índios da América são provenientes de povos asiáticos. O *jade* não existe absolutamente na América e é abundante nas regiões orientais da Ásia, cujos filhos povoaram a América e perderam a civilização pátria nas tenebrosas sombras de suas matas e através da sucessão modificadora dos séculos.

MANAUS

.....

Manaus

I

A NOSSA chegada a Manaus foi num dia claro que nos deixava ver as belezas naturais da terra e as que o gênio do homem e os progressos da civilização lá implantaram. Nosso espírito vinha bem disposto para receber com prazer novas impressões, porque tínhamos deixado uma hora antes, isto é, seis milhas abaixo, o encantador espetáculo da luta do rio Negro com o Solimões.

Subindo o pequeno trecho do rio Negro tínhamos encontrado canoas que, em crescido número, conduziam peixes e outros fornecimentos aos mercados da cidade. Uma vida mais ativa e buliçosa no rio fazia-nos perceber que nos aproximávamos de um grande centro comercial.

A colocação de cidade de Manaus não podia ter sido mais bem escolhida. Ocupa uma colina da margem esquerda do rio Negro, e só isso já era uma satisfação para quem trazia a nostalgia das montanhas.

Avistava-se a princípio um grande templo, a catedral; com suas torres altivas como dois longos braços a oferecer hospedagem aos que chegam, e com o seu vasto corpo fazendo lembrar os serviços prestados pela região na catequese dos índios de outrora, habitantes quase desaparecidos daquela zona hoje civilizada.

Mais acima descortinava-se um outro templo, o da justiça, que naquela terra demora em um suntuoso palácio, e, quase em frente deste, o templo da arte, o teatro, mais suntuoso ainda que o da justiça.

Os serviços da catequese religiosa em prol da civilização, o respeito à justiça e o amor às artes, tudo concorre para provocar nos recém-chegados sentimentos de simpatia.

Na margem do rio se avistava, à direita, o mercado de ferro movimentado ainda nessa hora, e à esquerda as obras da Manaus Harbour, prometendo as seguranças de um porto moderno.

Para mais elevar a imaginação nem sequer faltava a nota do patriotismo, pois lá estavam, entre as muitas naus ancoradas, alguns dos nossos melhores navios de guerra, – o *Barroso*, o *Timbira*, o *Tupi*, o *Gustavo Sampaio*, pintados de branco, como cálices de vitória-régia ou copos de leite a flutuar naquele lago de azeviche.

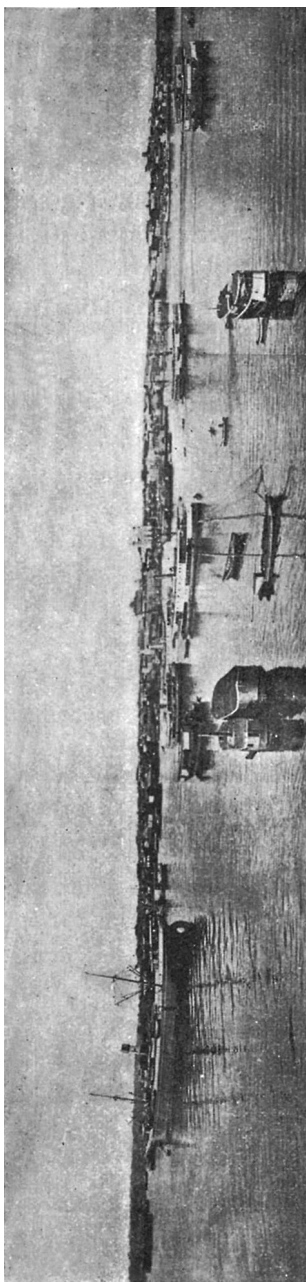
Aí fundeavam os avisos fluviais do Amazonas, que seriam tomados por lanchas ou rebocadores, se alguns canhões na proa nos não fizessem ver que ali estavam fragmentos de garantia da nossa tranquilidade social.

Pequenos, mas elegantes, fracos como armas de combate, mas fortalecidos pelo prestígio de uma bandeira içada, em torno da qual se reúnem vinte milhões de patriotas para a sua defesa.

Não admira que tais sentimentos nos ocorressem à chegada, não só porque somos brasileiros, como também porque o navio em que viajamos se denominava *Brasil*.

Nosso navio atracou com presteza e facilidade à ponte flutuante da Manaus Harbour e esta facilidade não deixou de nos maravilhar. Havia tão pouco tempo que tinham sido começadas aquelas obras do porto, que não podíamos supô-las tão adiantadas.

Em seguida, uma nota agradável. Trazíamos os corações cheios de agradecimentos à terra maranhense pelo acolhimento e despedida fidalga que nos fizera, e por isso foi com sumo prazer que vimos, na primeira pessoa da terra, um velho amigo maranhense, dr. Nemésio Quadros, médico da saúde do porto, que nos vinha trazer os seus amistosos cumprimentos.



Panorama geral da cidade

Era a gentileza maranhense que continuava a festejar-nos longe do Maranhão. O encontro não podia ter sido mais feliz, porque o nosso amigo se deu gostosamente ao trabalho de ser o nosso mentor durante as excursões naquela cidade, que tão bem conhecia. Graças a ele pudemos no curto espaço de oito dias ver tudo que nos interessava.

Outro amigo que encontramos logo ao desembarcar foi o Dr. Alberto Reeve, engenheiro da Manaus Harbour e que teve a bondade de nos fornecer algumas das notas que vamos dar sobre as obras do porto.

Começaremos por elas para começar bem.

As obras do porto de Manaus faziam-nos lembrar S. Paulo por muitos motivos. Foram as obras do porto de Santos, o sucesso das docas, que levaram incitamentos a uma empresa semelhante no porto de Manaus. Foi o barão de Rienckievicz, engenheiro construtor desse melhoramento, auxiliado pelo Dr. Álvaro de Carvalho, que, se não nos falha a memória, era seu sócio.

Engenheiros das obras da serra em S. Paulo continuavam engenheiros das obras do porto em Manaus. Era a lição de S. Paulo sendo proveitosa ao Estado do Amazonas. Tudo isso nos era grato a nós que também nos orgulhamos de fazer hoje parte da comunhão paulista e que no Norte tínhamos representado uma facção das autoridades administrativas de S. Paulo, o departamento de higiene.



O rio Negro na vazante. Obras do Porto

O rio Negro em Manaus apresenta uma diferença de nível de 11 a 14 metros anualmente, das grandes enchentes às vazantes e isto embarcava o serviço do porto para os grandes navios.

Se fizesse o cais em lugar bem profundo e não exposto na vazante, quando esta se acentuasse, entre o nível do rio e o do cais haveria uma diferença de 14 metros, isto é, o navio pareceria atracado no sopé do cais e as mercadorias deveriam ser pescadas no navio por longos cabos. Todos esses absurdos são lembrados apenas para se compreender a necessidade de uma outra solução...

A que salta logo à imaginação é a de um cais flutuante, acompanhando o rio em suas variações de nível.

Foi o que fez a Manaus Harbour.

Em lugar onde o rio tem uma profundidade de uns trinta metros foi colocada uma ponte flutuante, presa ao fundo por numerosas âncoras, e ligada aos armazéns da margem por meio de cabos elétricos aéreos.



Serviço de carga e descarga no porto da Manaus Harbour

A ponte é construída sobre uma série de tambores de ferro, enfileirados paralelamente; são os flutuadores propriamente ditos.

São eles constantemente examinados para se verificar se fazem água. No caso afirmativo podem ser retirados, um por um, para serem reparados ou substituídos. São independentes como teclas de um piano, mas solidários em seu conjunto harmonioso. Cremos que as amarras que prendem a ponte ao fundo do rio podem ser espichadas ou encurtadas, a

fim de manter a ponte sempre no mesmo lugar, embora em nível que varia segundo a enchente.

Os navios de maior calado atracam com a maior facilidade a esse longo cais flutuante e as suas cargas são retiradas por meio de guindastes elétricos. Um cabo de arame as suspende e deposita na ponte, ou as leva para os armazéns, atravessando o braço do rio, penduradas a um reforçado sistema de cabos.

Suponhamos uma corrediça como a dos bondes elétricos de S. Paulo correndo sobre o fio, entre dois postes, trazendo penduradas as cargas, e ter-se-á facilmente imaginado como é feito o serviço em Manaus e compreendido o mecanismo da força posta em atividades. As corrediças movimentadas para um lado ou para outro, por tração elétrica, conduzem cargas do navio ou para o navio.

Nada mais simples, pelo menos na aparência, e tudo é seguramente muito rápido.

O sistema de tração aérea é provisório. A companhia vai dentro de pouco tempo fazer a ligação do cais flutuante ao cais fixo, junto dos armazéns, por um sistema engenhoso, o mesmo de Liverpool, onde os mares têm uma diferença de 5 metros de preamar a baixamar. Para isso serão construídos 12 pilares oblongos na direção da corrente, e de altura decrescente, sendo o mais vizinho do cais flutuante o mais baixo, conforme a menor vazante. Será construída uma ponte articulada de 13 vigas, montada sobre doze caixões flutuantes.

Estes caixões ficarão exatamente acima dos pilares, de sorte que, quando o rio for vazando, irão repousando sobre os topos dos ditos pilares. Como a altura destes é decrescente, na ocasião da maior vazante a ponte articulada ficará disposta num plano inclinado que irá do cais fixo à ponte flutuante, isto é, ao navio.

Está calculado que a inclinação máxima desse plano inclinado ou rampa será de 11 ½%.

Como se vê, os doze pilares de pedra só prestam serviços na vazante. Na enchente a ponte flutuante ficará ao nível do cais fixo, e os pilares estarão submergidos.

A companhia dispõe de dois dínamos de 550 volts, 250 quilowatts, corrente contínua, acionados por dois motores sistema Corlin de

220 cavalos de força cada um, destinados a produzir energia para a tração sobre cabos, e sobre trilhos na ponte flutuante.

Estão construídos já vários armazéns, que ocupam uma área de doze mil metros quadrados, iluminados e ventilados pela eletricidade.

As obras da Companhia de Docas de Santos maravilharam a quem as visitas por esses mesmos benefícios que trouxeram ao comércio e à navegação – a presteza de embarque e desembarque, a solidez da sua construção, e por terem importado em saneamento para as praias lodosas de Santos; a sua construção foi, porém, demorada, ao menos nos primeiros tempos. Em Manaus conseguiu-se o mesmo benefício ao comércio no curto espaço de sete meses. Há também uma diferença simpática para as obras de Santos: é que esta empresa foi levada avante com capitães brasileiros, ao passo que em Manaus os capitães são ingleses, da companhia Booth Line.

Isto, porém, não é grande feito.

Foram os capitães ingleses que nos permitiram vencer o Paraguai; foram eles que fizeram o esplendor de Buenos Aires e que nos deram em S. Paulo a primeira e melhor via – férrea: – a São Paulo Railway.

A cidade de Manaus lembra ainda S. Paulo por muitas razões: por seu cosmopolitismo, por seu progresso vertiginoso, por sua arquitetura, por suas obras municipais, por ter um monopólio comercial e pelo futuro que lhe está reservado.

Há cinquenta anos, Manaus era uma cidade pequeníssima; contudo os seus visitantes já lhe previam um futuro grandioso por sua situação privilegiada.

Depois da República tem ela aumentado extraordinariamente, devendo possuir hoje uma população de cinquenta a cinquenta e cinco mil habitantes.

Pode-se dizer que foi a imigração maranhense que lhe levou a iniciativa e o progresso.

Eduardo Ribeiro, maranhense, foi governador que mais melhoramento deixou em Manaus.

Criticado quando governo por seus esbanjamentos, apodado quando perdeu, Eduardo Ribeiro, o *Pensador*, deixou um nome que é hoje repetido por todos como o do governador mais útil à cidade. A sua admi-

nistração, de vistas largas e em época de grande prosperidade atraiu para o Estado inúmeros maranhenses, piauienses, cearenses e também os mais ousados aventureiros do Rio de Janeiro, visto que esta fase de prosperidade coincidiu com a cessação do jogo da Bolsa do Rio. Muita gente para lá afluiu, habituada a ganhar dinheiro com facilidade, e por isso mesmo a gastar na mesma proporção. O preço alto da borracha e sua grande produção davam de sobra para esses desatinos.

Foi o tempo das concessões, e o que é consolador é que muitas concessões se realizaram e sobretudo muito ganhou a cidade em melhoramentos municipais.

O emigrante é sempre um individuo superior na sociedade. É que esse individuo, que não se deixa acobardar pelas necessidades momentâneas da vida, com a ousadia que tem de empreender longas viagens, assim se separando da pátria ou da família, dá provas de ser um lutador, e deixa perceber a sua audácia e a sua força em todos os empreendimentos. O seu viso é o lucro próprio, mas o resultado é o progresso das coletividades de que vai fazer parte. A Califórnia e Buenos Aires assim se fizeram com o concurso de imigrantes, e não foi só a Califórnia, mas toda a América do Norte, que não é atualmente mais do que uma grande Califórnia.

A população de Manaus ainda hoje é muito pouco amazonense. É frequente ouvir de pessoas que ocupam boas posições no comércio e até na administração – que lá se acham para ganhar dinheiro e que para outro fim ninguém vai lá.

São coisas que talvez se faça, mas que se não dizem sem tal ou qual rebuço. Pois bem, isto mesmo ouvimos até de filhos da terra. É que estes são em pequeno número, de sorte que aquela opinião algum tanto descortês pode ser expendida sem quase ter a quem molestar. A minoria, que, por nativismo, deveria protestar, deixa-se sugestionar pelas mesmas ideias. Neste ponto, S. Paulo leva ainda vantagem no confronto. Os estrangeiros e os filhos de outros Estados vivem a engrandecer São Paulo e nisso não são levados pela necessidade de captar a confiança dos grandes da terra. Fazem-no por amor a ela, por se terem feito paulistas, tal qual se tornam norte-americanos os estrangeiros que habitam os Estados Unidos.

O que dá certo direito àquelas opiniões em Manaus é mais o medo de moléstias do que propriamente o calor.

Deixaremos este tema, isto é, o estado sanitário de Manaus, para dele tratarmos mais oportunamente. Nosso assunto de momento é o paralelo com S. Paulo. Se em matéria de salubridade não são opostos, os termos de comparação ao menos também não correm parêlo.

A população de Manaus é, pois, cosmopolita. Como elementos nacionais predominam maranhenses, piauienses, cearenses filhos do Pará e Rio Grande do Norte, – e como estrangeiros alguns ingleses, poucos norte-americanos, italianos e, sobretudo, muitos portugueses. Tem-se falado tanto cá pelo Sul do perigo norte-americano na Amazônia, que supúnhamos os filhos da América do Norte mais numerosos em Manaus. Verificamos, ao contrário, que os norte-americanos no Amazonas são *rari mantes in gurgite vasto*. Eles não têm apoio em terra para uma influência política e, a não ser que as obras de Manaus Harbour venham a tomar um desenvolvimento enorme, e que a companhia consiga um predomínio avassalador como o da companhia Docas de Santos, o *perigo norte-americano* não tem elementos de sucesso.

II

O progresso de Manaus lembra o vertiginoso processo de S. Paulo, porque se acentuou depois da República. Ambos são glórias do atual sistema federativo com sua autonomia regional. Há 50 anos tinha Manaus menos de 4.000 habitantes e o número deles só se elevou ao que é depois de 1889.

Em Manaus há muito menos pedra de construção do que em S. Paulo; por isso as edificações são em sua grande maioria de tijolos, que se prestam a uma arquitetura muito mais fácil e mais em conta do que a pedra.

O gosto arquitetônico lembra o de S. Paulo.

Quase todas as casas têm platibandas, o que as torna muito mais elegantes. Também as ruas são largas e bem alinhadas, e já se tem cuidado da arborização de alguma delas, e sobretudo das praças.

Bonitos jardins existem, ostentando a exuberância da região amazônica, e nos arredores da cidade bosques bem aproveitados.

Os jardins não têm grades, de acordo com a orientação atual.

Tudo isso indica que há por parte da municipalidade muito interesse quanto ao embelezamento da capital. De fato, grande número de leis que nos foram fornecidas, regulando as construções, denotam esta preocupação, que só pode merecer elogios.

Seria para esperar que houvesse atualmente mais obras, não só porque o município dispõe do belo orçamento de 1.600 contos de réis, como porque, sendo Manaus quase a única cidade do Estado, o governo estadual tem concorrido com grandes somas para dotá-la de vistosos palácios, em cujo número sobressaem o teatro e o palácio da justiça.

O presidente do Tribunal da Justiça é um moço maranhense, e isto é, os moços ocupam posições salientes na administração, o que é ao mesmo tempo efeito e causa de um progresso rápido.

O Amazonas quase que tem o monopólio de um precioso produto, a borracha, monopólio que só o Pará lhe disputa, assim como S. Paulo quase que tem atualmente o monopólio do café. Esta circunstância interessa mais a todo o Estado do que às capitais, mas reflete sempre sobre elas, por serem os maiores empórios do comércio. Quanto ao Amazonas, pode-se dizer que por enquanto só tem uma cidade: – a capital.

Não é preciso ser profeta para prever o futuro que está reservado à cidade de S. Paulo com suas redes de estradas de ferro, ligando-a aos Estados do Sul até Rio Grande e aos do centro até Goiás e Mato Grosso.

Dois fatores farão com que São Paulo deixe sempre Manaus a grande distância de progresso; são a salubridade do seu vasto território, assegurada por uma higiene bem organizada, e a ausência de rivais, graças ao porto de Santos.

O Estado do Amazonas terá de lutar muito e de gastar grandes somas para diminuir o impudismo que o atormenta, e Manaus terá uma rival eterna na cidade de Belém, de que é comercialmente tributária. Por essa razão, e pelas afinidades étnicas (e talvez por motivos políticos), já se notam no Amazonas mais simpatias pelos maranhenses e cearenses do que pelos paranaenses. Estes também não ocultam o seu despeito pela influência daqueles dois outros Estados nos desígnios e na política do Amazonas.

É que ser bom vizinho é tão difícil na vida das nações e dos Estados, como na vida familiar.

Hospedamo-nos em Manaus no Hotel Cassina, que nos foi recomendado como o melhor.

Deve ter-se enganado o nosso informante: os serviços de mesa e de quartos podem ser classificados como abaixo de maus, o que é uma nota desarmoniosa no conjunto das boas impressões. O proprietário do hotel talvez nunca tenha sido hospede de bons estabelecimentos e por isso pensa erradamente que o seu hotel é uma casa de primeira ordem. Outra desculpa que lhe é devida é a do preço dos gêneros em Manaus.

Depois que visitamos o mercado e verificamos os seus preços, ficamos convencidos de que pela diária de 15\$000 réis não se pode naquela cidade dar boa mesa aos hóspedes.

Como não fomos a Manaus para ver hotéis, pouco nos demorávamos em casa. Em companhia de amigos visitávamos a cidade pela manhã e depois do almoço e, apesar de todos os senões do hotel, às 3 ou 4 horas da tarde éramos forçados pelo calor a encontrar um certo encanto no repouso do quarto. Não era o sono que nos seduzia, mas simplesmente o desejo de tomar um banho frio e de trocar a roupa umedecida pelo suor. Infelizmente nem sempre havia água no chuveiro e o refrescante banho era substituído pela esponja ou toalha molhada, sistema francês, sem uso entre nós – e só lembrado como recurso de ocasião.



Vista panorâmica

Não sabemos se em toda a cidade haveria a mesma falta d'água que no hotel; se isso se desse seria um suplício para a população, visto que, no Norte, o banho figura entre as necessidades mais palpitantes e os regalos mais desejados.

– A julgar pelos apontamentos de climatologia do Dr. Torquato Tapajós, o clima de Manaus é menos quente do que o de Belém, havendo entre ambos uma diferença de quase dois graus em certas ocasiões. Contudo, pareceu-nos ter sentido mais calor em Manaus do que em Belém. Talvez fosse isso devido a ter havido mais chuvas em Belém do que em Manaus quando fizemos as nossas visitas.

A falta do banho frio é para um hotel do Norte uma falta imperdoável. Por seu turno o abastecimento de água em Manaus não é abundante, pois apenas fornece 100 litros por habitante. Deficiente embora, o serviço de água custou não pequeno sacrifício. As águas são levantadas de um igarapé, o da Cachoeirinha, por meio de poderosas maquinas elétricas. O custo do consumo varia de três a doze mil réis por casa, segundo se vê na lei do orçamento.

Não é cara, visto que a última taxa é cobrada para um valor locativo superior a quatrocentos mil réis mensais.

– As ruas centrais da cidade são bem calçadas a paralelepípedos de granito, importados de Portugal ou do Rio de Janeiro, e duas delas são asfaltadas. Era de reear que este último sistema não desse bons resultados em um clima quente –, mas não ouvimos senão elogios ao seu emprego. Em Buenos Aires o asfalto deixa às vezes os sinais das patas dos animais, no rigor dos verões; mas, como já dissemos, o calor em Manaus não excede a 33º graus.



Rua da Instalação

Muitas avenidas com casas comerciais de primeira ordem coram a cidade e a embelezam.



Avenida Eduardo Ribeiro

As mais lindas são a Municipal e a Eduardo Ribeiro. Esta é o coração da cidade. Nas suas vizinhanças ficam os mais ricos estabelecimentos comerciais, as casas de modas, os armazinhos e as redações dos jornais. A iluminação é elétrica, arco voltaico, e o serviço de bondes é também feito por tração elétrica, sistema de cabos aéreos, como em S. Paulo. Este serviço quase rivaliza com o nosso, que é incontestavelmente o melhor do Brasil. Foi lá estabelecido por uma companhia norte-americana, e é hoje propriedade do Estado.

Há também numerosos carros de praça, que merecem curta menção. São pequenos landaus semelhantes aos também usados no Pará – e muito apropriados ao clima.

A tolda abre-se em duas partes iguais, para diante ou para trás, protegendo o veículo contra o sol e a chuva ou deixando ao passageiro a liberdade e o prazer de admirar a natureza.

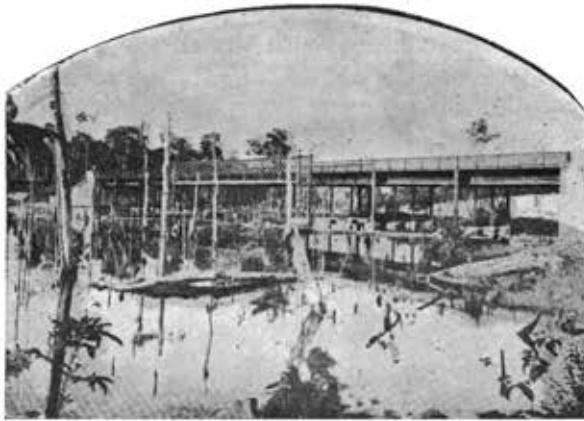
Até aqui nada de extraordinário ou de novo; a novidade, porém, está em que esses carros têm a mais uma sobrecapa de oleado que preenche dois fins: impede que a água penetre nas frinchas de junção da tolda, e que o sol lhe estrague o verniz. Dá-lhes tal sobrecapa a aparência perfeita



Casa de máquinas – Cachoeira Grande

de uma tartaruga e é esta a nota característica – a cor local dos landaus do Amazonas.

Os bairros da cidade são bem povoados; as suas casas são, porém, modestas; não estão em relação com as da parte comercial. Os claros, isto é, os terrenos baldios são ainda numerosos. Os alinhamentos estão todos feitos, lembrando a Vila Buarque em 1890.



Ponte metálica da Cachoeira Grande

Para se ir a esses bairros atravessam-se bonitas pontes sobre os igarapés que cortam a cidade. São pontes metálicas ou de cantaria, todas muito artísticas, lindas e custosas.



Praça da Matriz

Entre as praças ajardinadas, salientam-se as da matriz, a praça General Osório e a do Palácio. A última especialmente é muito bonita, ornada de escolhidas palmeiras e bastante frequentada. Nela tocam

boas bandas militares. Há também um bosque natural aproveitado com muito gosto e arte, mas atualmente um pouco abandonado, talvez por falta de frequência. Nele se admira de perto a pujança da vegetação amazônica. Os troncos são muito mais elevados do que grossos e alguns se implantam no solo por meio de raízes divergentes muito chatas e largas, cuja seção teria a forma de uma estrela. Num deles, que envia raízes a alguns metros de distância, foi construído um dos muitos caramanchões ali existentes.

Estas árvores de altura respeitável desfizeram em parte a impressão causada pelas florestas ribeirinhas do Amazonas e que nos tinham parecido não corresponder à própria fama.



Mercado Público

Possui a cidade um bom mercado de ferro, situado à margem do rio Negro e com ancoradouro próprio para pequenas embarcações.

O mercado goza na vida da municipalidade de importância capital. Para os cofres de município ele rende, só por si, nada menos de 300:000\$000 de réis anuais. As três principais verbas da receita são constituídas pelo imposto predial (600:000\$000 de réis), o de indústrias e profissões (500:000\$000), e o mercado. Para chegar à cifra que o mercado público fornece é necessário que tudo ali seja bem tributado e é por isso que todos os gêneros de primeira necessidade custam em Manaus muito caro: verduras, legumes, peixes e outros comestíveis.

Já temos lido muita notícia sobre os preços exagerados de certas coisas em Manaus e por isso não insistiremos neste assunto. Diremos

apenas que, por ocasião da nossa visita, uma galinha custava 8\$000 réis. Por lá os doentes têm mais medo da dieta do que das contas do médico e da farmácia.

No entanto, os gêneros de outros ramos de comércio, modas, armarinhos, roupas, etc., ou melhor, os objetos de importação estrangeira são pouco mais caros do que em S. Paulo.

É oportuno lembrar que tivemos ocasião de encontrar muito bem reputados em Manaus e Belém alguns produtos da indústria paulista, especialmente os chapéus e o calçado.

É chique por lá usar o calçado Rocha, desse fabricante que os paulistas bem conhecem na Rua Quinze de Novembro. E nem pareça que fazemos reclame à casa.

S. Paulo não fornece só café e administradores, isto é, presidentes da República; tem também a sua indústria competindo com produtos estrangeiros.

E note-se que apenas falamos do que vimos e não do que sabemos.

Admiramo-nos de não ter encontrado em Manaus maior aceitação para as cervejas paulistas, consideradas de primeira qualidade pelos entendidos.

Os navios do Lóide não têm câmaras frigoríficas para cargas, de sorte que os chopos de S. Paulo não vão até lá.

É de lastimar. Os chopos consumidos em Manaus são de procedência alemã, e por isso custam caro, 1\$000 réis. O consumo de cerveja é muito grande, como em geral de todas as bebidas alcoólicas. Os botequins e mercearias existem profusamente na cidade e são todos muito frequentados. Neles se nota um hábito muito europeu: as mesinhas dispostas nos passeios dos bulevares ou avenidas, nos *trottoirs*, como se diria em Paris.

É nesses botequins ao ar livre que se reúnem amigos para a palestra e troca de ideias, e que os comerciantes expõem aos menos entendidos em finanças a situação do mercado do único produto de grande peso na exportação: a borracha.

Como é natural nas palestras de Manaus se trata de borracha, sernambi e caucho, com a mesma insistência com que nas de Ribeirão Preto se trata do café.

Falamos de chopos importados em câmaras frigoríficas.

Não são somente os barris que os contém que chegam da Europa em tais câmaras: queijos, manteiga fresca, frutas, hortaliças, peixes, tudo importa Manaus da Europa para o seu consumo. Em casa de um amigo tivemos ocasião de comer uma pescada vinda de Portugal em compartimento dessa natureza. Outra ocasião encontramos em certa rua um companheiro de viagem, negociante em Manaus, que trazia um pequeno repolho comprado a bordo de um navio alemão por 7\$000 réis. O almoço devia ficar-lhe saboroso, mas certamente salgado. Trata-se de um negociante português residente há muitos anos em Manaus e casado com uma cearense. Tínhamos feito boa camaradagem ao subir o Amazonas... O cavalheiro a quem nos referimos vai de tempo em tempo se refrescar *no calor seco* do Ceará, levando consigo sua senhora em visita à família. Estava já bastante amazonense graças à maleabilidade acomodaticia aos climas variados e aos costumes que apresentam os de sua raça. É por isso que muitas vezes lhe ouvimos o elogio sincero da farinha-d'água, que tão grande consumo tem no Norte e particularmente nos três Estados de que nos ocupamos.

Para nós essa farinha só será recomendada com entusiasmo pelos dentistas a quem dá serviço pelas fraturas de dentes.

Bem sabemos quanto estamos longe do consenso nortista nesta nova apreciação da celebre farinha-d'água. Sobre gosto não se escreve sem correr o risco de um desgosto.

Nos restaurantes e nos botequins surgem a cada passo italianinhos a vender flores para a lapela e especialmente parasitas. O gênio mercantil do italiano aproveita todos os gêneros de comércio, e este tem a sua cor local. As lindas parasitas são vendidas quase ao mesmo preço que as outras flores de jardim. Também no mercado público encontram-se belos exemplares de orquídeas, algumas raras, e – o que é interessante é que ninguém ilude os vendedores quanto ao valor exato a lhes pagar

por elas. Não é raro que queiram fazer valer ali a sua parasita como fazem valer o seu peixe.

III

O diretor do Serviço Sanitário, Dr. Alfredo Mata, moço extremamente simpático e gentil, teve a amabilidade de nos mandar visitar no hotel no mesmo dia da nossa chegada, convidando-nos a visitar a sua repartição. Foi pois uma das primeiras visitas que fizemos, já que o amável convite merecia de nossa parte retribuição pressurosa e vinha ao encontro de nossos desejos. Fomos recebidos por todos os colegas da higiene com fidalguia e camaradagem. São coisas que se não estranham mais no Norte e que nos não tiram a liberdade de expor com franqueza a nossa impressão.

O Serviço Sanitário de Manaus é bem montado, mas de proporções muito pequenas.

Está apto a prestar valiosos serviços contra moléstias infectuosas esporádicas, mas dispõe de material fixo e rodante pouco numeroso para acudir às necessidades de uma epidemia que por infortúnio surja. Também as moléstias infectuosas mais comuns em Manaus, o impaludismo e o beribéri, não são das que exigem a intervenção mais direta e aparatosa da higiene, e isto é uma justificativa. Uma e outra só podem ser combatidas por obras de saneamento, nas quais a higiene figura como repartição de consulta e conselho.

Pertencem ao saneamento a canalização dos igarapés e como complemento a drenagem de certas superfícies. No bairro da Cachoeirinha há tamanha quantidade de mosquitos, que deixam prever muita água es-



Rio Negro

tagnada em suas vizinhanças. Na parte central da cidade o mosquito é muito mais raro e só se encontram os dois dípteros domésticos, o *Calex fatigans* e o *Stegomia fasciata*, o primeiro de hábito noturnos e o segundo diurnos.

A guerra ao mosquito faz parte da polícia sanitária; o número de médicos da repartição de higiene de Manaus é, porém, muito pequeno para dirigi-la com proveito, atendendo à extensa zona a policiar.

O Laboratório de Bacteriologia da Repartição de Higiene dispõe de bom material, mas tinha as suas armas ensarilhadas por ocasião da nossa visita, por motivo de mudança.

A impressão do conjunto é, contudo, muito lisonjeira, graças à confiança inspirada por seus médicos. São ilustrados e trabalhadores, apesar de faltar-lhes o estímulo, visto que seus ordenados não estão em relação com a carestia da vida em Manaus.

O exame microscópico parece não ter ainda grande entrada na medicina clínica de Manaus. Será talvez porque o impaludismo de lá se reveste de sintomatologia tão típica que o recurso do microscópio se torna dispensável em muitos casos.

Procuramos com grande interesse os anófeles transmissores do impaludismo não só no centro da cidade como em seus arredores, e o Bosque foi um deles, e tivemos a surpresa de os não encontrar. No entanto, afirmavam os clínicos que em certos bairros se observa o impaludismo em pessoas que deles não se afastaram. Estávamos mesmo desanimados de colher alguns exemplares, quando uma circunstância fortuita nos fez encontrar em grande número. Foi no teatro. A iluminação elétrica dos poderosos focos dispostos na fachada do edifício tinham atraído uma miríade de pequenos insetos que vinham pousar na parede do vestibulo; pois bem: – lá estavam entre eles os anófeles. Fizemos, pois, uma grande colheita.

Eis aí como um elemento de progresso, a luz elétrica, se transforma em chamariz de elementos perigosos. O que se viu no teatro, colocado no centro da cidade, deve ser visto por toda ela, profusamente iluminada a arco voltaico. Longe de nós o pensamento de condenar, por isso, a luz elétrica; esse fato nos convence, porém, e cada vez mais de que é urgente destruir em Manaus todos os esconderijos em que são criados aqueles daninhos insetos.



Um igarapé

Em Manaus não faltam doentes de impaludismo. Os seringueiros que adoecem nas regiões mais paludosas vêm tratar-se na cidade, e são em tão grande número que dão meios de subsistência a um respeitável corpo clínico. Quando lá estivemos havia na cidade cerca de setenta médicos.

Faltem os seringueiros e a cidade não comportará mais de vinte.

Estas considerações fazem ver também quanto é sobrecarregado o obituário de Manaus pelo peso que nele fazem os que, partido do interior, lá vão...morrer.

O Dr. Mata calcula que 20% dos óbitos daquela capital são devido a moléstias contraídas no interior do Estado.

O trabalho de demografia sanitária é dificultado pela pertinácia do povo em não fazer o registro dos nascimentos.

As principais moléstias infectuosas que determinaram óbitos em 1903 foram:

Paludismo	766
Beribéri	103
Febre amarela	85
Tuberculose	79

E outras em menos número.

Por esse resultado se vê que não cometemos nenhuma injustiça contra o Amazonas insistindo no paludismo.

É melhor apontar os defeitos e chamar a atenção para os meios de os corrigir do que procurar obscurecer uma verdade patente. O patriotismo levou o Dr. Torquato Tapajós a escrever sobre o seu Estado natal um grande livro que é a mais sorridente apologia do clima do Amazonas. Isto não impediu que tal clima, duplamente ingrato, roubasse à engenharia brasileira aquele brilhante talento, um dos mais fecundos e ilustrados profissionais da nossa terra.

Não faltam, pois, em Manaus, doentes de impaludismo nem anófeles, e como não se podem suprimir os primeiros, é indispensável destruir os segundos. Apesar disso, porém, não se pode dizer que Manaus seja uma cidade insalubre. Asseguram os clínicos que o paludismo só existe em certos arrabaldes e que os seus casos não estão em relação com o número de doentes importados. No centro da cidade pode-se viver tranquilo. Não só não se contrai com facilidade o paludismo, como até nem a moléstia se reveste do caráter maligno de certas zonas do interior. Cede prontamente à medicação específica, o quinino. Lá conhecemos muitas pessoas que, havia muito tempo, moraram no centro da cidade e nunca tiveram maior incômodo de saúde. A guerra ao mosquito estenderá esses foros de salubridade a todos os recantos da capital e aumentará a garantia dos da zona central.

Não visitamos a Santa Casa, mas percorremos minuciosamente o hospital da Sociedade Portuguesa de Beneficência, de que o nosso colega e amigo Dr. Nemésio Quadros é um dos médicos. É um estabelecimento ainda em construção, tendo já várias enfermarias funcionando há muitos anos. Quando concluído será um bonito edifício, digno da prospera colônia que o está construindo. Tivemos ocasião de lá encontrar enfermarias, cujas janelas e portas eram revestidas de telas de arame para impedir a entrada de mosquitos. Destinam-se ao tratamento de febre amarela, tendo sido tomadas aquelas precauções por indicação do Dr. Nemésio Quadros, que aliás não era o médico de serviço naquela ocasião. Havia numa delas um doente em febre amarela, já em segundo período, colocado em um quarto particular, e esperando a verificação do diagnóstico para ser reco-

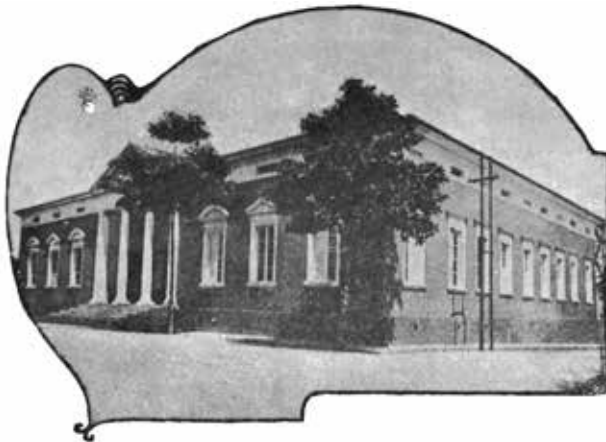
lhido à enfermaria protegida contra os mosquitos. É exato que a sua cama tinha um cortinado, mas este se conserva aberto e dentro dele encontramos vários estegomias repletos de sangue.

Segundo a teoria norte-americana, o tempo do perigo tinha passado. O doente, dado o seu estado, não teria menos de uns 4 a 5 dias de moléstia.

Tal descuido deve ter corrido por conta da administração, porque o hospital não tem médico interno. Fica salva a intenção, mas não o fica a doutrina. Pelo que lá observamos tanto se poderia concluir segundo as opiniões divergentes dos autores desta narrativa que o estegomia transmite, como que não transmite a febre amarela, porque nos quartos vizinhos estavam doentes de moléstias comuns.

Não queremos dizer que seja essa a nossa conclusão, porque *testis unus testis nullus*, – verdade tanto em medicina experimental como em direito.

O governador atual do Amazonas, que também nos recebeu com afabilidade e atenção, é o Dr. Constantino Néri, que se mostra muito interessado no problema do saneamento de Manaus. É assim que já nomeou uma comissão, de que é chefe o Dr. Márcio Néri, para estudar e propor as obras de saneamento que julgar necessárias.



Palácio do Governo

Só podemos ver com prazer a boa orientação do governador e a sua feliz escolha. Apesar de não ser higienista propriamente dito, o Dr. Márcio Néri goza de um conceito muito elevado em toda a classe médica do Brasil, graças à boa cópia de trabalho que tem publicado sobre diversos assuntos. Demais, o momentoso problema não demanda só conhecimentos de higiene; é indispensável o concurso decisivo da engenharia sanitária, talvez a mais responsável pelas medidas a propor.



Jardim em frente do Palácio do Governo

Cercado de bons auxiliares e gozando da confiança absoluta do governo, o Dr. Márcio Néri pode e deve ser muito útil ao seu Estado natal. O que é necessário é encarar desassombradamente os fatos tais quais se apresentam, e deixar à margem os sentimentos de nativismo que cegam a razão, adiam as soluções de problemas urgentes e perpetuam as suas funestas consequências.

O que a eloquência dos fatos salienta é que em 1903 faleceram em Manaus 1.772 pessoas de uma população calculada de 50.000 habitantes, o que dá a cifra enorme de 35,44%.

Subtraídos aos 1.772 óbitos 20%, isto é, 354 que o cálculo do Dr. Alfredo Mata atribui à infecção contraída fora da capital, ainda assim seria a mortalidade representada por 28,36%.

No mesmo ano a mortalidade em S. Paulo foi de 16,99 por mil habitantes e em Montevidéu 16,20%, o que prova, como já dissemos

algures, que o confronto sanitário entre Manaus e S. Paulo estabelece um contraste desvantajoso para aquela capital.

Como acontece em todas as cidades ainda novas, a tuberculose é relativamente rara em Manaus, representada por 5,347% do obituário propriamente urbano, ao passo que em S. Paulo esse coeficiente já se eleva a 8,5 da mortalidade geral.

A febre amarela de ordinário não preocupa muito os nortistas; no entanto, em 1903, produziu em Manaus 85 óbitos ou 17% da população.

Ponhamos de parte os assuntos de higiene que estão descamando para os cálculos de gabinetes, e continuemos a nossa visita à cidade.

A instrução pública do Amazonas custa ao Estado 1.570 contos de réis, incluindo o Instituto Benjamim Constant (que é mais um asilo de órfãos do que um estabelecimento propriamente de instrução) e as subvenções a estudantes.



Ginásio Amazonense

Não é grande a despesa, que importa em pouco mais de 10% da renda total do Estado. A municipalidade não tem escolas suas. Na capital há uma Escola Normal, uma Escola Modelo e um Ginásio.

Só visitamos o Ginásio, que está instalado em melhor casa, em edifício próprio. Parece que a sua frequência não é muito grande, porque algumas aulas são dadas em salas acanhadas, apesar de ser o edifício monu-

mental. A higiene escolar não é tida na conta que merece, segundo se pode concluir da colocação defeituosa das carteiras dos alunos: – quase todas recebem a luz pela direita. Toda a mobília é muito modesta, o que está em desacordo com a riqueza da terra.

O Instituto Benjamim Constant é um estabelecimento importante, destinado a recolher e instruir meninas órfãs ou desamparadas. Tem uma dotação orçamentária de 270:000\$000 de réis e dá agasalho e instrução a 120 meninas. Agradou-nos extraordinariamente a boa ordem mantida pela direção do estabelecimento. Encantaram-nos a limpeza e os cuidados comezinhos de higiene e a visita à sala de trabalhos manuais.



Instituto Benjamim Constant

As professoras, ao mesmo tempo encarregadas da administração interna, são irmãs de caridade, da Confraria de Santana.

Em Companhia do nosso colega Dr. Alfredo Araújo, que em tempos clinicou no Estado de São Paulo, visitamos a Repartição da Polícia, muito bem instalada em edifício próprio.

O “edifício próprio” é uma nota constante em Manaus.

Calcula-se por aí que as acomodações do prédio são as mais convenientes e não as que a adaptação impõe. Só o hospício de Alienados, o Corpo de Bombeiros e o Depósito Público é que não têm construções suas.

Na Repartição da Polícia reinava a mesma ordem de outros estabelecimentos, e nos feria a atenção o respeito então imposto pela presença do chefe de segurança, magistrado respeitável e circunspecto.

Examinamos minuciosamente o gabinete antropométrico montado a capricho pelo Dr. Jônatas Pedrosa Filho, velho amigo, e dirigido então pelo Dr. Alfredo Araújo.

Este colega mostrou-nos várias fichas sinaléticas para identificação antropométrica, contendo desde a medida da cabeça (ou cefalometria), da estatura, a extensão do braço, a medida do tronco, da aurícula direita, do pé esquerdo, do cotovelo, até a coloração da íris esquerda, a impressão produzida pelas papilas digitais, sem falar da fotografia e dos assinalamentos anormais. Enfim trabalho de *bertilonagem* bem organizado e bem empregado.

O Dr. Jônatas Pedrosa Filho esteve na Europa, encarregado de estudar a antropometria, e foi ele quem montou a seção, como já dissemos; ao voltar, porém, da Europa, encontrou o lugar, para que estava naturalmente indicado, preenchido por outro colega que não é o atual. Esquecera-se do que aconteceu ao governador Fileto Pires. Em Manaus, quem vai ao vento perde o assento: *é filetado*.

Do quartel de polícia e especialmente do corpo policial conservamos a mais agradável das impressões: – muita ordem em todo o quartel, muita disciplina nos soldados, muito respeito aos oficiais e muito zelo por parte destes. Assistimos a uma formatura por ocasião da visita do governador ao quartel e ficamos orgulhosos de ver que aquela boa soldadesca, garbosamente enfileirada e ao serviço do estado, concorre para que sejamos respeitados pelo estrangeiro ambicioso. Precisamos de muito soldado, mas de soldados que amem a disciplina e sejam inteiramente estranhos à política.

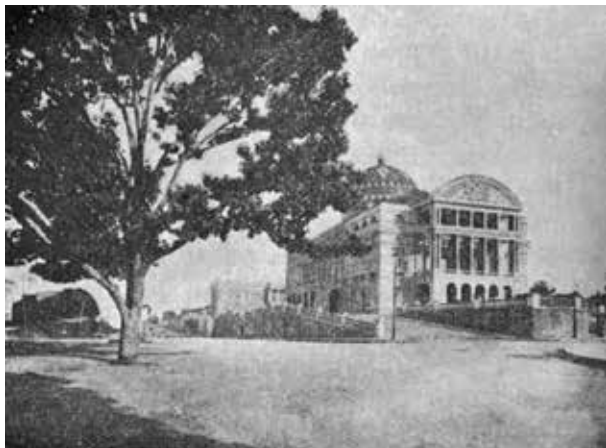
Infelizmente não é essa a feição característica do nosso exército, que outrora tão brioso nos campos de batalha, agora só é cioso de regalias e privilégios estapafúrdios e como que só anda eivado do espírito nefasto de intrujice política.

Do Corpo de Bombeiros só sabemos que é bom, pois não tivemos oportunidade de visitar-lhe o quartel, que foi instalado há pouco tempo.

Acompanhados ainda por nosso amigo Dr. Nemésio Quadros tivemos ocasião de assistir em uma casa exportadora à classificação da borracha e ao seu acondicionamento para a viagem. Grandes bolas ou elipsoides de cerca de vinte quilos são cortadas ao meio por uma longa faca e separadas conforme às qualidades – *fina e entrefina*. Feita a escolha, são condicionadas em caixões que, quando fechados, representam um peso de 170 quilos e um valor superior a um conto de réis. O mesmo caixão carregado valeria mais de cem mil réis, e quanto trabalho teria dado o café ao agricultor para chegar ao mercado e alcançar aquele ínfimo preço!

Há, porém, um pequeníssimo consolo para nós, e é que enquanto a borracha em Manaus, nas vizinhanças de florestas virgens e interminas, é acondicionada em caixões feitos de pinho-de-riça, o café em S. Paulo é exportado em sacos fabricados no próprio estado e alguns com fibras têxteis do seu próprio solo.

De outra feita visitávamos a pequena e elegante igreja de S. Sebastião, restaurada ultimamente, graças aos sentimentos religiosos da exma. esposa do nosso amigo e companheiro nestas últimas visitas, o Dr. Nemésio Quadros. Os recursos pecuniários para a piedosa obra foram levantados por subscrição pública. Fica esta igreja na praça em que estão os mais lindos monumentos de Manaus e que por isso mesmo deixamos para referência final: – o palácio da Justiça, o teatro e o monumento do Amazonas. Junto desse grupo, pouco acima foram lançados os alicerces de um



Praça de S. Sebastião

quarto edificio monumental, o palácio do governo; a prudência administrativa obrigou, porém, a adiar essa grande obra.

Na praça, atrás do teatro, fica uma bela árvore que seria injustiça deixar em olvido. É uma marirana. A sua altura gigantesca, a sua copa vasta e bem arredondada cobrindo extensa superfície e a sua posição dão-lhe formosura e imponência excepcionais.

O Palácio da Justiça é um monumento aparatoso tanto por sua construção como por sua mobília.

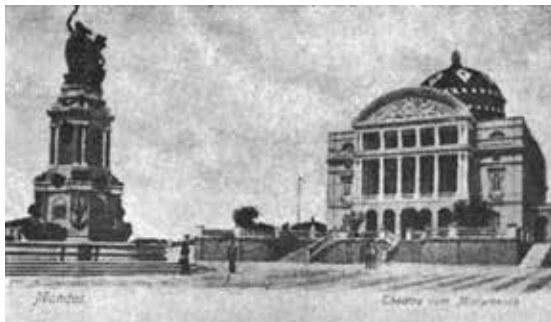
Alto, bonito e rico, dispõe de belas escadas, de grandes salas e salões em que funcionam todas as repartições da Justiça (menos a polícia) assim como a Associação Comercial.



Palácio da Justiça

O salão em que funciona o Tribunal de Justiça é imponente como convém à majestade do direito, e o do júri é o mais confortável e mais bem mobiliado que temos visto.

Também o esplêndido palácio custou a bagatela de sete mil contos de réis.



Monumento do Amazonas em frente do Teatro

Esta cifra vale por todas as descrições.

A mesma coisa se poderá dizer do teatro, que custou onze mil contos de réis.

Este tem enormes saguões, espaçosos corredores, um recinto primoroso e um *foyer* magnífico. O *foyer* é circundado de vistosas colunatas fingindo mármore e a decoração é obra de De Angelis, que lhe não regateou o seu esforço de artista de bom gosto e de boa escola.



Salão de honra do teatro

O *Guarani* de José de Alencar e do nosso pranteado maestro Carlos Gomes forneceu o motivo de um dos melhores frescos, o que representa Peri salvando de um incêndio e carregado nos braços da sua querida Ceci.

No rodapé e nas portadas, mármore de cores várias e bem escolhidas aumentam a nota suntuosa do esplêndido salão, belezas realçadas pela luz elétrica, privativa do teatro.

Ao percorrê-lo, ao contemplá-lo quase que se esgota a série dos adjetivos encomiásticos.

Do *foyer* passa-se a uma varanda, de onde se tem um belo panorama da cidade.

Alguns defeitos contudo são notados no teatro. A sua acústica não é das melhores para companhias dramáticas. Dos últimos camarotes mal se ouvia a voz de Lucinda Simões que lá trabalhava então. Demais, as

colunatas que sustentam os camarotes, e que concorrem para o embelezamento da platéia, embaraçam muito a vista aos seus frequentadores.

Uma nota burlesca: – no botequim do teatro tomamos uma xícara de mau café por 500 réis!

Também em Manaus a questão do preço de certos artigos já não espanta. Não era aquele o preço dos botequins da cidade; mas num teatro de onze mil contos de réis, uma xícara do saboroso licor não poderia custar menos sem amesquinhar o local. Depois, talvez que semelhante preço fosse tão *baixo*, por ter sido o café... mal preparado.

A cúpula do teatro é toda de mosaico, com as cores da bandeira nacional, losangos amarelos em campo verde. As cores, vivas como lá estão, não se casam bem. E ainda que outro fosse o matiz, o auriverde da nossa bandeira é só bonito como figura de retórica e como símbolo verdadeiro da vegetação de nosso país e do ouro que as nossas terras escondem.



Vista panorâmica

Em frente do teatro fica o Monumento do Amazonas, representando a abertura do rio ao comercio universal.

Por essa medida bateu-se com denodo Tavares Bastos, grande estadista do Império, que viu a sua campanha liberal coroada pelo decreto de 7 de dezembro de 1866, abrindo a datar de 7 de setembro do ano seguinte aos navios mercantes de todas as nações a navegação

do Amazonas até à fronteira do Brasil, do rio Tocantins, até o Cametá, do Tapajós até Santarém, do Madeira até Borba, e do rio Negro até Manaus.

Figuram no pedestal galerias que representam a Europa, a América, a Ásia e a África. Faltou uma face ao monumento para que a Oceania não fosse esquecida.

Aos lados do pedestal encontram-se inscrições e no tope uma figura alegórica que empunha uma taça em forma de corola, simbolizando talvez o acolhimento fidalgo da Amazônia aos seus visitantes.

Apraz-nos afirmar que a representação é fiel.

A recepção que lá tivemos nos desvaneceu e ficamos saudosos daqueles que tanto nos distinguiram.

Entre eles devemos lembrar o Coronel Ramalho, ex-governador, cujo nome, estimado entre os seus co-estaduanos, a falta de oportunidade nos tinha impedido de mencionar.



Ginásio Amazonense

FINANÇAS DO AMAZONAS. Exercícios Liquidados – Com os esbanjamentos dos antecessores do governador Silvério Néri, as finanças do Amazonas atravessaram em 1901 uma crise angustiosa, agravada ainda pela baixa no preço da borracha. Nos anos seguintes, porém, a situação financeira foi se normalizando, com uma administração mais rigorosa e

com a valorização do principal produto amazonense, que fornece a quase totalidade da avultada renda estadual.

	<i>Receitas</i>	<i>Despesas</i>
1902	13.365:455\$000	16.889:976\$000
1903	18.290:066\$556	19.153:425\$120
1904	20.470:918\$840	20.461:674\$072

Confrontadas essas receitas com as despesas correspondentes, verificam-se estas diferenças:

1902	Déficit de 3.524:521\$000
1903	Déficit de 863:358\$564
1904	Déficit de 9:224\$768

O saldo deste último ano foi anulado pelo pagamento de despesas dos anteriores exercícios.

Ultimamente, a organização do território do Acre, dependente da União, veio perturbar gravemente as finanças do Estado, desviando boa porção da borracha que dantes pagava impostos ao governo de Manaus. A receita diminui consideravelmente e é provável que o déficit cresça daqui por diante, se não se cortar nas despesas, que são das mais altas da federação.

ORÇAMENTOS – Pelos seus recursos, o Estado do Amazonas ocupa o terceiro lugar entre as circunscrições federadas, logo abaixo de S. Paulo e do Distrito Federal. Minas Gerais, o Pará, a Bahia, etc., lhe são, a tal respeito, inferiores, visto não possuírem um gênero de exportação tão valioso como a borracha de seringueira.

Os orçamentos do estado nos três anos mais próximos marcaram estes elevados totais:

<i>Anos</i>	<i>Receitas</i>	<i>Despesas</i>
1904	14.439:000\$000	14.074:498\$000
1905	15.686:000\$000	15.284:721\$095
1906	17.721:000\$000	16.448:891\$280

Na receita orçada para 1906, os títulos mais importantes são os abaixo mencionados:

Imposto de exportação	13.850:000\$000
Imposto de indústrias e profissões	1.500:000\$000
Imposto de água	250:000\$000
Imposto de transmissão de propriedades	230.000\$000

Nas despesas destacam-se estas verbas:

Congresso dos representantes	307:160\$000
Governo do Estado	284:000\$000
Secretaria do Estado	210:880\$000
Magistratura	789:400\$000
Segurança Pública	329:800\$000
Força Policial	2.940:191\$000
Instrução Pública	1.818:000\$000
Saúde Pública	171:400\$000
Obras Públicas	2.070:000\$000
Serviço da dívida	2.000:000\$000

Comparativamente com a população, o Amazonas é um dos estados brasileiros que mais tributos paga. Entretanto, seus recursos são desperdiçados principalmente com serviços improdutivos, que quase nenhum benefício trazem ao povo.

DÍVIDA – Em 1091, o Amazonas chegou a ter uma dívida flutuante de 14.000:000\$000 rs., além da fundada, em apólices internas, no valor de 25.000:000\$000 rs. Foi então que se tratou de levantar um empréstimo externo de 1.500.000 libras esterlinas, com o qual, em 1903, se regularizou essa dívida, resgatando-se na maior parte.

Em 1904, o total da dívida estava assim reduzido:

Interna fundada	7.632:500\$000
Externa 629.940, ou	12.598:800\$000
Flutuante	4.311:098\$214
Soma	24.542:398\$214

O Estado é dos mais endividados do Brasil. Todavia, suporta bem o encargo por motivo da borracha torná-lo extraordinariamente produtivo.

PARÁ

.....

Pará

Q

I

UEM SOBE O estuário do Guajará, braço meridional do Amazonas, poucas horas antes de chegar a Belém já encontra na margem direita do rio, esquerda de quem sobe, algumas povoações que indicam a aproximação da capital: são as vilas balneárias de Mosqueiro e Pinheiro, onde vão veranear as famílias abastadas de Belém. Linhas de pequenos vapores tornam fácil a comunicação.

A correnteza em toda a parte baixa do rio é extraordinária, quando coincide com a vazante, pelo que a nossa subida não foi rápida, dando-nos tempo de examinar a paisagem, que oferece pouca coisa de interessante: – um rio largo, de águas sujas e barrentas, salpicado de ilhas, entre as quais a de Tatuoca, convertida em lazareto; margens cobertas de plantas arbustivas; várias faluas de pesca, e, quase ao chegar a Belém, um pequeno forte, original por ocupar toda a ilha, como um rochedo, e por sua forma redonda, lembrando outro igual já observado na Bahia.

É o forte da Barra.

A cidade de Belém fica situada pouco abaixo da foz do Tocantins e, vista de longe, apenas se impõe por sua extensão e pelo movimento extraordinário.

Nos últimos exercícios liquidados, apuraram-se estes algarismos, que denotam melhoria crescente: extraordinário o porto, – onde se encontram, emparelham e cruzam, desde os maiores transatlânticos da Booth Line, Hamburg Sud Americanische e navios portugueses, até aos inúmeros e variados vapores fluviais, diferentes na forma e no tamanho, mas igualados pelo nome popular de *gaiolas*. Estes semelham grandes lanchas ou rebocadores, cujo tombadilho vai de popa a proa, sem camarotes, que são substituídos por salões dormitórios, onde cada um arma a sua rede à vontade.

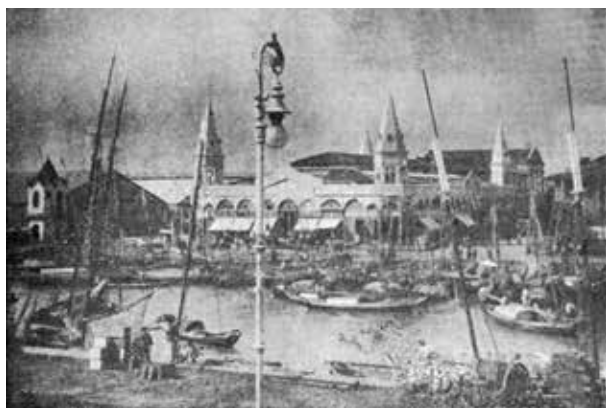
Pertence o maior número desses vapores fluviais à Companhia do Amazonas, que lá funciona há 50 anos. O calado dos *gaiolas* permite-lhes o acesso aos mais remotos afluentes da vasta rede fluvial amazônica. Além deles e das pequenas lanchas de serviço interno do porto, há grande número de botes de desembarque ou de pesca. Muitas casas comerciais de primeira ordem possuem também navios fluviais destinados a sua troca de mercadorias com o interior. Ao longo da praia estendem-se vários trapiches, com suas pontes mais ou menos projetadas pelo rio, e sempre feias, demonstrando a necessidade imperiosa de um cais corrido, cais que se pode construir porque não falta profundidade suficiente junto às margens, tanto que os navios do Lóide encostam facilmente às pontes. O cais corrido, além de trazer vantagens práticas, melhoraria a estética da cidade, a que esses mesmos e vetustos trapiches dão um tom desgracioso. Essa má impressão ainda é aumentada pelo estado de



Necrotério Municipal

abandono do Arsenal de Marinha, com suas paredes bolorentas. Logo após o desembarque, encontra-se o Necrotério, belo edifício que por ser o primeiro que se vê, impressionaria mal se não fosse a sua arquitetura algum tanto eclesiástica, mas que dá boa impressão. É esplêndido o seu arranjo interior. Lá se encontram asseadas mesas de mármore, ricos armários de ferro de autópsia e lavatórios modernos, antissépticos e custosos. É estabelecimento municipal, mandado construir pelo senador Antônio Lemos.

Logo adiante fica a doca de *Ver-o-peso*, num saco artificial em forma de U, reduzido a cais e ao qual vêm atracar inúmeras embarcações a vela, carregadas de frutas, cereais ou palhas de palmeiras para coberta de casas nos arredores da cidade.



Mercado de Ferro e doca de Ver-o-peso

Quando o rio baixa fica em seco o ponto de atracação, o embarcadouro das pequenas faluas que pousam então no fundo da praia, coberto de lama e detritos, desfazendo em parte, pelo repugnante do aspecto, a impressão tão lisonjeira no Necrotério.

Voltando, porém, para a direita, avista-se um edifício em construção, com grandes colunatas de cantaria portuguesa, começado nas épocas de prosperidade financeira, e cujas obras tiveram de ser sustadas por motivo de prudente economia. É o edifício, ou melhor o palácio da Bolsa. É pena que a sua conclusão tivesse sido adiada, porque o local bem precisa daquele embelezamento.

Poucos passos além, o grande movimento da Rua João Alfredo indica logo que a gente já se acha na parte comercial daquele grande empório. Grandes sobrados de sólida construção portuguesa, cujos baixos são ocupados por importantes casas de negócio; grandes edifícios como os de alguns bancos; a Torre de Malalakoff, espécie de bazar gigantesco; o Bon Marché; a Casa Carvalhais, mercearia aristocrática e fina. Extraordinariamente movimento de transeuntes, carros, carroças e bondes como que estão a dizer que o viajante já chegou à primeira cidade do Norte do país. Foi essa ao menos a nossa primeira impressão na curta viagem que fizemos da doca de Ver-o-peso ao Hotel da Paz, na Praça da República.

O hotel não desmentiu a boa reputação que já nos tinha chegado aos ouvidos.

Quartos arejados, bonito e espaçoso refeitório, variado *menu*, em que faziam boa figura o camurim e o delicioso abacaxi, e serviço pronto, de quarto como de refeitório. Este hotel tem o modesto nome de Café da Paz o que denota o começo de sua identidade comercial.



Avenida Central

O nome deve ter provindo de sua vizinhança com o teatro que lhe fica quase fronteiro e que, a favor das qualidades acima apontadas, tem ainda a vantagem de estar colocado num ponto por onde passam várias linhas de bondes.



Avenida Nazaré

Tomando a esmo um destes, com o desejo de fazer um reconhecimento pela cidade, fomos ter à Avenida Nazaré, larga e de uma arborização imponente, causando logo à entrada belíssimo efeito por sua grande extensão retilínea, pela altura das árvores que a margeiam e que, confundindo as copas, lhe dão a perspectiva de um grande túnel de verdura, umbroso e fresco.

É um alívio para quem vem *açoitado* pelos raios ardentes de um sol a pino.

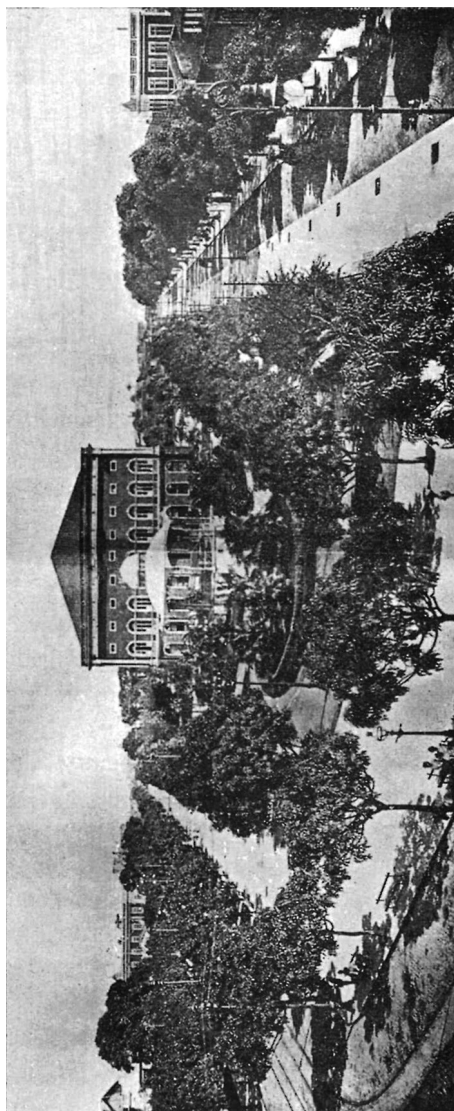
São essas árvores velhas mangueiras, o que é um pequeno defeito, apesar da beleza que ostentam, porque, vistas de perto, muitas se apresentam, com tronco tortuoso, onde se vêem cicatrizes produzidas por um machado regularizador, com o fim de evitar

que os galhos externos ao leito da avenida alcancem os tetos das casas baixas ou, indiscretos, penetrem pelas janelas das mais altas.

As mangueiras são árvores que deitam abaixo muito folhas e se é exato que as folhas caídas, quando verdes, constituem um tapete aromático, clássico nas festas, quando secas e espalhadas lembram a cada instante que a rua não foi varrida.

Contudo, pela grandeza e majestade que apresentam nas zonas tropicais, pelas sombras de vasto diâmetro projetadas por sua densa ramagem, parece-nos que devia ser tolerada a sua implantação nas grandes praças. Entretanto, foi essa a arborização predileta das antigas administrações municipais, porque muitas outras avenidas, como a de S. Jerônimo, e também ruas, encontramos povoadas pela mesma espécie vegetal. Em todo caso, antes a mangueira do que o esquelético *chapéu-de-sol* que também se encontra em algumas ruas.

As casas da Avenida Nazaré lembram-nos a edificação maranhense, com a sua profusão de azulejos pelas paredes, significando as relações íntimas que a geografia e a história estabelecem entre os dois Estados. Apesar disso, já é no entanto bastante grande o número de prédios de arquitetura moderna, com elegantes platibandas e um ou outro chalé.



*Panorama da Praça da Independência
(lado posterior)*

Embora seja de pouco gosto a impressão geral das construções particulares, já se encontram muitas casas ladeadas de florido e artísticos jardins.

A Avenida Nazaré prolonga-se pela Avenida da Independência quase com a mesma feição e vai ter a uma vasta praça ainda não beneficiada pela municipalidade, e bem merecedora de melhoramento por sua boa topografia. Nessa praça está situada a estação inicial da estrada de ferro de Bragança.

Voltamos pelo bonde do Umarizal, atravessando a princípio ruas de bom aspecto; logo depois, porém, entramos num bairro que punha a descoberto defeitos da cidade: – casebres, barracões e palhoças de pindoba ao lado de boas casas, emergindo todas de um terreno pantanoso, aproveitado em certos lugares para o plantio de *capinais*. Em certas ruas não calçadas desse bairro a lama denotava que por lá não havia políticos que tivessem sido vereadores.

Esta impressão de que certas partes da cidade estão edificadas em terrenos baixos e alagadiços, nós a colhemos em vários outros passeios de bonde, ou “a bonde”, como se diz no Maranhão.



Entrada do Museu Goeldi

Depois desse primeiro reconhecimento; depois de nos termos certificado ao almoço da boa mesa do hotel, e já conhecedores da situação do Museu Goeldi, no início da Avenida da Independência, e sobretudo levados por nossa impaciência de conhecer aquele estabelecimento, retomamos com prazer o nosso caminho pela Avenida Nazaré e fomos saciar a nossa curiosidade no Museu.

Notamos neste segundo passeio que lá as avenidas se chamam “estradas”, fato que nos tinha passado despercebido no primeiro, e que nos fez desconfiar de que nos tivéssemos enganado ao tomar o bonde.

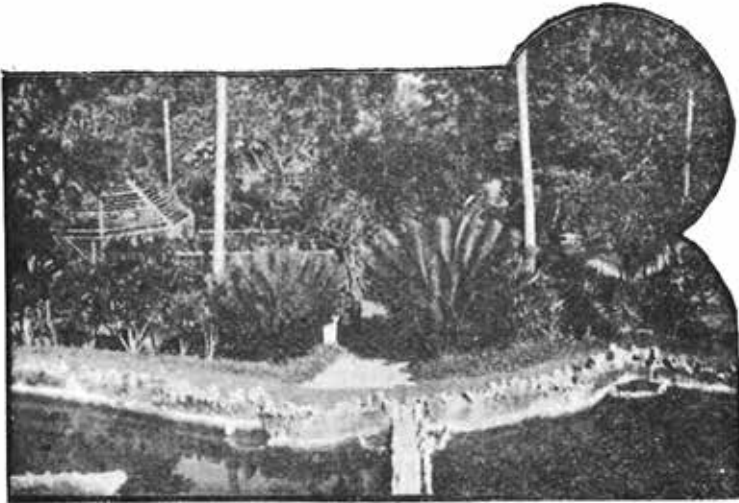
BOTÂNICO E ZOOLÓGICO

O Museu Paraense, que tem hoje o nome de seu diretor, Dr. Emílio Goeldi, ocupa uma vasta chácara que tem crescido por desapropriação de terrenos contíguos, segundo os progressos do estabelecimento (que são rápidos), e divide-se em duas partes bem distintas: – o estudo da natureza viva, representada pelo jardim botânico e zoológico, e o da natureza morta, representada por coleções guardadas no edifício.

Apesar do avassalamento progressivo, já qualquer dessas partes é pequena para conter tanta riqueza armazenada e classificada. Infelizmente o Dr. Goeldi estava na Europa, onde tinha ido tomar parte no Congresso dos Americanistas, tendo-nos feito gentilmente as honras da casa o seu substituto Dr. Huber, chefe da seção botânica.

A impressão que se tem das coleções botânicas e zoológicas do jardim é muito mais profunda e instrutiva do que a das suas congêneres guardadas no edifício, como sejam o herbário e grande número de espécimes de animais preparados.

É que a natureza viva, dando uma ideia muito mais completa da coisa observada, atrai e instrui muito mais, não só aos entendidos como aos leigos.



Museu Goeldi

SEÇÃO BOTÂNICA

A seção botânica compreende pequenos bosques, verdadeiros tufos de vegetação tropical, onde o Dr. Huber nos foi mostrando os mais interessantes exemplares da flora amazônica. Aí tivemos oportunidade de conhecer de perto e em todas as épocas de seus *estágios* a famosa seringueira, ou outrora denominada *sinfonia elastica* e hoje batizada pelo nome que mais nos aguçava o patriotismo de – *Hevea brasiliensis*.

As suas folhas são de notório verde claro, caráter que já nos tinha servido para, num momento (dadas as manchas brancas do caule), distingui-las das muitas outras árvores ribeirinhas do Amazonas. Aí vimos a facilidade com que poreja o leite, a preciosa seiva, nas incisões feitas no tronco do vegetal.

Ao lado das seringueiras, para seguir-se melhor o estudo comparativo, estão dispostas várias outras plantas lactogêneas e especialmente o caucho, da espécie *Castilloa elástica*, que ultimamente tem sido encontrado em abundância nas margens do Tocantins. Lá estão numerosas variedades de palmeiras, algumas classificadas por Barbosa Rodrigues. Ao lado de plantas úteis à indústria viam-se outras aproveitadas em matéria médica e próprias daqueles climas: – quinas, cocas, ipecacuanhas, guaraná, etc., que denotam que preside à arborização do jardim um cunho não só prático como também estético e científico. Entre as árvores curiosas surpreendeu-nos uma malvácea cujas folhas arredondadas tinham o diâmetro de mais de um metro.

Em caramanchões artísticos, bem situados no jardim, notavam-se coleções de orquídeas raras, todas indígenas, e enorme variedade de begônias e bromélias.



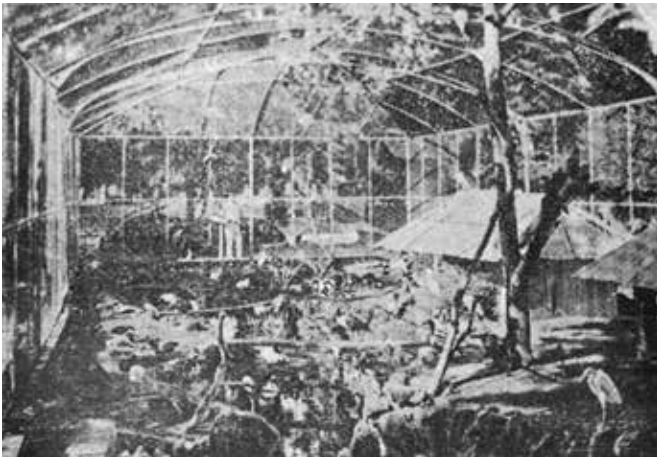
Rio Amazonas

VITÓRIA-RÉGIA

Pareceu-nos que as palmeiras forneciam as variedades mais abundantes em todo o parque. Sentimos que estivesse então em reparos o tanque de cimento em que se costuma cultivar a maior flor aquática do mundo, a celebre *Vitória-régia*, a que o povo de lá denomina expressivamente de *forno*, em virtude da semelhança que há entre suas folhas flutuantes e os fornos de torrar farinha. Tínhamos, pois, vindo do Amazonas sem conhecer essa maravilha cantada por todos os seus visitantes.

O Dr. Huber, à medida que nos mostrava as plantas, nos ia também dando os seus nomes científicos e descrevendo-lhes a utilidade que nos ficou na memória, ao passo que os nomes se evaporavam, porque, além de arresados e complicados eram em... latim e grego.

Passamos depois às *menageries* em cuja observação nos demos mais. É que a tudo apraz a contemplação dos movimentos salientes dos macacos e dos outros símios, o colorido vivo das araras, guarás, urubus-reis, tucanos, papagaios, marrecas e outros animais. As gaiolas

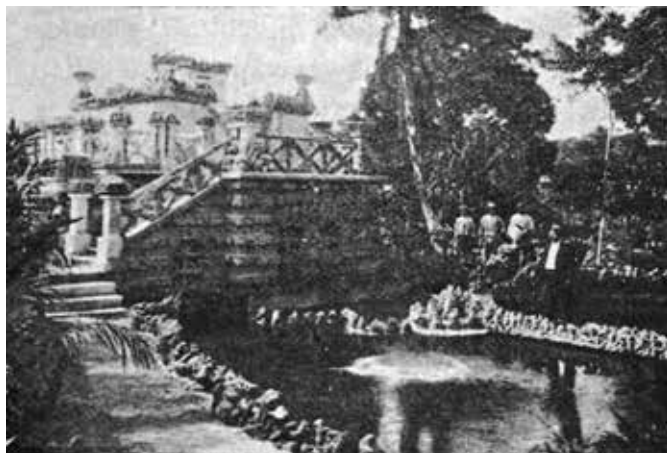


Museu Goeldi

são todas bem construídas e mantidas com muito asseio. Em algumas havia troncos de árvores postos para darem aos animais *soltos* naquele presídio uma ilusão de sua liberdade na floresta.

VIVEIRO DE PÁSSAROS

Atraiu a nossa atenção um viveiro de aves aquáticas de enorme variedade, desde o socó-boi, solene, os colhereiros, às garças de várias cores e tamanhos, às jaçanãs, aos íbis ou guarás, até às várias espécies de marrecos, irerês, etc., movendo-se todos ao redor de um pequeno lago.



Museu Goeldi

RESERVATÓRIO D'ÁGUA

Em gaiolas fronteiras estavam grandes répteis aquáticos (jacarés, sucuris, tartarugas) e os poraquês os peixes-elétricos. Não vimos as piranhas tão sedentas de sangue e famosas nas narrativas amazonenses. Outras gaiolas continham onças, tamanduás, quatis, tatus, preguiças, iacas, aves de rapina, etc. Os macacos eram numerosos em espécie e em exemplares, ocupando diversas gaiolas. Ao fundo do jardim ficavam animais mais ou menos agressivos, separados por cercas de arame; queixadas, cairitus, antas, veados, emas, etc.

Para se fazer uma ideia de quanto é rico o museu neste ramo, basta dizer que é a especialidade do seu diretor, de notória competência.

Nos salões do edifício vimos as coleções etnográficas, que nos parecem pouco ricas, atendendo ao interesse que desperta este problema da nossa história, sobretudo no vale do Amazonas, onde ainda se encontram os elementos primitivos das raças indígenas.

No salão de zoologia, em diversos armários mostradores, a variedade de espécimes é grande, embora a sua aglomeração dificulte o exame.

Na sala de geologia encontram-se coleções completas, quase todas estrangeiras.

Os mosquitos, como por toda a parte no vale do Amazonas, pregaram peça à nossa curiosidade. O Dr. Goeldi tinha levado para a Europa as suas belas coleções, a fim de se lhes confirmarem as classificações. A riqueza de herbários deve ser grande, dado o interesse que lhes liga o do Dr. Huber. Não os pudemos ver, devido à escassez de tempo.

A impressão geral do Museu Goeldi é a de muita coisa grandiosa, num meio acanhado. O governo já compreendeu isso e providenciou para a construção de um grande edifício todo de ferro, a esta hora encomendado da Europa. Tivemos o prazer de ver-lhe a planta e ouvir-lhe a descrição pelo Dr. Augusto Montenegro, e podemos assegurar que o museu do Pará virá a ser, como estabelecimento científico, o primeiro do Brasil. — Também é o vale do Amazonas o depositário de nossas maiores riquezas naturais, o que justifica quaisquer despesas que os respectivos governos tenham de fazer para o seu registro científico.

II

A nossa estada no museu já nos fazia dar por bem empregada a visita ao Pará; mas, justamente por isso, a nossa curiosidade se aumentou, certos como nos achávamos de que tudo o mais deveria corresponder a essa boa impressão.

Contávamos com a recepção gentil dos colegas da higiene, como nos acontecera em Manaus, e demo-nos pressa em visitar-lhes a repartição.

Fomos recebidos pelo Dr. Francisco de Miranda, diretor do Serviço Sanitário, que, desde então, não mais nos abandonou, e que com extrema gentileza nos fez ver não só as seções do serviço que dirige como os demais estabelecimentos públicos que nos interessavam.

A sede da repartição sanitária é a na ala esquerda do palácio presidencial, o que faz compreender o grande interesse do governo atual por este ramo da administração.



*Palacio do governo e Forum
Repartição de higiene*

Efetivamente tivemos, no nosso primeiro encontro com o governador, o prazer de ver confirmada a nossa suspeita.

Tendo o ilustre político sido também forçado a tomar medidas extraordinárias para combater uma pequena epidemia de peste que aparecera em sua capital, conversou longamente conosco sobre este assunto médico, revelando que acompanhou com sumo interesse a ação dos higienistas e que tinha conhecimento de noções muito exatas – o que não era de esperar num leigo, embora culto. Não contente de dar-nos esta nota simpática e agradável, teve a gentileza de nos convidar a acompanhá-lo em visita ao laboratório de higiene, que já está montado. Aí, ao lado de cada aparelho ou instrumento de laboratório, o seu interesse era sempre o mesmo, deixando ver que lhe conhecia o funcionamento e que acompanhara com zelo as suas instalações.

O laboratório está sendo instalado na parte superior da ala esquerda do palácio, do qual ocupa duas salas grandes, bem iluminadas e outras menores, entre as quais a da biblioteca e a da microfotografia.

As salas são ladrilhadas, de paredes impermeáveis e têm várias mesas de vidro ou porcelana, umas e outras para trabalhos de bacteriologia, para trabalho de química.

Não desceremos a pormenores que não seriam talvez interessantes para os leitores. Só diremos que o governo não tem regateado recursos, sobretudo para a seção de bacteriologia, onde nos foram mostrados, entre

outros, um microscópio de Watson, grande modelo, custo de 5.000 francos, que nos afirmaram ser o único do Brasil, e bem assim aparelhos aperfeiçoados para a microfotografia.

Também merece especial menção a boa sala de leitura, luxuosamente mobiliada e enriquecida de muitas obras modernas de higiene e engenharia sanitária.

No laboratório de química funcionam as aulas da Escola de Farmácia, criação nova do atual governador, que mais uma vez mostrou a sua simpatia pelas coisas da medicina.

A Escola de Farmácia tem por enquanto uma organização defeituosa.

Basta, para o provar, dizer que os seus professores são inspetores sanitários em comissão. Quando as conveniências do ensino exigem que os professores sejam especialistas e até – vitalícios. Além disso, o programa do ensino, subordinado ao das academias federais, lhes têm os mesmos defeitos: – resumido e deficiente.

A Escola é mantida pelo Estado e tem apenas o gozo do laboratório, uma sala de aulas teóricas no pavimento térreo e a prática ou manipulação na farmácia da Repartição de Higiene. O seu diretor é o Dr. Francisco Miranda.

A orientação pública dói a princípio dirigida por particulares, sob a capa de uma irmandade; mas como o governo é quem lhe suporta quase todas as despesas, a pouco e pouco lhe foi abarcando e absorvendo a administração, até que pôde confiá-la ao seu diretor de higiene.

Desta forma os médicos têm voz ativa na Santa Casa, e nem se compreende que haja hospitais cuja direção não esteja sob a responsabilidade exclusiva dos médicos.

O exemplo do Pará deve ser imitado cá no Sul. Em S. Paulo, por exemplo, o governo é o grande protetor da Santa Casa, sem que entretanto influa na sua administração interna.

Os inspetores sanitários fazem também a assistência domiciliar e a medicina pública, revezando-se nos diversos serviços; trabalham no policiamento sanitário só até as 10 horas da manhã. Depois dessa hora os seus serviços têm remuneração extraordinária. Também não são obrigados

a serviço no interior, o que não impede que sejam os preferidos para os contratados dessas comissões.

A municipalidade mantém ainda um serviço de higiene, visando o saneamento das habitações particulares.

O policiamento sanitário estadual só se preocupa das habitações coletivas e o do comandante às moléstias infectocontagiosas.

Apesar das múltiplas preocupações, o Dr. Francisco Miranda justifica a confiança depositada em si pelo governo, dando-nos a impressão de um higienista escrupuloso, entusiasta de sua terra natal.



Hospital para tuberculosos, antigo hospital Domingos Freire

Assim é que foi com visível satisfação que nos mostrou as diversas dependências de sua repartição: – o Hospital de Isolamento para variolosos; o Hospital Domingos Freire, para tuberculosos, e o Hospital da Santa Casa.

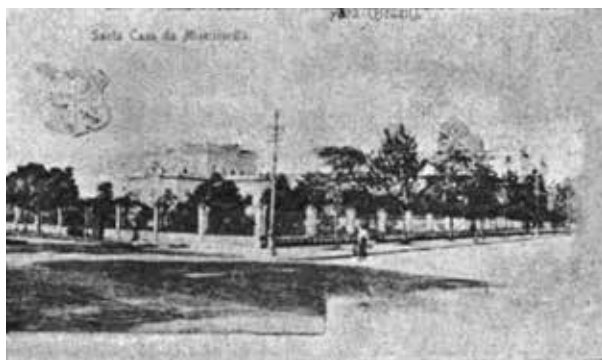
O hospital de variolosos e o Domingos Freire acham-se bem situados, afastados da cidade, em vasto terreno próprio, aberto em mata virgem e que fica para trás da estação da estrada de ferro de Bragança. O primeiro, pouco tem de notável; é pequeno, espécie de hospital-barraca, de construção antiga. O Hospital Domingos Freire, porém, é um bonito pavilhão, com duas alas e um corpo central, tendo uma dependência para residência das irmãs de caridade, que servem de enfermeiras. Esse hospital foi a princípio construído para amareletos, mas atualmente serve para tuberculosos indigentes. As janelas são guarnecidas de telas de arame para

evitar a penetração dos mosquitos e assim se conseguiu extinguir as infecções palustres que antigamente eram frequentes entre os internados. Na dependência, ao lado, vimos o quarto em que faleceu o Dr. Walter Myers, um dos membros da comissão inglesa chefiada por Durhan, que esteve no Pará estudando a febre amarela.

A cem metros mais ou menos do hospital fica um estábulo com escolhidas vacas que fornecem o leite para os tuberculosos. O estábulo, que é todo impermeável, bem arejado e iluminado, é servido por água abundante, satisfaz todas as exigências higiênicas de instalações desta natureza. Devemos ainda consignar que em matéria de profilaxia social contra a tuberculose o Pará caminha na vanguarda. É o primeiro Estado do Brasil que tem um estabelecimento destinado exclusivamente à assistência gratuita dos tuberculosos.

A Santa Casa, ou hospital de caridade, fica situada em uma parte algum tanto baixa da cidade, de sorte que só é vista por quem dela se aproxima. É um edifício enorme, todo pintado de branco e de gosto moderno.

Visto de certa distância, parece um edifício monumental compacto, o que seria um anacronismo hoje; percorrendo-o internamente



Santa Casa de Misericórdia

verifica-se, porém, que é constituído por cinco pavilhões, – um, central, destinado à administração, e dois de cada lado, comunicando-se todos por meio de passadiços. O edifício central tem salas luxuosas, destinadas à reunião do conselho administrativo, ao arquivo, secretaria, tesouraria, etc. Nos pavilhões laterais ficam as enfermarias.

Nestas não faltam ar e luz, nem tampouco a água, que é abundante.

Os passadiços são ladrilhados, facilitando a manutenção do asseio, que se observa no hospital.

A sala de operações é modesta.

De caminho visitamos o Hospital D. Luís, ou Beneficência Portuguesa: – edifício espaçoso, melhorado em suas antigas construções e adaptado de acordo com as exigências modernas. Entre as coisas antigas figura um grande salão central, de pouca luz, e entre as modernas uma boa sala de



Hospital D. Luís

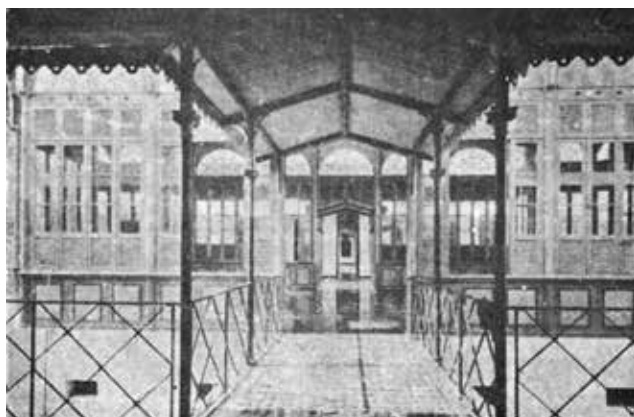
operações. É um hospital rico, o que não é de estranhar, atendendo-se a que a colônia portuguesa em Belém é composta de mais de 18.000 indivíduos, dos quais grande número de posição influente no alto comércio.



*Asilo de Mendicidade
Fachada principal*

Em outro dia visitamos, ainda em companhia do Dr. Miranda, o Asilo de Mendicidade e o Instituto Lauro Sodré.

O Asilo de Mendicidade está situado perto de uma das primeiras estações da estrada de ferro de Bragança, em meio de uma zona agreste, que indica o bom gosto de quem fez a escolha do local. A construção é simples como convém a um estabelecimento desta natureza, mas a divisão interna é cômoda e consta de três grandes seções longitudinais. Nas duas laterais ficam os asilados, e na central a capela, a farmácia e as dependências da administração. Há certo luxo, contrastando com seus fins, na escolha da mobília, e um asseio rigoroso, que dá boa



*Asilo de Mendicidade
Passagem para o refatório*

nota da sua administração. Todos os corredores e passadiços são ladrilhados, todo o edificio iluminado a luz elétrica. Anexas ao asilo existem diferentes oficinas destinadas a dar trabalho aos recolhidos. Fica a um lado a residência principesca do capelão, num elegante chalé e, junto deste, projeta-se um outro chalé para residência do médico.

O asilo é um dos motivos de orgulho da administração Lemos, na intendência municipal.



Asilo de Mendicidade
Corredor e parte posterior do refeitório

Com efeito, o Asilo de Mendicidade do Pará é incontestavelmente o melhor do Brasil. Lá não é grande desgraça ser mendigo, porque o mais que pode acontecer ao miserável pária é ser recolhido a um palácio confortável e até luxuoso.

O Instituto Lauro Sodré foi fundado há 33 anos pelo conselheiro João Alfredo, e já no primeiro ano de funcionamento, pelo excesso da renda sobre a despesa (sendo a primeira de 15 contos e a segunda de 7 contos de réis), o instituto demonstrava a sua utilidade e valor prático. Tendo passado por diversas modificações, e sempre a progredir, foi ele instalado na administração do Dr. Pais de Carvalho em um soberbo edifício, que atualmente se levanta no Marco da Légua, tendo recebido o nome do político paraense, que ainda conserva.



Instituto Lauro Sodré

É um instituto profissional destinado a trezentos alunos, compreendendo, além do indispensável cultivo intelectual e físico, ministrado em aulas primárias, o estudo de desenho, música, ginástica, química e física, e o ensino profissional dado nas oficinas de sapateiro, funileiros, marceneiros, alfaiate, ferreiro, tipógrafo e encadernador.



Instituto Lauro Sodré

Sabidamente administrado, o Instituto é hoje fonte de renda para o Estado. Lá se fazem todas as roupas para os próprios alunos, para os presos de cadeia, fardamentos para o regime policial e ainda roupas para particulares. Todas as encadernações e muitas impressões do Estado são lá feitas, além do mobiliário para as escolas e obras diversas, de encomenda, para particulares, calçado para o colégio e regimento, e obras de ferreiro e serralheiro para os diversos estabelecimentos mantidos pelo governo, etc.

As oficinas possuem 93 máquinas auxiliares, ultimamente instaladas por ordem do Dr. Montenegro, governador, que parece conservar a tradição paraense de amor à prosperidade daquela instituição.

O diretor do Instituto não se achava então presente, mas o seu substituto, o Sr. Lima Guedes, guiou-nos nessa visita, dando-nos oportunidade de admirar o grande interesse que toma pela casa, para cujo engrandecimento muito tem concorrido.

É uma instituição muito digna de ser imitada no Sul do Brasil, onde o ensino profissional vai sendo avassalado pelos salesianos. Temos no Rio, na Bahia e em São Paulo liceus de artes e ofícios, mais do que os de iniciativa dos governos e de leigos.

Pode-se dizer que o serviço profissional no Sul está quase todo em mãos de estrangeiros, pelo menos em São Paulo.

– Em nossas visitas verificamos que a amabilidade dos paraenses não difere da dos nortistas em geral. Ao terminar as visitas éramos sempre obsequiados com champanhe e outras bebidas finas. A nossa curiosidade nos vinha, porém, perguntando:

– E o açaí?

Não há quem visite o Pará que não seja informado pela lenda popular que:

Quem vai ao Pará, parou;

Quem bebe açaí, ficou.

Entretanto o açaí não aparecia. Foi por isso que fomos levados a procurá-lo nas mercearias mais finas, nos botequins, supondo-o um refresco saboroso e raro. E foi com grande desapontamento que tínhamos como resposta, por entre um riso de complacência ou mofa e às vezes partindo de uma fisionomia desconfiada, a mesma frase:

– Aqui não há disso.

Afinal encontramos uma alma caridosa que, compreendendo que éramos vítimas da nossa ingenuidade, nos informou tabernas assinaladas por uma bandeirinha vermelha.

Desconfiamos por isso que o açaí não é bebida da *elite*, e só então compreendemos a razão de ser de muitas bandeirinhas guerreiras em certos botequins baratos das ruas João Alfredo e adjacentes.

Tomamos então a capa virtual de viajantes incógnitos e penetramos na primeira taberna ostensivamente pacífica que nos deparou. A nossa entrada veio despertar o vôo de uma miríade de moscas, que fingiam de mosaico na mesa. Apareceu-nos o patrão, que era ao mesmo tempo o caixeiro, perguntou-nos:

– Quer com farinha ou sem ela?

A princípio cuidamos que o bom homem de mangas de camisa se referisse a algum prato português, que, com as iscas, se comesse com batatas ou sem elas, substituída a batata pela farinha, e pedimos, já fatigados de tanto perguntar, que nos trouxesse o açaí fosse como fosse. Afinal, tivemos ensejo de ver o que era a bebida popular. Numa garrafa de litro

trouxe-nos ele um líquido xaroposo, quase um mingau, de cor vinhosa escura, entre lilás e violeta.

A garrafa veio à mesa apenas para que reconhecêssemos que íamos beber o legítimo açai, como nos banquetes fazem os serventes que apresentam à mesa o prato e o acepide, antes de o trincar, para voltarem dentro de pouco tempo, trazendo-o então retalhado. Com efeito, em seguida foram-nos servidos dois copos de açai já preparado, de sorte que não ficamos sabendo quanto foi posto do tal xarope grosso em cada copo. O aspecto do refresco não convida a prová-lo. É oleoso, chegando-se a ver partículas gordurosas em suspensão, dando ao todo a aparência de uma emulsão grosseira. O sabor é enjoativo, adocicado e adstringente.

Então compreendemos o motivo por que ninguém nos oferecia o tal açai. É preciso ser paraense para o apreciar. O açai nada mais é do que uma bebida preparada com a polpa, triturada e diluída em água, dos frutos da palmeira açai (*Euterpe oleracea*).

Na sua confecção predomina o pericarpo ou casca do fruto, o que se reconhece pelos fragmentos e resíduos ásperos e insípidos que ficam na boca. Os filhos da terra preferem saboreá-lo de mistura com farinha. Esta adição vem aumentar o seu poder nutritivo, tido em grande conta pelos indígenas, tanto que fazem do açai uso diário e constante na sua alimentação.

— Continuando pela cidade a nossa peregrinação de *turistas*, visitamos a biblioteca pública. Fica situada na Rua Campos Sales, perpendicular à João Alfredo, e portanto em parte muito central da cidade. O edifício é próprio e compõe-se de vastas salas de leitura, circundadas e subdivididas por estantes repletas de livros ou de manuscritos preciosos e bem catalogados. É seu diretor o Sr. Artur Viana que é na biblioteca *the righth man in the righth place*. Esta locução, na sua aplicação a esse diretor de biblioteca, pode ser traduzida pela frase *cediça* e fora da letra, *traça de arquivo*.

É o que o Sr. Artur Viana. — Lê e relê manuscritos e alfarrábios, de que sua biblioteca tem copiosa messe e, como escritor de estilo fluente, sabe fazer reviver nos Anais da Biblioteca e em diversas outras publicações o passado e os fatos gloriosos de sua terra. Ainda assim a atividade do ilustre bibliófilo estende-se à imprensa diária, sendo redator do *Jornal do Comércio*, órgão independente e quiçá situacionista.

A propósito de imprensa devemos dizer que a do Pará é de primeira ordem. Além do *Jornal do Comércio*, são editados mais dois grandes órgãos diários, a *Folha do Norte*, oposicionista, e a *Província do Pará*, ultragovernista, bastando, para o demonstrar, dizer que é seu redator-chefe o senador Antônio Lemos.

Todos os jornais são muito minuciosos em suas informações ao público, que, por meio do telégrafo, trazem ao corrente do que se passa de importante em todo o mundo.

A *Província*, sobretudo, é neste sentido um jornal muito bem feito, como se costuma dizer na gíria da imprensa. Durante muito tempo trazia ela diversas colunas sob o título de *Senador Lemos*, exprimindo o fetichismo pelo seu chefe, também chefe político de grande prestígio no Pará.

Não tivemos o prazer de conhecer pessoalmente o senador Lemos, o que é tanto como ir a Roma e não ver o papa. Visitamos, porém, o lugar em que pontifica, essa espécie de *Vaticano*, a intendência municipal. Fica ao lado do *Quirinal*, isto é, junto do palácio do governo, construído pelo marquês de Pombal.

O edifício da intendência não foi construído por aquele Marquez; é mais moderno, pois data de 1883. Apesar disso com ele se parece na forma de caixão e nas cimalthas triangulares. Percebe-se que houve certa preocupação de fazer *pendant*. Está situado na Praça da Independência e é dividido em dois andares, pelos quais se acham distribuídas, além das repartições da intendência, algumas estaduais, como o Congresso. Sobe-se ao primeiro andar por uma bela escadaria de mármore e logo depois se entra na Secretaria, cujas variadas seções, inclusive a recebedoria, pagadoria, etc., ocupam um vasto salão dividido por móveis telas de arame, muito práticas e muito bem trabalhadas.

Este sistema facilita a medida e a circulação do ar, dando frescura e conforto aos funcionários que trabalham no salão. A inovação só merece elogios, – o que não impede à gente de se lembrar da república de estudantes que, ocupando uma só sala, tinha sido dividida por traços de giz no soalho. A divisão era virtual, mas ninguém atravessava as fantásticas paredes nem transpunha as portas dos aposentos sem bater palmas e ter permissão de ingresso.

Na intendência do Pará a divisão é menos virtual, e tem decerto muito mais virtudes.

No gabinete do intendente, luxuosamente mobiliado, tivemos a satisfação de admirar o famoso quadro de De Angelis, representado os «Últimos momentos de Carlos Gomes».

O Pará perpetuou numa tela grandiosa o seu brasileiroismo, revelando assim a sua admiração por uma das nossas maiores glórias artísticas, e, ao mesmo tempo, dando arras de seu amor à arte. A tela representa o



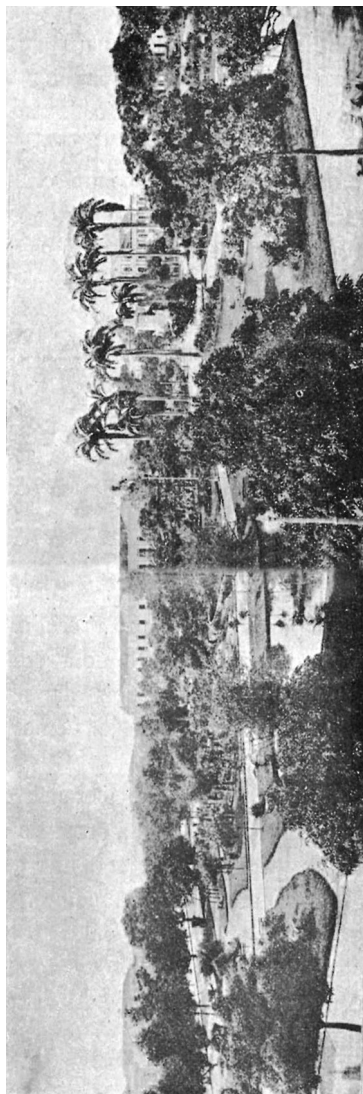
Últimos momentos de Carlos Gomes

grande maestro campineiro reclinado numa *chaise-longue* e cercado pelos homens políticos mais eminentes do Pará, sendo expressiva em todas as fisionomias a dor inspirada pelo sofrimento do notável artista.

Na Intendência de Belém, atrai ainda a atenção do visitante o arquivo, rico repositório de alfarrábios referentes a toda a história do norte de nosso país e donde saíram, segundo nos informaram, bons elementos de prova para os nossos litígios do Amapá e do Acre. No grande edifício da Intendência funcionam também o Conselho Municipal e o Supremo Tribunal do Estado.

III

Os palácios do governo e da intendência ficam fronteiros à Praça da Independência, que é bem ajardinada, e em cujo centro se levanta a estátua do general Gurjão, um dos heróis da guerra do Paraguai.



Panorama da Praça da Independência

A estátua é de bronze e pedestre; representa o bravo soldado em tamanho natural e em atitude marcial. Dizem ser de grande fidelidade, constituindo uma obra-prima de estatuária.

A boa impressão que causa dimanava em grande parte da beleza do pedestal com suas figuras alegóricas. Aliás, o Pará é uma das cidades brasileiras mais ricas em estátuas. Na Praça Visconde do Rio Branco, no centro da cidade, encontra-se a do Dr. Gama Malcher, ilustre médico e político paraense; seu valor artístico é inferior ao da primeira. Não fora a estátua de Paterson na Bahia e seria a de Gama Malcher a única estátua levantada a um médico no Brasil. No entanto, as praças públicas da França estão povoadas de filhos de Esculápio.

No Pará não são somente as armas e a ciência que têm as suas estátuas; a própria religião também mereceu esta distinção na pessoa do bispo D. Frei Caetano Brandão, fundador da Santa Casa de Misericórdia. Fica a estátua do venerando prelado na Praça da Sé, e olha para a Catedral, em atitude de quem lança a bênção; é original de De Angelis, que a projetou. Essa formosa estátua foi erigida em 1900, dez anos depois da separação da Igreja e do Estado, pelo senador Lemos, intendente, em nome do município.

Outro monumento público é a estátua da República, que alta e nobre se levanta na praça do mesmo nome, tendo por pedestal uma coluna de mármore, emergido de um soco de granito. A República é representada por um vulto de mulher bela como Vênus, altiva e majestosa como Juno, e guerreira como Diana, encarando confiantemente o futuro de nosso país.

A praça em que ela se acha está toda ajardinada, e tem longas avenidas cimentadas e ladeadas de bancos que convidam os transeuntes ao descanso. A arborização das avenidas é toda de frondosas mangueiras, por entre as quais produz belíssimo efeito a iluminação a arco voltaico. As ruas adjacentes são as mais bem calçadas da cidade. Durante o dia é grande o movimento do povo; à noite, porém, a concorrência não está de acordo com a beleza do panorama. Pareceu-nos que de algumas ruas vizinhas, mal afamadas, vinham visitantes que faziam o efeito de má moeda, expelindo a boa.

Em outro ponto da praça, e aí muito bem colocado, fica o Teatro da Paz, que estava então em obras.

Já era tido como dos melhores do Brasil; sucedeu, porém, que Manaus construiu o seu teatro, que é um primor de beleza arquitetônica, e então, todo cheio de ciúmes, resolveu o Pará melhorar o seu.

Visitamo-lo em obras e assim mesmo o achamos suntuoso, já pela beleza de seus frescos, pelo luxo de seu *foyer*, e já pelos terraços que lhe correm da frente para os lados, bordados de vistosas colunatas.

– A Avenida de Nazaré é interrompida por outra praça, a de Justo Chermont, ocupada numa das faces pela igreja de Nazaré e onde ficam, por entre tabuleiros de grama, nada menos de cinco coretos para música, dentre os quais sobressai o coreto central, vasta cúpula sustentada por uma sucessão de colunas em círculo, dando a ideia de um templo grego.

A Praça de Batista Campos, a mais moderna, parece ser aquela em que mais caprichou o gosto da municipalidade.

Alas tortuosas levam o visitante por outros tantos canteiros floridos, através de pontes artísticas, superpostas a lagos artificiais, ora a um caramanchão agreste, ora a um coreto elegante, e ora a uma ruína que simula um torreão de velho castelo.



Praça Batista Campos

Ninguém achará que nesse jardim tenha guarida a monotonia. Pode-se até dizer que por parte do seu construtor houve abuso de pontes. Não eram ainda extintas as impressões de umas quando outras já se nos deparavam em caminho.

Não contentes com o ajardinamento das praças, os paraenses, zelosos da pujança de sua vegetação trópica, tiveram a feliz ideia de con-

servar e melhorar bem perto da cidade um bom pedaço dessa mata virgem, então transformado em parque, tão admirada pelo estrangeiro que nos visita e tão perseguida pelo machado do agricultor, transformando-a num bellissimo parque. Ali, por entre cascatas artificiais encontram-se pequenas cabanas de palha, imitando ranchos de índios. Bancos toscos, feitos de velhos troncos, oferecem repouso ao transeunte, e por toda a parte a natureza pujante e esplendorosa agradece com o bálsamo de suas folhas e flores a ação acariciadora do homem que a beneficia.

O bosque fica no Marco da Légua, pouco antes do Instituto Lauro Sodré, do Hospício de Alienados e do Asilo de Mendicidade.



Bosque Municipal

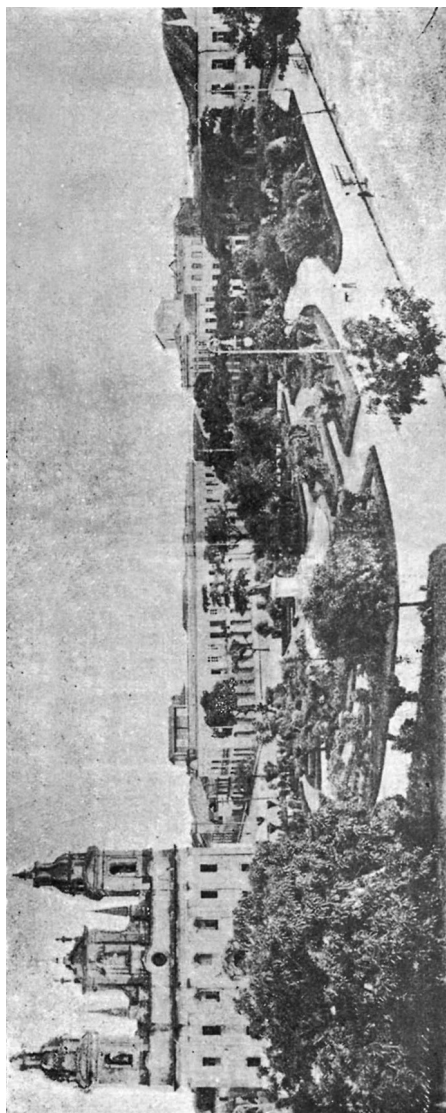
CASCATA

Já nos referimos à Catedral quando falamos da estátua de frei Caetano Brandão. É um templo construído pelos jesuítas no XVII século, de grandes proporções e reformado pelo bispo D. Antônio de Macedo Costa, ilustradíssimo prelado brasileiro, de saudosa memória.

A nave, sustentada por soberbas arcarias, é toda revestida de finas pinturas a fresco. Nela, como também no altar-mor, destacam-se valiosísimos mármorees da Itália, oferta do papa Pio IX ao egrégio prelado brasileiro, quando se estava reconstruindo o templo. Uma feição característica desta

igreja é a substituição das imagens em todos os altares por pinturas a óleo de alto valor, muitas das quais são trabalhos de De Angelis.

– Na Rua Quinze de Novembro, não muito longe da doca de Ver-o-peso, fica o antigo Mercado Municipal, vasto casarão em forma de quadrilátero, de feição banalíssima, tendo ao centro um chafariz de mármore. A sua divisão é a que se nota em todos os mercados antigos:



Catedral e panorama da Praça



Interior da Catedral

– corredores ao longo da face interna das paredes, com múltiplas bancas repletas de mercadorias. O movimento é extraordinário e as bancas variadas em artefatos da terra e gêneros importados dos estados vizinhos: farinha-d'água e redes do Maranhão, queijos do Rio Grande do Norte, chapéus de palha de Sobral (no Ceará), frutas em abundância, predominando o saboroso abacaxi.

Não longe do Mercado Municipal fica o Mercado de Ferro: – amplo, solo revestido de mosaico, cobertos de telha francesa, tendo nos cantos quatro torres destinadas a pequenas casas comerciais, clarabóias que deixam coar luz farta; abundância de venezianas e bandeiras móveis, que facilitam o arrançamento – tal é o mercado construído modernamente por iniciativa do senador Lemos.

Notam-se nos mercados de Belém dois defeitos, um comum a quase todos os mercados do Brasil, é que, devendo ser exclusivamente destinados a genros alimentícios, são inválidos por comerciantes de fazendas, roupas, armarinhos, calçados, chapéus, quinquilharias, etc. O defeito que lhes é próprio é o de ter sótãos para moradias dos mercadores e arrendatários de bancas. Nos mercados nunca devem ser permitidos dormitórios, como não o devem nos açougues. Tirados estes senões, o Mercado de Ferro mereceria lisonjeira classificação da crítica. Retiradas as mercadorias não

comestíveis, e ocupadas por quem de direito as respectivas bancas, o mercado de ferro não daria a impressão que dá de acanhado para o comércio que nele se faz.

– Em Belém, como em Manaus, o serviço de águas pertence ao governo estadual. É feito por elevação e há na cidade diversas caixas de ferro, de grandes dimensões, assentes em postes também de ferro.

Lá se diz que a água é insuficiente e que se trata de aumentá-la, sobretudo para quando estiver completa a rede de esgoto.

– Belém é toda iluminada a luz elétrica; a companhia, porém, teve a má inspiração de atravancar as ruas com postes bojudos na parte inferior, tomando assim enorme espaço aos passeios já acanhados de algumas ruas mais estreitas da cidade.

O serviço de bondes é feito por tração animal e monopolizado por uma companhia que se tem oposto ao estabelecimento da tração elétrica.

É um fato semelhante ao que se nota no Maranhão, e que, neste particular, coloca as duas respectivas capitais em confronto desvantajoso com Manaus.

Por várias partes da cidade se nota a preocupação de corrigir defeitos antigos, já por meio de abertura de largas avenidas, já por alargamento de antigas vielas.

Em uma rua, que vai do centro da cidade ter à Praça da República, vê-se o espaço desocupado por demolições, feitas naturalmente pelo influxo da Intendência Municipal; fomos, porém, informados de que o arrasamento já data de muito anos, sem que, no entanto, se tenha completado o beneficiamento da rua. Foi mesmo tolerado que alguns casebres, não alcançados pela área destinada à nova rua, ficassem de pé, afeiando o local.

Enquanto, porém, se cuidava de alargar ruas, a municipalidade inadvertidamente consentiu que uma outra rua, e das mais importantes, fosse atravancada por uma montanha-russa, que lhe fecha totalmente a entrada.

– Há em Belém muito movimento comercial, mas muito pouca atividade industrial, parecendo que a borracha absorve todas as preocu-

pações, – a borracha, cujo próprio beneficiamento nem sequer é feito no Pará.

Vimos em construção apenas uma grande fábrica de cerveja, que será, decerto, bem sucedida, atendendo-se à grande procura dessa e de outras bebidas alcoólicas em geral.

– Não se pode dizer que haja pendor para o vício do alcoolismo, raro por lá como em todo o Norte; nota-se, porém, que o uso das bebidas alcoólicas é preferido nos botequins, coisa incompreensível naquele clima quente. Ouvimos dizer que há outras fábricas, como de móveis, sabões, massas alimentícias, chocolate, chapéus, etc. Tudo isto, porém, quase que se pode chamar exclusivamente a pequena indústria. Fábrica de tecidos ... nem uma!

Não são numerosos os palacetes particulares, e apenas merecem a classificação de boas muitas das casas de moradia das avenidas e de outros bairros novos. O Dr. Augusto Montenegro está construindo para sua residência na Avenida S. Jerônimo um palacete que promete ficar muito elegante. Seja o seu exemplo seguido pelos capitalistas de Belém, e a estética geral da cidade melhorará consideravelmente.

– A administração do Dr. Montenegro tem sido muito profícua ao Pará; teve por objetivo, até há pouco, o restabelecimento do equilíbrio financeiro, e agora, que está conseguido o seu fim, graças não só ao regime da economias como à prosperidade crescente do seu Estado, que as economias bem entendidas não entorpecem, tem ele em mira entrar ousadamente na fase dos grandes melhoramentos materiais.

São disso prova o novo palácio de ferro para o Museu Goeldi, a fundação da Escola de Farmácia, a instalação caprichosa do Laboratório de Higiene, a conclusão projetada do edifício da Bolsa, os esgotos da capital, etc.

A sua reeleição vai em breve assegurar a realização desses melhoramentos. O Dr. Montenegro, sucedendo-se a si mesmo, simboliza a administração do Brasil nestes últimos tempos: – Campos Sales, o consolidador das finanças, e Rodrigues Alves, o reformador impávido.

O Estado do Pará tem de renda 6.340:000\$000 de réis ouro, ou treze mil contos papel, ao câmbio atual.

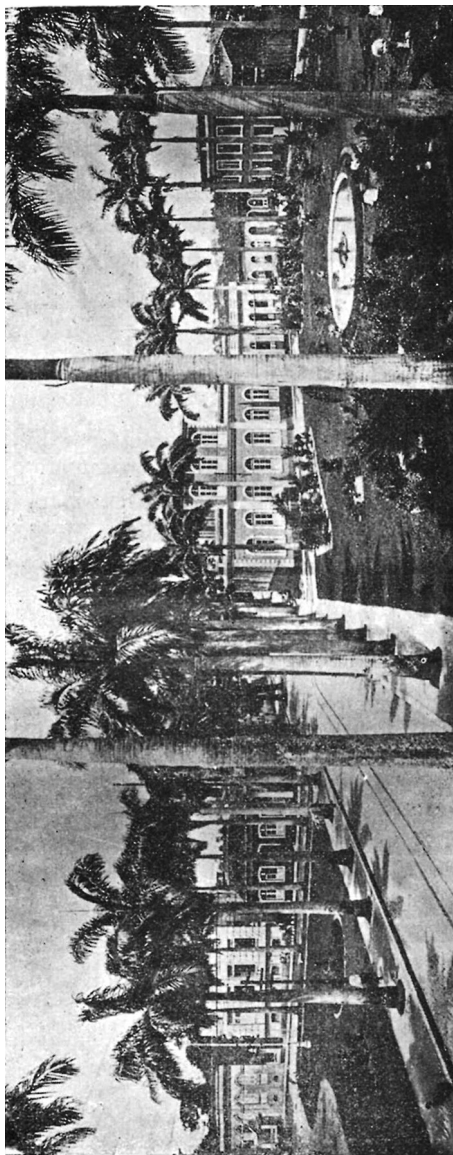
Seus principais produtos de exportação representam um valor de 87.000 contos de réis, dos quais 94% provêm exclusivamente da borracha.

A municipalidade de Belém é a mais rica do Brasil, depois da do Rio de Janeiro. O seu orçamento é 5.875 contos de réis. Só o imposto de indústrias e profissões lhe dá uma renda de 2.950 contos. O imposto predial produz 1.250 contos; o matadouro 250; o mercado 200, etc.

O senador Antônio Lemos, intendente municipal e prestigioso chefe político, goza em Belém da fama de reformador progressista e disto deixamos consignadas algumas provas do que já temos dito. Entretanto, o belo orçamento do município autorizava a esperar alguma coisa mais. Será que a administração Antônio Prado, Prefeito Municipal de S. Paulo, administração fecunda e notável, nos tenha por isso mesmo assim tornado exigentes? É possível também que nos tenhamos enganado nessa apreciação, mesmo porque desse modo não se compreenderia com facilidade o prestígio do senador Lemos entre os paraenses.

– Aproveitamos bem o nosso tempo no Pará. Mesmo no último dia, pouco antes do embarque, fomos convidados pelos Drs. Montenegro e Miranda para assistir à primeira experiência de um aparelho Clayton, adquirido pelo Estado para a desinfecção de embarcações. A experiência foi realizada num dos vapores da Companhia do Amazonas, achando-se o Clayton montado em uma Alvarenga convenientemente adaptada para recebê-lo. O aparelho funcionou com regularidade e a sua instalação figurou e fixou mais uma vez em nosso espírito o interesse que o Dr. Augusto Montenegro toma em sua terra pelas coisas de higiene e da medicina. Foi esta a impressão mais lisonjeira que nos deixou a visita ao Pará.

FINANÇAS DO PARÁ – Exercício liquidado – Como o Amazonas, o Pará sofreu em 1901 forte perturbação na sua vida financeira, em consequência da baixa do preço da borracha, cujo imposto de exportação fornece 80% da receita estadual. Valorizando-se novamente este produto nos anos subsequentes, as rendas do Estado tornaram a crescer e restabeleceu-se o equilíbrio orçamentário.



Praça da Trindade

Nos três últimos exercícios, registraram-se estes algarismos, em réis, ouro:

<i>Anos</i>	<i>Receitas</i>	<i>Despesas</i>
1902	5.360:160\$000	7.147:714\$000
1903	6.563:601\$243	7.166:488\$000
1904	7.521:715\$597	7.506:586\$925

Do confronto de tais cifras, resultam as diferenças a seguir mencionadas:

1902	Déficit de 787:604\$000
1903	Déficit de 602:866\$946
1904	Saldo de 15:128\$972

Estas quantias, convertidas em papel, dariam mais do dobro, conforme o câmbio. Porque o Pará é o único estado que faz o seu orçamento em moeda nacional, ouro.

ORÇAMETOS – Nos três exercícios mais próximos, as leis orçamentárias marcaram estas somas, em réis, ouro:

<i>Anos</i>	<i>Receitas</i>	<i>Despesas</i>
1904	5.905:000\$000	5.900:199\$970
1905	6.340:000\$000	6.168:491\$250
1906	7.086:000\$000	6.709:611\$700

Do orçamento de 1906 destacamos os títulos mais importantes da receita, calculada em ouro:

Imposto de exportação	5.500:000\$000
Imposto de indústria e profissões	230:000\$000
Imposto de transmissão de propriedades	240:000\$000
Serviço de águas	200:000\$000
Estrada de ferro de Bragança	200:000\$000
Imposto do selo	90:000\$000

A despesa orçada dividiu-se deste modo pelas três secretarias:

Justiça, Interior e Instrução	3.996:042\$700
Fazenda	1.141:860\$000
Obras Públicas, Terras e Viação	1.300:709\$000
TOTAL	<u>6.709:611\$700</u>

Verbas destinadas aos principais serviços públicos:

Governo do Estado	46:300\$000
Poder Legislativo	157:300\$000
Magistratura	388:520\$000
Policia Civil	184:500\$000
Brigada militar	1.494:514\$700
Instrução primária	718:120\$000
Instrução secundária, superior e profissional	701:338\$000
Serviço sanitário	225:200\$000
Serviço de dívida	730:000\$000
Obras públicas	400:000\$000
Estrada de ferro	455:111\$000

O Estado do Pará é um dos que mais gasta com a instrução pública. A verba destinada a tal serviço quase iguala à consagrada à tropa policial, que em outros estados excede de muito às demais.

DÍVIDA – Ao terminar o ano de 1904, a dívida do Pará estava assim discriminada:

Interna fundada	160:600\$000
Externa £ 1.500.000, ou	30.000:000\$000
Flutuante	318:671\$900
Total em papel	<u>30.479:271\$900</u>

As libras esterlinas do empréstimo externo estão calculadas em papel, ao câmbio de 12 d.

MARANHÃO

.....

Maranhão

M

I

ANHÃ LÍMPIDA e fresca de fevereiro, bafejada por forte brisa de nordeste. Era a primeira vez em que nos aproximávamos das terras do Maranhão.

Navega o nosso barco, o *Maranhão*, do Lóide Brasileiro, em plena baía de S. Marcos – uma Bahia aberta, sem barra determinada, confundindo a rósea e turva cor de suas águas com as cores do oceano e apagando-se indecisa no amarelo esbranquiçado dos ares da costa. Como se vê, há muito já que nos não acompanha a cor esmeraldina dos “verdes mares bravios” do Ceará.

O nosso olhar de curiosos, já cansado do balançar permanente e volúvel das ondas, atira-se ansioso para o horizonte e só consegue, a custo, deter-se em pequena eminência avermelhada, que se ergue à esquerda, rodeada por um verde tapete de mangue, de cujo alto sobressai consoladamente uma pequena torre alvacentas.

É o farol de S. Marcos.

Não tem a beleza dos faróis da Bahia e do Recife. A costa do Norte, rasa e monótona na sua igualdade perene, não oferece ao viajante os encantos da zona do Sul.

À direita, ao longe, outros morros modestamente rompem o horizonte. Lá devemos encontrar mais tarde a velha cidade de Alcântara, uma espécie de Pompéia maranhense.

Mas o nosso paquete diminui de marcha, e já nos vai parecendo que procura o canal, pois se abeira da costa, à esquerda, e começa a deixar o farol para traz. Uma ponta de terra, à nossa frente, indica a entrada do porto.

Distinguimos claramente um pequeno forte quadrangular, ladeado por um farofete e por algumas casas cobertas de telha, que nos disseram ser de banhistas.

Emoldurado este conjunto e dando-lhe a cor tropical – um punhado de graciosos coqueiros.

Nessa entrada do porto, indecisa, desgraciosa e apagada como o são em geral as barras dos portos do Norte, é essa a primeira nota risonha que se nos depara – a Ponta da Areia. O canal aí é bem chegado à terra. Contemplávamos o pitoresco do panorama, ouvindo as explicações que, solícito, nos dava um filho da terra, e nem percebíamos que o navio ia descrevendo uma curva, quando um passageiro exclamou:

– Lá está a cidade!

Voltamo-nos para bombordo, e a nossa frente, erguendo-se do meio de um horizonte de água e mangue, estendida por cima de uma colina alongada de norte a sul, ostenta-se a cidade de S. Luís do Maranhão, a Atenas Brasileira, apelido que o destino mais confirmara ainda, tornando-a, como a sua co-irmã antiga, vítima de mortífera epidemia de peste. Objeto de nossas constantes preocupações, havia muitos dias, – a velha cidade, *alma mater* das nossas maiores glórias literárias, nos atraía, nos infundia respeito, e nos acirrava a curiosidade. Entretanto, a distância que tínhamos a vencer ainda era grande e a nossa impaciência se agravava diante da marcha lenta do vapor que se ia esgueirando pelo canal, e cuja hélice afinal parou – pouco além da Ponta d’Areia.

Eram nove horas da manhã e tínhamos que esperar a visita da polícia do porto.

– Não vem tão cedo, disse-nos um entendido. O médico do porto, devido à peste, retirou-se para fora da cidade; está no Anil, donde o

trem chega tarde. Além disso, aqui não há lancha a vapor para esse serviço. Virá a remo, e a distância é grande...

Resignamo-nos a essa demora, a que já estávamos aliás habituados em outros portos do Norte. Ali havia ao menos escusas perfeitamente aceitáveis. Demais, aproveitaríamos esse intervalo para nos instruir sobre o ambiente que nos cercava. Abeiramo-nos de um grupo de maranhenses, amáveis companheiros de viagem, e, a propósito das nossas interpelações, estabeleceu-se animada conversação, coisa sempre fácil entre os homens do Norte.

O assunto era o porto.

– Cada vez pior; estaremos brevemente sem fundeadouro. As areias o vão entulhando rapidamente, e os paquetes do Lóide já se não atrevem a avançar além da Ponta da Areia.

O porto do Maranhão é formado pela convergência de dois rios, o Anil e o Bacanga, cujos estuários se encontram em ângulo reto, defronte da cidade. Da fusão desses rios resulta um canal, que, com dois quilômetros de extensão por um de largo, talvez, vai desaguar na baía de S. Marcos, na altura da Ponta da Areia. O fato mais interessante neste porto é a grande oscilação das marés, que, de quatro metros comumente, sobe a oito nas ocasiões de plenilúnio.

Na maré vazante, o porto estreita-se sensivelmente, deixando descoberto, em seco, um grande banco do lado oposto à cidade, e ficando reduzido a um canal estreito que o margeia. Esta notável diferença das marés é praticamente aproveitada pelos armadores dos portos vizinhos, que mandam os seus navios ao Maranhão, a fim de sofrerem reparos no casco. Assim, o porto funciona, pois, como um dique natural.

Parece que as areias que o vão obstruindo são levadas pelo mar e não trazidas pelos rios, de volume e percurso diminutíssimos.

Entretanto, o Maranhão não ficará sem porto. A oeste, a poucos quilômetros da cidade, lá está a enseada de Itaqui, que oferece todas as condições de um bom ancoradouro: – entrada franca e fácil para navios de qualquer calado, grande extensão e profundidade, permitindo até a atracação, e abrigo perfeito. Será lá, portanto, o futuro porto, ligado à cidade por uma linha férrea de curto trajeto.

Nem se deve temer que essa circunstância dê lugar à formação de uma nova cidade em Itaqui, em detrimento da capital, porque lá não há elementos para constituir um grande núcleo de população; falta-lhe sobretudo a água.

Esta crise dos portos é entretanto geral em todo o Norte, fato mais a lamentar-se quando a vida de todos eles depende diretamente do mar.

Podemos considerar os estados do Norte como outras tantas ilhas virtuais, insuladas cada qual do resto do Brasil e do mundo, de um lado pelo mar, e do outro pelo sertão inculto, impenetrável. O litoral é o seu pulmão. Por aí respiram eles a brisa forte do oceano; nele se faz a hematose necessária à vida comercial, permitindo-lhes, pela troca dos seus produtos, a comunicação com o mundo exterior.

Outrora, na era colonial (e no Norte a todo o momento a recordação desses tempos nos é sugerida) a navegação de longo curso contentava-se com qualquer porto. As caravelas eram navios de pequeno calado; qualquer barra de rio lhes servia de abrigo, e assim se constituíram os portos da Paraíba, Rio Grande do Norte, Sergipe, Piauí e Maranhão, hoje quase inaproveitáveis. Este último assim mesmo ainda presta os seus bons serviços. Mensalmente visitam-no oito paquetes do Lóide, dois transatlânticos ingleses, dois alemães, além de grande número de vapores fluviais que diariamente navegam para o interior, dando assim ao porto muita vida.

– Outra particularidade daquelas praias está na abundância de tubarões que as freqüentam. Dizem os marujos que a aproximação deles é revelada por pronunciado cheiro de melancia, perceptível a bordo das embarcações por eles perseguidas. Contam-se alguns desastres produzidos por essas feras marinhas e o receio que inspiram aos filhos da terra é tal que, sendo estes muito amigos de banhos, não se atrevem a tomá-lo no mar, senão com todas as precauções ou então procurando praias onde a água, por muito agitada, não permite àqueles cetáceos o acesso. Uma delas é a da Ponta da Areia.

Entretanto, recostados à murada, olhávamos para o mar, procurando, numa ousadia de observadores insaciáveis, lobrigar alguns desses

ferozes animais, o que nos levava, passado algum tempo, a sorrir da nossa ingenuidade de turistas.

Nas ondas batidas de nordeste, agitam-se alguns botes. Os seus tripulantes, inclinado o dorso para traz, voltada a frente para o passageiro, em cima procuravam engajar os seus fregueses, movendo os remos de vez em quando para neutralizar o efeito da maré vazante. Todos eles eram homens de cor, tipos robustos de marujos. Lá não se encontram as feições róseas e queixudas dos catraeiros portugueses dos portos do Sul. O serviço está todo em mãos nacionais. De alguns botes eram dirigidas falas para os passageiros de bordo. Trocavam-se as perguntas da praxe, indagava-se das pessoas da família, sobretudo de Raimundo e Mundico, nomes estes que figuram em toda família maranhense, sem que atinemos com a razão de sua preferência.

Grande número de amigos e parentes se tinha ausentado da cidade com o aparecimento da peste. Os sítios do Cutim, da Maioba, do Anil, do Turu, as cidades de Alcântara, Viana, achavam-se superpovoados de famílias foragidas. A melhor gente fugira diante do flagelo.

Iremos, pois, desembarcar em uma cidade deserta e triste...

Chegou enfim a “saúde”.

Despedimo-nos dos bons companheiros de viagem, em cuja alegre companhia passamos dez dias de amena convivência a bordo e entramos logo num escaler, que, depois de um percurso de alguns metros, nos deixou a bordo de um pequeno vapor fluvial, o *Tupi*, que nos ia levar a terra. A maré vazava com ímpeto e o vaporzinho, já velho e cansado, arqueava por vencê-la, avançando vagarosamente, dando-nos assim tempo de ir colhendo observações e dados dos trabalhos que nos esperavam em terra.

Depois de passar pelo fundeadouro dos transatlânticos, margeando a praia, entramos calmos no estuário do Anil, e já aí descortinamos de perto uma boa parte da cidade, que antes nos parecia encoberta.

Alegrou-nos a vista, logo no primeiro plano da paisagem, um grupo de palmeiras erguidas por traz de um grande casarão, que nos disseram ser o palácio do governo, antiga vivenda dos capitães-mores.



*Avenida Central à esquerda, junto das palmeiras,
o Palácio da Prefeitura; ao fundo o Palácio do Bispo*

Em plano superior, duas ou três esplanadas, dando ares de fortaleza antiga. À esquerda, estende-se em linha reta, ao longo do rio Anil, o cais da Sagração, obra colonial que foi continuada nos tempos modernos. Atrás do mesmo, um grande largo com um projeto de arborização, e depois, em plano posterior, a casaria, que se vai logo levantando confusa, pela colina acima, muito condensada, sem falhas; as casas na maior parte brancas e amarelas, algumas enegrecidas pelos musgos; os telhados muito íngremes e obedecendo todo ao mesmo sistema de cumeeira paralela às ruas.

Raras manchas verdes se conseguem apreciar neste quadro, indicando desde logo que há poucos jardins particulares e que a cidade de S. Luís se sente apertada dentro dos seus limites.

Apenas muito à esquerda, no extremo, lobrigamos uma praça arborizada de cujo centro surge um vulto branco, – a estátua de Gonçalves Dias, que a generosidade poética dos seus patrícios plantou no meio das palmeiras que ele tanto amou.

Agora temos, justo à nossa frente, o forte de S. Luís, bem no vértice do ângulo formado pelos rios Anil e Bacanga, velho e célebre baluarte construído pelos franceses há três séculos talvez, quando fundaram a cidade. Assenta na flor d'água, e tem a forma de duas meias-laranjas ligadas por



*Bairro dos Remédios: entre as palmeiras
se acha a estátua de Gonçalves Dias*

uma muralha reta; está fedindo e esburacado em diversos pontos, e dá ideia de um forte arruinado após o combate; entretanto, bem se percebe, essas soluções de continuidade não são o efeito da metralha, e sim das investidas seculares das ondas, que impetuosamente se atiram contra ele nos dias de ressaca.

Logo após o baluarte, um plano inclinado, que, a partir da parte alta da cidade, vem terminar no nível do mar, formando uma rampa de desembarque de passageiros.

Mais além, um grande edifício, de construção moderna, se apruma de cima de sólidos alicerces: – é o prédio em que funciona o tesouro do Estado. Ao lado um barracão enorme, com os trapiches do Estado e destinado ao comércio de exportação e importação, movimento que só se faz por aí. A boa impressão causada pelo tom róseo do edifício do Tesouro é depressa ofuscada pelo amarelo sujo dos trapiches, armazéns coloniais que ameaçam eternizar-se na espessura respeitável de suas paredes.

Depois de uma última baldeação para o escaler, fomos levados a terra por entre inúmeras embarcações pequenas, cujo ancoradouro fica justamente diante dos postos fiscais do Tesouro. Destinados a tudo que, comercialmente, se destina ao interior, esses barcos são todos pequenos e em geral obedecem ao tipo de iates e das faluas do Rio de Janeiro, – uns



Porto de desembarque, ponto de partida da pequena cabotagem

cobertos, outros descobertos, e tendo quase todos a proa cortada a pique e achatada.

No Maranhão dão a esses barcos o nome de *canoas*. Lá não se encontra a verdadeira canoa do Sul, que é feita de um só tronco escavado. Em vez da nossa canoa, o que lá há é o *casco*, minúscula embarcação, leve e inquieta, toscamente feita de meia dúzias de tábuas ligadas, em ângulo muito aberto, por três ou quatro cavernas delgadas. Nessas canoas a manobra e a viagem devem depender de muita habilidade por parte de seus marinheiros e de alguma coragem dos passageiros.

De dentro dela nos espiava grande número de robustos marujos, todos mestiços, na maior parte caboclos.

Enfim, descemos em terra, na rampa do Tesouro.

Fomos imediatamente apresentados a alguns vultos eminentes da capital, que cavalheirosos nos acompanharam à cidade.

– Vamos a pé ou de carro? Perguntamos.

– Vamos *a* carro – foi-nos respondido, e ... nesse caso, a preferência da preposição *a* à *de* nos vêm revelar o primeiro dos diversos *provincialismos* do falar maranhense, depois notados por nós.

II

Dizem os maranhenses, com modéstia ou orgulho, não sabemos, que o Maranhão tem alguma coisa a lucrar. Há lá mais asseio na cidade

baixa, ao passo que a Bahia pode ser comparada a uma casa de família, na qual se entra pela porta dos fundos. Tal é a má impressão da cidade baixa. O que consola é que em todos os recantos e salões dessa casa hospitaleira, que a cidade de S. Salvador, só se encontram requintes da mais espontânea afabilidade.

S. Luís do Maranhão é uma cidade antiga com uma história de quase trezentos anos, pois foi fundada em princípios do XVII século pelo Sr. de La Ravardière, aventureiro francês da corte de Luís XIII. A sua antiguidade, porém, não decorre da data da fundação – pois está registrada mesmo na parte mais nova da cidade, que, em sua maneira de se desenvolver, *pari passu*, tem acompanhado os moldes da parte velha, de modo que ao forasteiro é difícil afirmar pelo tipo das ruas e edifícios qual a cidade colonial, qual a contemporânea.

O Maranhão, como cidade, sofre de um achaque que por sua vez constitui a mania de certos colecionadores de *bric-a-brac*: – o culto do antigo.



Rua do Sol
À direita vê-se o teatro estadual

Estreitas, algumas de suas ruas mal permitem a entrada do sol nas casas, que dele tanto precisam no tempo das chuvas. Este mal é ainda agravado pelo grande número de sobrados, alguns de três e quatro andares, verdadeiros caixões de pedra e cal, dominando às vezes ruas inteiras e transformando-as em simples corredores.

Os sobrados do Maranhão dão-lhe uma característica nota arquitetônica. Ver um é ver todos. A forma é a de um cubo, mais ou menos; a fachada é lisa, sem um aresta, sem nenhuma reentrância em que se detenha o olhar. Nos primeiros andares as clássicas sacadas verdes; nos segundos, que são freqüentemente sótãos, janelas, às vezes. O azulejo é usado por toda a parte e forma essencial atributo das residências distintas; seus padrões variam, mas os azuis são os preferidos.

Nos azulejos das paredes da frente é que se resume a ornamentação externa das casas, sejam elas velhas ou novas.

Raras as fachadas de cimalha. As cumeeiras são todas paralelas às ruas e muitas passam de um casa para outra, dando ideia de diversos prédios com um só telhado.

As casas que não têm azulejos, são geralmente caídas, mas também se usa, posto que mais raramente, o amarelo oca.

A feição da cidade é, portanto, por suas casas, sempre a mesma, quer se trate de edifícios antigos ou modernos. Destes a impressão é pouco animadora; não passam de simples imitações dos antigos. Dão a ideia de certas crianças, que filhas de pais decaídos, já nascem velhas.

O interior corresponde à fachada e obedece sempre ao regime das alcovas. Em uma casa nobre, concluída em 1903, e que custou a seu proprietário mais de cem contos de réis, contamos seis alcovas!

Numa monografia sobre o Maranhão, cujo autor revela muita erudição e amor à verdade, se diz que os seus prédios não primam pela beleza, mas sobressaem pela solidez.

«Infelizmente», acrescentamos nós, e que se nos perdoe o advérbio. A solidez é um estorvo à reforma progressista.

Em geral, em todo o norte se observa a mesma coisa. Não há arquitetos.

Uma prova evidente disso é a falta de jardins particulares. Raríssimos são as casas a cujos lados ou em cuja frente se encontrem canteiros. Os arquitetos preocupam-se pouco de arejar as casas.

Verdade é que aos maranhenses não faltam as flores da alma. Consolo de poetas...

– Fomos fazendo todos estes reparos, não mais no dia da chegada, mas num passeio vespertino, enquanto um bonde nos ia preguiçosamente levando cidade em fora até ao Largo dos Remédios. Já vencemos a rua Grande, larga e movimentada, porém mal calçada, e entramos na Rua dos Remédios, uma das melhores, e a mais agradável à vista, sem dúvida. Termina ela na praça do mesmo nome, de cujo centro, olímpica e serena, se ergue a estátua do nosso maior poeta, – Gonçalves Dias. Não podia ser mais bem escolhido o local. Num dos pontos mais altos da cidade, donde se avista o mar em grande extensão, o vulto do grande poeta parece, do seu berço de glórias, fitar o seu misterioso túmulo – o oceano.

A índole delicada e poética de seus patrícios, para dar um tom ainda mais expressivo e tocante ao quadro, fez rodear o monumento de dupla fila de palmeiras, de cujas frondes graciosas todos os dias, ao cair da tarde, os sabiás prestarão homenagem ao seu grande poeta, nesse canto mavioso por ele immortalizado na lira.



*Largo dos Remédios
Hoje Praça Gonçalves Dias*

HOJE PRAÇA GONÇALVES DIAS

Pena é que essa praça, tão merecedora de aformoseamento, por sua estátua, por suas palmeiras, por sua topografia, ainda esteja a pedir aos poderes municipais os melhoramentos de que precisa.

Não se pode, realmente, ter da exuberância da vegetação maranhense melhor prova do que seja a do capim que cresce no largo dos Remédios, descuido tanto mais censurável, nesta exceção única, quanto é justamente no embelezamento da suas praças que mais se têm esmerado os intendentos da capital.

Dizemos, sem receio de errar, que no Norte, onde há maior zelo pelos jardins públicos é no Maranhão.

O Largo do Carmo, a Praça Benedito Leite, as avenidas Gomes de Castro e Silva Maia, a Praça Odorico Mendes, são outros tantos primores de jardins, embora pequenos. Parece até que, em construí-los, o que os poderes municipais quiseram foi – compensar a falta que há de jardins particulares.



*Largo do Carmo
Hoje Praça João Lisboa*

Supomos ter sido o Maranhão a primeira cidade do Brasil em que se inauguram jardins abertos. Em relação ao Rio, cabe-lhe sem dúvida a primazia nessa inovação, e agrada ao turista apreciar o zelo com que são respeitadas pelo povo a grama, as árvores e até as flores.

Jardins públicos tão artísticos só os tem o Maranhão. Pena é que não sejam mais visitados pelas famílias, nas horas crepusculares, quando o calor já começa a ceder à vizinhança do fresco da noite.

Realmente, nas horas mais quentes do dia, o calor não convida a sair à rua, tão intenso é ele, embora contínua variação lhe amenize os efeitos. É quase sempre inútil procurar a sombra, que aliás nunca falta nas ruas estreitas e de sobrados altos, – tal o revérbeo das pedras claras de certas casas ou forradas de azulejos.



Trecho central da Praça João Lisboa

As noites, porém, são ameníssimas e, quando há luar, não há quem possa perdoar os hábitos caseiros dos maranhenses.

Acreditamos mesmo que se o Maranhão nada mais tivesse para encantar os visitantes, bastariam as suas noites enluaradas.

Era a hora predileta dos nossos passeios pela cidade, subindo a Rua da Paz, estreita como as outras, mas bem calçadas e habitadas, para depois descansar numa das avenidas do Quartel; em seguida descendo pela Rua do Sol até ao Largo do Carmo ou à Praça Benedito Lemos, para depois voltar pela Rua Grande.

A cidade, à noite, é tristonha. Sentados num dos bancos centrais do jardim do Carmo, passávamos horas inteiras apreciando a limpidez brilhante do céu estrelado. Lá o silêncio era apenas interrompido pelo bater das bolas de um bilhar que há ao lado e pelas notas plangentes de um violino longínquo que gentil senhorita fazia vibrar. Raros passos de

transeuntes soam no cimento da calçada. À nossa frente, pesado, sinistro, levanta-se o convento do Carmo, velho estafermo, cuja remoção felizmente figura nos planos do embelezamento urbano, muito embora dentro de suas paredes se tenham formado os vultos mais ilustres do Maranhão, do tempo em que lá funcionava o Liceu.

Além desse convento, outros há na cidade. Nas margens do Desterro, levanta-se o das Mercês, para onde se mudou aquele estabelecimento de instrução; está bem colocado, como em geral o ficam os conventos em nosso país, única coisa, aliás, em que os frades daqueles tempos manifestaram certo gosto.

Edificados quase todos em colinas mais ou menos altas (mais perto do céu, portanto), notam-se ainda o de Santa Teresa, hoje colégio e asilo de meninas, sito à Rua do Egito, e o de Santo Antônio, antigo baluarte dos jesuítas e atualmente seminário. A igreja deste convento é notável pela originalidade bizarra das suas torres e por ter sido o teatro de grandes triunfos oratórios do padre Antônio Vieira.



Igreja de Santo Antonio

Os padres, em geral, nada têm feito para embelezar a cidade, como se vê não só pelo aspecto anacrônico dos conventos e igrejas, antigas, salientando-se o frontispício da catedral, como pelo palácio do bispo, ainda em construção, portanto em circunstâncias muito mais imperdoáveis. O palácio é um edifício grande, com uma fachada pretensiosa e pintada episcopalmente de roxo. Por dentro avultam as esquisitices, entre as quais a de levar ao primeiro andar uma escada íngreme, interminável, perigosa, ladeada de duas colunas de madeira, a modo de sentinelas.

Chegando-se, porém, às janelas, a má impressão desaparece diante da beleza extraordinária do panorama: muito ao longe, o mar, a Ponta da Areia; depois, a planície coberta de mangue; aquém o estuário do Anil, por onde vem deslizando um vapor, suavemente, à mercê da maré; mais perto, o cais da Sagração, com o largo da Trindade, onde, segundo reza a História, foi (em virtude de sentença de morte assinada pelo governador capitão-general Gomes Freire de Andrada) executado a 2 de novembro de 1684 o celebre revolucionário Tomás Bekmann, vulgarmente conhecido por Bequimão e cabeça da revolta que lhe herdou o nome...

Atrás do largo da Trindade – toda a extensão da cidade que vai do Baluarte aos Remédios. Lobriga-se assim, do alto, o fundo de muitas casas, onde o olhar indiscreto encontra sempre o mesmo avarandado de venezianas verdes, com que invariavelmente se completam as casas ou *moradas* maranhenses. As áreas ou quintais, envergonhados de sua pequenez, escondem-se da nossa vista e ... do sol.

Se é exato que as praças são os pulmões das cidades, podemos dizer que os quintais, ajardinados ou não, são os pulmões das casas e que, portanto, São Luís do Maranhão é uma cidade asfixiada pela condensação extrema dos seus edifícios; e esse mesmo defeito se vai acentuando à medida que a cidade aumenta. Haja vista os bairros da Currupira e de S. Pantaleão, por onde hoje a cidade está se estendendo com todos os seus defeitos, inclusive as ruas estreitas da parte velha.

A estreiteza das ruas lhes impede também a arborização, melhoramento esse tão necessário ao nosso clima e tão aformoseador das cidades!



Praça Benedito Leite

Faz pena, realmente, que os belíssimos oitis, que se admiram na praça Benedito, não se possam estender a toda a cidade.

Entretanto, deve-se reconhecer que a edilidade maranhense limpas, mais do que nas outras cidades do Norte; algumas, como as do Sol, dos Remédios, da Paz, de Santana, da Estrela e Formosa, são bem calçadas a paralelepípedos, e estes são importados por preços caro do Rio de Janeiro, por não haver granito na vizinhança.

O fato da grande parte do movimento da cidade efetuar-se por mar faz que o trânsito seja pequeno nas ruas, dando-lhe um aspecto calmo demais, e consentindo que em várias delas o capim desassombadamente se interponha entre as pedras.

Também não é pequena a despesa feita pelo município com os operários encarregados de arrancá-los diariamente.

Talvez que o único remédio para tamanha e tão nociva fertilidade esteja no revestimento de asfalto ou na cimentação das juntas, melhoramento já executado no Largo do Carmo e na Rampa.

Um fato que agrada aos estranhos à terra, justamente por ser contrário ao que se observa no Sul e sobretudo no Rio de Janeiro, é a simplicidade dos nomes das ruas e o cuidado que tem havido por parte da municipalidade em conservar esse documento tradicional da cidade: – raras são as placas com os nomes de figurões.

Esta modéstia ou este apego às tradições de sua capital é tanto mais para louvar nos maranhenses, quanto, de fato, lhes não faltariam nomes gloriosos para encher as placas de todas as ruas da cidade, sem ser para isso preciso recorrer às notabilidades suspeitas no nome ou no título, como é frequentíssimo algures.



Palácio do Governo

Palmilhando as ruas – vagarosamente segundo o hábito da terra – paramos diante de alguns edifícios públicos. O palácio do governo é uma construção velha e trivial, ocupando grande parte de uma face do Largo da Independência; é de construção colonial e, portanto, sólida. Seu aspecto acaçapado contrasta visivelmente com a fachada moderna do Palácio da Independência, reformado, não há muito tempo, por um engenheiro viajado e de bom gosto, o Dr. Palmério Cantanhede, ilustre filho da terra.

Boa impressão é também causada pelo teatro, onde há a apreciar, além da fachada, a sala de espetáculos com suas três filas de camarotes, a caixa enorme, o belíssimo pano-de-boca, o *foyer* espaçoso e o luxo do camarote presidencial.



Salão do Teatro S. Luís

Além desses o do Tesouro, ao qual já nos referimos, não há mais edifícios públicos estaduais que mereçam menção.

O governo federal lá está representado como por todo o Brasil por uma série de pardieiros amorfos, enormes e enormemente feios, onde está instalada a alfândega, e por um quartel espaçoso, de construção banalíssima, foco perigoso de beribéri, cujas janelas a engenharia militar, ultimamente, mandou fechar até a metade, provavelmente para aumentar a estética do edifício e diminuir-lhe a penetração da luz e do ar, *eminentemente prejudiciais* aos focos beriberígenos(!).



Palacio da Intendência Municipal



Quartel federal

E com esta nota damos por fechada a impressão desoladora que em todo o Norte nos deixaram as instalações dos serviços federais.

III

Temos percorrido toda a cidade, palmilhando compassadamente as suas ruas, demorando-nos com especial prazer em suas praças e avenidas ajardinadas, e deixando-nos levar pachorrentamente pelo bonde aos bairros do Caminho Grande, dos Remédios e da Madre de Deus. É, porém, cedo ainda, para darmos balanço às nossas impressões.

Afinal, só vimos as fachadas das casas; ainda lhe não penetramos no interior, e ainda não conhecemos a família maranhense. Com os seus chefes só temos mantido relações oficiais.

Passado algum tempo, porém, a situação modificou-se: – a peste declinou visivelmente e, como se fosse a primeira que voltasse à cidade flagelada, o ambiente se tornou claro, a sociedade foragida voltou aos seus lares, nas ruas aumentou o movimento, e já se veem gárrulas crianças a passar em procura das escolas, e uma ou outra toaleta clara atravessando o Largo do Carmo.

Nas casas patricias reabrem-se as janelas. Já se ouve o piano nas ruas há pouco silenciosas; e das vielas misteriosas do Desterro e Madre de Deus, aqui e ali, também nos chegam aos ouvidos as endeixas amorosas das modinhas indígenas.

A alma popular expande-se. O maranhense como que se nos revela.

A psicologia do povo brasileiro ainda está por ser feita e não temos pretensão de, a propósito do povo maranhense, entrar nesse estudo delicado de etnologia.

Um fato, porém, nos impressionou dolorosamente, nesse percurso pelos Estados do Norte, fato de tal ordem, que pode sufragar os receios nutridos por muitos – de que as contínuas rivalidades políticas e administrativas entre os Estados venham a afetar a unidade da pátria. Este fato de observação é a diferença acentuada que há no caráter, na índole, nos costumes, nas aspirações, na educação e até na raça, de Estado para Estado, muitas vezes até contíguos.

As forças da natureza vencem sempre, e receamos que esta diferenciação progressiva que se vai operando entre os povos do Brasil, traga como consequência natural e desastrosa aquilo que a política geral do país antevê e procura evitar – o fracionamento da pátria. Nem se diga que a imigração nos estados do Sul, porque inocula um elemento estranho nas raças primitivas, tenha concorrido para esse desequilíbrio. No Norte não tem havido imigração, e, estudando a plebe como elemento étnico mais definido, quem pode comparar o baiano, de feições regulares, de tez morena e baça às vezes, alegre, expansivo, inteligentíssimo e sempre loquaz, com os sergipanos que lhe ficam ao lado, mestiços frequentemente, mas de fisionomia larga, cabeça achatada, homens raquíticos, mas ativos, inteligentes, falando uma língua cheia de *rrs* com uma voz metálica bem diferente do tom gutural, profundo e sentenciosos da dos baianos?

Quem pode nivelar o pernambucano altivo e barulhento, todo cheio da sua Veneza brasileira, do seu leão do Norte e dos seus holandeses, com os mestiços humildes, pobres ou pelo menos desanimados dos estados vizinhos de Alagoas, Paraíba e Rio Grande do Norte?

Quem pode ter a pretensão de classificar, no mesmo tipo étnico, o cearense que é dentre os brasileiros o tipo mais característico por seu físico, cabeça achatada, olhos grandes, malares salientes, estatura pequena e raquítica, homens tenazes e pacientes, e os paraenses, caboclos robustos, algum tanto vaidosos e ciumentos do seu poder, civilizados e progressistas?

Não é uma questão de raça. Esta é a mesma em todo o Norte. É questão de mestiçagem, mais ou menos acentuada, do negro com o branco na Bahia e no Maranhão, em menor escala neste e de caboclo no Ceará e Pará. A argamassa que os cimenta, purifica e eleva, o português, é a mesma do Rio Grande do Sul ao Amazonas. Como uma fatalidade esmagadora, lá está o conjunto dos fatores mesológicos, que chamaremos clima, a zombar de todas as tentativas que se fizerem para obter um tipo uno de raça.

Nem a colonização em massa, as avalanches imigratórias, pela sufocação súbita das raças atuais, poderiam remediar esse inconveniente. Passadas as primeiras gerações, volveria tudo ao *statu quo* anterior.

Só mesmo a civilização, com todos os seus recursos de instrução e administração, auxiliada pelo impulso benéfico dos governos, providente e harmônico, ainda poderá, ao contrário do que se está dando agora, assegurar a unidade perene do nosso Brasil.

Mas, volvamos ao nosso Maranhão, do qual sempre nos afastamos com pesar, mormente agora que entramos em relação com o seu povo.

Os maranhenses já são sobejamente conhecidos no Sul; gostam de emigrar, parecendo-se neste ponto com os seus vizinhos, os cearenses, diferindo apenas como emigrantes na espécie. Destes emigram os plebeus, os párias, açoitados pela miséria; daqueles os letrados, ambiciosos, para cujas aspirações sentem pequeno o meio natal. A muitos no Sul, portanto, não será estranho o que vamos dizer.

Quanto à raça, devemos assinalar que a mestiçagem no povilêu é grande, sobretudo entre o negro e o branco, e depois entre o caboclo e

o branco. Compreende-se perfeitamente. Foi o Maranhão, das províncias do Império, uma das que tiveram maior escravatura e em que mais se acentuou a imigração portuguesa. Pelo apuro que traz a civilização, ainda muitas e muitas famílias na capital e no interior se orgulham do seu sangue puro; os mestiços, porém, vão subindo, vão galgando esferas mais elevadas e, não haja introdução de elementos estranhos, daqui a algumas gerações, poderão eles predominar no tipo final da raça.

Dizem os maranhenses do interior que em alguns rios predominam os caboclos, o que é natural: os índios sempre gostaram dos rios, onde a sua indolência com facilidade acha o peixe para a sua alimentação.

É observação dos etnologistas que na raça negra predominam as qualidades efetivas. Será essa a razão da boa índole das camadas inferiores da população maranhense. Acostumados no Sul a ouvir mil histórias dos *cabras* do Norte e dos jagunços, surpreendeu-nos a bondade extrema daquela gente, bondade que poderíamos chamar *ingenuidade* se não tivéssemos por outro lado repetidas provas da sua perspicácia. Essa bondade lhes é natural, não pode ser considerada um artifício de civilização. Não há malícia naquele povo, sem que se possa de modo algum chamá-lo de simples, porque, como já dissemos, denota possuir certo apuro intelectual, que não estamos habituados a ver nos caboclos do Sul. Agrada sobretudo a correção relativa da linguagem. Neste ponto, em todo o Brasil, não há quem lhe leve a palma.

Estas boas qualidades têm, porém, o seu reverso: os maranhenses das classes baixas são de uma indolência tropical que desanima. A tendência fatalista de seu temperamento, a sua ausência de aspirações e a facilidade com que lhes corre a vida, são as causas principais desse grave defeito. Peixe e camarão, abundantes; a farinha-de-água, barata; o clima, quente, sem exigir roupas caras... eis como vão vivendo e filosofando esses felizardos ao sabor da maré e do vento...

Como consequência dessa inércia moral, assiste-lhe uma grande virtude, da qual tivemos provas frequentes e eloquentíssimas nos nossos serviços de higiene.

No Maranhão não há a miséria, não há fome; não se veem mendigos nas ruas, como no Ceará e em Pernambuco. Também não há falta de

trabalho, e é grande o número de famílias de operários, sobretudo mulheres, que se ocupam nas fábricas de tecidos.

Serviços que estávamos habituados a ver executados só por estrangeiros, principalmente italianos e portugueses, como os de catraeiros, carroceiros e engraxates, lá são todos executados por nacionais. O mesmo se pode dizer dos artistas, sapateiros, alfaiates, marceneiros, etc. Os maranhenses louvam os trabalhos de seus torneiros e marceneiros. Realmente, admiramos algumas mobílias bonitas, todas porém do mesmo estilo, cheirando a tradição.

O fato de estarem todas essas profissões em mãos de uma população indolente, torna cara a mão-de-obra no Maranhão. Não se deve absolutamente, pela simplicidade histórica de suas casas, julgar que as construções são baratas; basta dizer que vimos pagar por um milheiro de tijolos 180\$000! Por isso mesmo, em grande número de prédios, são os tijolos substituídos por *adobos* feitos de barro cozido ao sol, um meio-termo entre a nossa taipa e o tijolo.



Avenida Silva Maia

Seria interessante, e é um problema que recomendamos aos engenheiros e arquitetos da terra, indagar o papel que esses *adobos* representam na umidade pronunciada das casas maranhenses.

As mesmas qualidades de coração e de inteligência que acabamos de apontar, mas em grau muito mais elevado, se notam nas classes superiores. Da generosidade dos seus sentimentos não pode haver melhor prova do

que a hospitalidade carinhosa com que agasalham o forasteiro. Dizem os estrangeiros que nos visitam, que a hospitalidade é um sentimento característico do povo brasileiro; duvidamos, porém, que em parte alguma, seja mais apurado do que no Maranhão, nem mesmo em Minas, que disso se orgulha. A bondade natural daquela gente, a simplicidade delicada de sua alma, revela-se ainda nas relações que há entre todos os maranhenses de sua sociedade. Sejam quais forem as rivalidades, motivadas por interesses que se chocam na luta pela vida, existe entre todos uma harmonia, aparente ou não, que encanta. É como se constituíssem uma só e grande família, vivendo uma vida patriarcal. Ódios sedentos de vingança, rancores mal reprimidos, são paixões que lá não se encontram, nem mesmo originados de lutas políticas.

Talvez que em tudo isso se possa reconhecer a influência que sobre a vida emotiva exerce a cultura intelectual; porque, sem contestação, o povo maranhense, estudado de perto, justifica plenamente o juízo que dele se faz cá fora. É uma gente culta e inteligente e nenhum dos estados brasileiros tem concorrido mais para elevar o nível intelectual da pátria. Basta lembrar os nomes de Gonçalves Dias, Odorico Mendes, Franco de Sá, Joaquim Serra, Gentil Braga, Trajano Galvão, Luís Quadros, Lisboa Serra, Teófilo Dias, na poesia; João Lisboa, César Marques, Henriques Leal, na história; Cândido Mendes, na geografia; Gomes de Sousa, na matemática; Sotero dos Reis, na linguística; Serrão, nas ciências naturais; João Mendes, na jurisprudência.

São maranhenses entre os contemporâneos os nossos maiores romancistas: Aluísio Azevedo, Coelho Neto, Graça Aranha, bem como o nosso mais notável escritor dramático, Artur Azevedo.

Nas ciências positivas, na matemática, na engenharia, sobressaem os vultos de Teixeira Mendes, Tasso Fragoso, os irmãos Morais Rego, Enes de Sousa, Shalders e Stevenson.

É maranhense a figura mais brilhante da escola de Medicina baiana – Nina Rodrigues.

Maranhense a figura Raimundo Correia, o inspirado poeta das *Pombas*, Viveiros de Castro, o juriconsulto, e Castro Maia, o financeiro.

Um maranhense já dominou o extremo norte – Eduardo Ribeiro, o *Pensador*; outro toma parte ativa na política e administração do Pará – Antônio Lemos.

No nosso Parlamento foi sempre brilhante o papel representado pela bancada maranhense, embora pequena. No Senado são ouvidas com atenção as palavras criteriosas e convincentes de Benedito Leite e a eloquência demostênica de Gomes de Castro. Na Câmara sobressaem Urbano Santos, Luís Domingues, José Eusébio, e até há pouco ainda era ouvido com respeito o padre Mourão.

Maranhense é ainda o bispo de Olinda, monsenhor Brito, tão conhecido e admirado no Rio.

E assim iríamos longe, se percorrendo as diversas esferas da nossa atividade intelectual, quiséssemos citar todos os nomes maranhenses que, pelo Brasil inteiro, têm honrado o nome da sua terra natal.



Avenida Gomes de Castro

Ainda o Maranhão justifica o apelido de Atenas Brasileira, recordando os tempos em que da antiga metrópole grega partiam os homens cultos que iam levar a instrução às repúblicas irmãs do Peloponeso, da Sicília, de Roma.

Também, a instrução pública não desmerece desse conceito. Os seus estabelecimentos capricham em manter-se ao nível elevado da cultura do povo. Possui o Maranhão uma Escola Normal e outra Modelo de primeira ordem, com todos os requisitos de um estabelecimento moderno, mantido e dirigido segundo a orientação dos seus congêneres de São Paulo.

Há no povo pendor natural para a poesia. Dizem mesmo que quem lançar um anzol em águas maranhenses, ou fisga um tubarão ou um

poeta. O hábito de recitar versos é frequentíssimo na sociedade e o fazem naquela linguagem correta e castiça, que só se encontra no Maranhão.

É rara a família que não tenha o seu poeta ou poetisa. As moças também versificam por prazer, e, com a mesma naturalidade com que tomam da agulha para fazer um *tricô*, empunham da pena para escrever um soneto ou um madrigal. Algumas não se capacitam mesmo que alguém possa ser homem de letras, que tenha cursado uma academia, sem jamais ter feito versos.

Certo dia, em palestra numa sala, um de nós recebeu a seguinte intimativa:

– Doutor, mostre-nos um dos seus sonetos.

Um calafrio fê-lo sentir uma influência inibitória, felizmente passageira, e quase ficou sem saber o que responder. Afinal pode a custo balbuciar:

– Não tenho jeito para poeta, minha senhora.

– Não é possível, doutor. Como sabe que não tem jeito? Deve ter experimentado para o saber.

– Por isso mesmo que a prova foi má, é que não tenho coragem de a apresentar.

Foi em vão toda a escusa justificativa. Formou-se uma roda para reforçar o pedido. Como sói acontecer nesses casos embaraçosos, o meu companheiro de trabalho veio agravar a situação, afirmando conhecer versos do seu colega intimado.

Seria pouco delicado recusar. Demais, neste momento, mais do que nunca, era preciso ser ateniense em Atenas.

Timidamente tomamos um lápis que estava em uma escrivaniha e procurando lembrar alguma poesia, mesmo sem valor, conseguimos reproduzir um soneto.

A gentileza impôs na ocasião o aplauso, e a conversa foi logo deslocada pelo interessado.

No dia seguinte um jornal da Arcádia brasileira reproduziu indiscretamente o soneto, sem assinatura, e a resposta, também sem ela.

TORMENTA

Em vão zunindo o vento as vergas dobra
Jogando a frágil nau de encontro à vaga:

Se o mar revolto o tombadilho alaga
A nau levanta a proa e não soçobra.

Se atividade o capitão redobra
E, cheio da esperança que o afaga,
Por entre gritos de conforto e praga
Dirige a marujada e a nau manobra.

Assim é meu viver amargurado:
Teu amor representa a tempestade,
E a nau meu coração atormentado.

Se o capitão redobra a atividade,
Quando se sente mais embaraçado,
Meu coração redobra de ansiedade.

* * *

BONANÇA

Cessou a ventania tormentosa,
Passou a tempestade atroadora,
No mar dantes revolto, calmo agora,
A nau levanta a proa graciosa.

Nas ondas se embalando caprichosa.
Do capitão a voz forte e sonora
– Salvo! Exclama... e a marujada fora
– Olá! Repete. Oh! Nau misteriosa!

Assim deve domar-se o coração
A nau, na luta como na bonança,
Foi manobrada pelo capitão.

E se ele esperançoso triunfou
É que o amor se alimenta d'esperança?
Peito que não espera nunca amou.

* * *

Indiscrição com indiscrição se paga. As três estrelinhas do segundo soneto devem ser substituídos pelo nome de D. Laura Rosa.

Pode ser que seu soneto, como o que o provocou, não mereça dos entendidos os aplausos que a espontaneidade do verso, a presteza da resposta e as circunstâncias que o rodearam, fizeram partir de nós. A ilustre poetisa tem muitos outros que ficarão a salvo de qualquer crítica, tão corretos e inspirados são.

Os oradores no Maranhão são numerosos. Cultivam quase que naturalmente o estilo acadêmico, usando e abusando dos tropos.

Há no cultivo da língua verdadeiro esmero e capricho. As digressões sobre gramática fazem parte da conversação diária. Uma vez, a bordo, ouvimos acalorada discussão entre dois deputados, um maranhense e outro piauiense. Calculávamos que fosse alguma velha rixa política a propósito do porto de Tutoia, e nos aproximamos pressurosos. Que nada! O Piauí tivera a pretensão de corrigir o Maranhão numa simples colocação de pronomes... Daí a indignação maranhense!

IV

A gente mais culta do Maranhão vai com muita frequência à Europa. Verdade é que as relações de parentesco com a sociedade portuguesa são tão íntimas, que essas excursões muitas vezes não vão além do Porto ou de Lisboa. Também o português no Maranhão merece menção especial, pois não se parece absolutamente com o português imigrante que conhecemos no Sul. É em geral civilizado, cavalheiro, maneiroso. É o capitalista da terra, figura no primeiro plano da sociedade, por ela se deixa influenciar vantajosamente.

Até bem pouco tempo, todo o comércio maranhense era português; hoje, porém, já se notam muitas casas brasileiras de importância. Quem percorrer as ruas comerciais do Trapiche e da Estrela, não encontrará nas placas nomes alemães, ingleses ou italianos, que exclusivamente se observam no Sul. No comércio de fazendas a retalho impera o elemento sírio, que silenciosamente, aos poucos, se vai apoderando desse gênero de negócio, em todo o Brasil.

Será uma vantagem? Será prejudicial essa imigração oriental que assim avassala o comércio de norte a sul?

Dizem os seus defensores que o sírio é bom, porque é morigerado, respeitador da ordem, trabalhador e facilmente assimilável ao elemento nacional. Pode ser tudo isso, mas não é absolutamente um elemento de progresso, porque lhe falta a iniciativa. Embora cristãos fervorosos, fanáticos até, o seu temperamento de orientais é dominado por tendências fatalistas e estas, como é intuitivo, reduzem o homem a um verdadeiro autômato, na luta pela existência. Todos adotam o mesmo gênero de vida – o comércio de fazendas. Sem aspirações, sem espírito inventivo, que os levem a tentar novos ramos de atividade, satisfazem-se com a certeza do lucro que aquele ramo de comércio lhes dá, aproveitando a experiência adquirida através de passadas gerações, e vivendo a vida automática de quem se deixa levar pela onda.

Pensamos, pois, que o Maranhão nada tem a lucrar com os seus *carcamanos*, como os chamam por lá.

O negócio de secos e molhados é feito nas *quitandas*, que lá substituem as nossas vendas. Uma categoria mais elevada ocupam as *mercearias*. Tanto quitandeiros como merceeiros são, na sua maioria, nacionais.

Não podemos falar no comércio maranhense sem salientar a Casa Teixeira, estabelecimento moderno, com diversas seções de roupas, mobílias, perfumarias, etc., e das quais uma, a tipogravura, revela um verdadeiro progresso, podendo-se considerar única no gênero em todo o Norte, sendo mesmo sobrecarregada com encomendas dos estados vizinhos. O seu proprietário, Sr. Alfredo Teixeira, que seguiu um curso de artes gráficas em Paris, forneceu-nos ocasião de admirar muitos trabalhos ali feitos, entre os quais se destaca a *Revista do Norte*, jornal ilustrado, de feição moderna, unicamente destinado às artes e à literatura. Também da imprensa maranhense é a única publicação que está na altura do renome literário de que goza o Estado. Os outros jornais, a *Pacotilha*, o *Federalista* e o *Diário do Maranhão*, em rigor não correspondem às exigências da cultura do povo. São jornais de pequeno formato e cujo âmbito não vai além dos assuntos locais e especialmente da política do Estado, que na imprensa local é enfeixada num partidarismo estreito com que o povo não comunga.

É diretor da *Revista do Norte* o Sr. Antônio Lobo, ilustre literato maranhense, a quem também está confiada a direção da Biblioteca Pública, uma das coisas dignas da Atenas brasileira.

Bem colocada no coração da cidade, com um espaçoso salão de leitura, fartamente iluminado, a Biblioteca abre-se diariamente, mesmo aos domingos e dias feriados, compreendendo bem o seu diretor que as bibliotecas públicas são feitas para os pobres, que não podem comprar livros e que só não trabalham naqueles dias, em que podem dispor de algumas horas para se instruir.

Frequentaram-na, até bem pouco tempo, as senhoras, hábito bem digno de ser continuado lá e imitado cá pelo Sul. Parecia-nos mesmo que nas senhoras maranhenses o gosto pelas belas letras sobrepuja o das artes, mesmo o da música, embora haja ali uma Escola de Música mantida pelo governo.

As diversões, que não são frequentes, ressentem-se dessa falta; em compensação, faz-se muita poesia. O apego às tradições, a que por vezes nos temos referido, exerce também sua influência na sociedade maranhense; aqui, porém, a sua ação é salutar. Graças ao Maranhão, a lira brasileira está sempre encordoada e afinada.

O mundanismo dissolvente que caracteriza hoje a sociedade das nossas cidades modernas e ricas ainda não invadiu o Maranhão. As famílias ainda guardam a pureza de costumes e a simplicidade de maneiras dos nossos avós, na gentileza cativante e espontânea com que dão acesso à intimidade dos seus lares.

Visitemos um lar maranhense.

À porta da sala, vem receber-nos uma criança risonha, mostrando, na falha dos incisivos, ter mais ou menos sete anos. Traz numa das mãos um *tricô* principiado e interrompido pela nossa visita. Manda-nos sentar, dizendo que a mãe não tardará. Dado este recado, ela senta-se também, a fazer-nos companhia... e pachorrentamente continua o seu *tricô*.

A sala é espaçosa; o teto, de estuque, com um grande lustre pendente do centro; o soalho, de tábuas de bacuri, semelhando a canela. Nas paredes, de dois grandes quadros a óleo nos fitam, inofensivas, as figuras de um casal de velhos portugueses. A mobília é pesada, de madeira;

destacando-se à frente um aparador, onde, entre outras coisas antigas, se distinguem duas mangas de vidro, altas e bojudas, e ao lado o clássico espevitador de prata para cortar o pavio das velas. Ao fundo, duas portas largamente abertas dão para uma alcova, que comunica com a sala de jantar ou varanda, por duas outras portas fronteiras às primeiras, de modo que da sala de visitas se devassa a casa até à varanda. O ar circula livremente, mas a luz não penetra e a alcova permanece sempre um cômodo anti-higiênico.

A dona da casa aparece por fim, na pessoa de uma senhora quarentona e gorda. (Os nossos quadros não se referem a uma determinada pessoa, por serem coletivos e indeterminados.)

A adiposidade é frequente nas matronas, o que é sem dúvida devido aos seus hábitos caseiros e sedentários.

Passados os cumprimentos do estilo e o período das palavras banais, entra-se, sem perceber, no regime da conversação mais animada, tal é a amabilidade despreziosa com que nos tratam. Somos convidados a ver a casa, enquanto o marido, o Mundico, não vem da Praia Grande, onde é negociante. É dia de vapor para Lisboa, a correspondência demorara... Atravessamos a alcova, espaçosa, arejada, mas escura e deserta; apenas das quatro paredes pendem os ganchos das redes, esperando resignados e silenciosos pela hora da noite.

É nessa hora que a alcova se aclara à luz do gás, as redes entram a funcionar, dependuradas ao gancho e separadas do chão pela renda das varandas. Movimenta-se o quarto com o balançador das mesmas e o roque-roque dos ganchos substitui o silêncio do dia. No Maranhão só se dorme em rede; aristocratas ou plebeus, velhos ou moços, só conhecem uma cama – a rede.

Utilizam-se dela, porém, só para dormir, ao contrário do que se dá no Sul, onde, colocada na sala de jantar, serve de conversadeira.

Caindo na rede, o maranhense lembra o marreco caindo n'água. Regala-se todo: se estava melancólico, entra a sorrir; estampasse-lhe na fisionomia a sensação do gozo, e voluptuosamente distendendo os membros, procura a posição diagonal, enquanto, no vaivém do movimento, a varanda finamente rendilhada vai varrendo o espaço...

A indústria e comércio de redes são importantíssimos no Maranhão. Só no município, o de S. Bento, vive desse trabalho, sendo afamadas em todo o Norte as suas redes.

Há redes para todos os preços e para todos os gostos, desde 5\$ até 500\$000, – de fio de algodão ou de linho, batidas ou abertas. Por 200\$000 réis já se tem uma rede finíssima, feita de linho de carrinho. Destas vimos algumas que nos deixaram estáticos diante da perfeição artística do trabalho.

A cor mais usada é o branco, de uma alvura de lençol. Em algumas, o valor é dado pela varanda, sendo mais aperfeiçoadas as de labirinto.

Agora a nossa opinião de profissionais: – Como clínicos detestamos a rede e ainda hoje lastimamos o pobre do colega que tiver de examinar um doente deitado numa rede. Quem poderá percutir um fígado, escutar um pneumônico, nesse doente assim todo encolhido, reduzido a novelo de gente? Como higienistas, porém, só temos louvores a fazer. Não conhecemos leito mais higiênico. Afastada das poeiras do solo e das paredes, sem os escaninhos das camas, permitindo por sua remoção fácil a limpeza completa do aposento, podendo sofrer lavagens repetidas, como se fosse lençol, o que não se pode dar com os colchões e travesseiros, – a rede representa um ideal em higiene.

Ainda não é tudo: – quem viaja no Norte pode levar a cama dentro da mala. Em toda a parte há ganchos... é só armá-la.

Passemos à varanda, onde a luz e o ar entram em abundância: – é a residência habitual da família. As janelas, largamente abertas à viração do mar, dão para a área, na qual se ostenta, por cima de alguns jiraus, grande número de vasos de flores, lembrando os jardins suspensos da Assíria. As formigas, pavorosamente abundantes nesta terra, não consentem noutra espécie de jardins e assim em parte está desfeita a censura que em tempo fizemos.

Do meio da sala de jantar parte o corredor que vai ter à porta da rua, dividindo assim a casa ou morada em duas metades. As casas pequenas são constituídas por uma *meia morada*; a divisão interna é, porém, sempre invariável: – à sala segue-se a alcova, a esta a varanda, e depois o puxado formado por uma série de aposentos seguidos, terminando na cozinha, e

margeados por um corredor avarandado, ao qual grande número de venezianas permitem o acesso do ar, mas não do sol.

No arranjo da sala nada de característico se nos depara, a não ser uma estante ou suporte com vinte ou trinta bilhas de barro, colocada junto do corredor e aproveitando-lhe a ação refrigerante da correnteza do ar encanado.

Na varanda oferecem-nos refrescos de *maracujá*, *juçara* ou *cupu*. Preferimos este último, que ainda não conhecíamos. O aspecto não é agradável, lembra o leite coalhado; o sabor, porém, ácido e brandamente aromático, provoca-nos elogios. No entanto, a nossa visita já vai muito além do que esperávamos. Despeçamo-nos... Penhoradíssimos vamos a sair, quando a gentil menina que nos recebeu nos traz pressurosa e alegre um punhado de flores alvas: – são as *estrelas*, assim chamadas em virtude da disposição radiada das pétalas, e de um perfume delicioso.

Com o andar do tempo a nossa convivência com a família maranhense vai-se tornando mais íntima. A mesa sobretudo já nos é familiar e, muitas vezes, motivo de calorosas discussões na nossa roda de estranhos.

Há entusiastas do *caruru* e do *vatapá*, que são pratos mais propriamente baianos; o *foie* merece aprovação unânime, apesar de ser considerado prato plebeu pelos filhos da terra; é que nem todos tiveram a ventura de prová-lo, ao sair de uma terrina de mais de duzentos anos, que um ilustre antepassado do nosso anfitrião trouxera da Índia, in *illo tempore*.

O cuxá, porém, o celebre cuxá maranhense, o prato essencialmente indígena, mereceu-nos apenas uma aprovação cortês. É um molho composto de cor esverdinhada, em que entram principalmente a vinagreira e o gergelim. O camarão é figura obrigada na mesa maranhense exatamente como o arroz e a farinha-d'água. Mais raramente se apresentam o peixe e a *carne de vento*.

O peixe frito em óleo de gergelim é apreciadíssimo nas classes inferiores.

Em passeio, à noite, pela cidade, não raro ao dobrar uma esquina somos surpreendidos com o cheiro penetrante que nos vem de uma porta, onde num fogareiro aceso uma preta velha prepara o manjar apetecido por meia dúzia de fregueses, que lá estão em pé, ao lado, à espera. Prato mais finos, mas muito comuns, são os borrachos e as *jaçanãs*, aves de caça

abundantes em certa época, da qual fazem larga exportação. É um prato delicadíssimo, fresco ou salgado. Nas mesas festivas, apresentam-se às vezes o *jabuti*, reduzido a cabidela, e os *jurarás*, cágados pequeninos.

Quando a coisa é muito solene, surge o fígado da jabota.

– Experimente, doutor, diz-nos amavelmente e risonha a dona da casa; veja se não tem um gosto de *foie gras*.

Fígado de cágado! Sorrimos amarelamente e, resignados, nos ariscamos ao apetitoso (!) manjar.

– Tal qual, respondemos, delicioso! Infelizmente, porém, já estamos almoçados; a jabota devia ter vindo no princípio. E.... corajosamente cruzamos o talher.

Fígado de cágado! Mudemos de assunto, não falemos mais nisso.

Chega a hora da sobremesa.

É hora do bacuri, o momento mais venturoso que se passa no Maranhão.

O dono da casa perversamente pergunta se não preferimos começar pelo doce de leite, sobremesa clássica naquela terra, estilo rapadura, ou então pela canjiquinha, espécie de mingau de milho. São recusados *in limine*. O nosso olhar descansa na compoteira do *bacuri*, do delicioso *bacuri*.

Não conhecemos nem podemos admitir que no mundo haja frutas que mais se preste ao doce de compota.

É de um aroma delicadíssimo, que, longe de desaparecer, como em geral se dá com as frutas reduzidas a conserva, mais se acentua na compota. O próprio aspecto da fruta, semitransparente, opalino, corresponde à delicadeza do néctar. O *bacuri* é uma fruta especial do Maranhão; é árvore silvestre e contam-se dela matas extensíssimas. Do seu tronco aproveita-se ainda a madeira para o soalho das casas e outros misteres. No Sul temos o *bacupari*, frequente no litoral do Estado do Rio e que nos pareceu ser da mesma família do *bacuri*.

Depois daquela sobremesa aceitamos, para não nos atirarem a pecha de exclusivistas, o abricó, compota também saborosíssima. Chamam-no *do Pará*, mas é originário das Antilhas. Apesar de abundantes, os

abricós são muito bem taxados no Maranhão. Compram-se, do tamanho de uma laranja, a 800 réis cada um e a mais!

Em geral o Maranhão é uma terra rica de frutas, embora sejam elas caras.

Ao lado do bacuri e do abricó, que mais se prestam ao doce de compota, encontram-se: – o caju e o seu diminutivo, o cajuí, dos quais há matas em toda a ilha; as mangas, de uma variedade notável; as sapotas e os sapotis, muito maiores do que os do Rio; as atas, os abacates, etc.

De todas essas frutas fazem-se doces, assim como também do *buriti*, palmeira de cujos cocos se prepara uma pasta saborosa, semelhante em sabor e aspecto ao tamarindo. Em limonadas e sorvetes são aproveitadas as frutas ácidas como o *caju*, o *maracujá*, a *jacama*, a *mangaba*, etc.

Íamo-nos esquecendo do *murici*, que aliás bem merece esse esquecimento, quer na compota quer reduzido a pasta.

A indústria dos doces, sobretudo os de compota, é muito espalhada no Maranhão; muitas famílias vivem exclusivamente dela. Pareceu-nos, porém, que podia estar mais desenvolvida, atendendo para a abundância das frutas e para a sua procura. Basta dizer que passados alguns meses além da época do fabrico, já não se encontram no mercado.

Como se vê, a alimentação no Maranhão é originalíssima e fazemos votos para que, no evolver dos anos, se conserve sempre esse sabor original, que é um dos encantos da terra.

V

Os divertimentos, como já dissemos, não são muito frequentes. Talvez o fato fosse, na ocasião, devido à anormalidade do estado sanitário.

Nas reuniões familiares aprecia-se a dança. Dançam correta e elegantemente. Não se dispensam os recitativos, e os ditos de espírito fazem roda.

Quem não quer fazer má figura precisa ter nos salões a atenção presa e a celebração ativa, como o parisiense tem o pé ligeiro. Senão fica esmagado.

O assunto é variado: a música, a poesia, a literatura, as viagens, e... quando menos se pensa, é trazido à baila o objeto de nossas lucubrações. Sem haver intenção de menoscabar da higiene, a pobrezinha viu-se algumas vezes num tipiti ou num torniquete.

Tínhamos de defendê-la com espírito. A lógica não vinha ao caso, e oferecia alvo a novas setas. No entanto, se a higiene entrava na conversação aparentemente sobrecarregada de ironias, no momento das saudações, à sobremesa e por entre taças de champanha, os higienistas, os seus serviços e a própria higiene eram tratados com provas a mais delicada amizade e da mais sincera gratidão. Os ditirambos faziam esquecer as ironias, que aliás nunca chegavam a molestar.

A música atualmente é relegada para o segundo plano. Poucas vezes, e somente nas vésperas da partida, tivemos ocasião de ouvir música e canto. É exato que se tratava de um magnífico piano magistralmente dedilhado e de uma voz sonora, melodiosa e terna. É possível que seja também questão de época. Um viajante português, Gama e Abreu, em seus apontamentos de viagem realizada em 1874, diz que uma feição característica dos maranhenses é a sua paixão pela música e pelo teatro. Há na sociedade maranhense como que um *engouement* por este gênero de divertimento, diz ele, que toca à loucura.

É verdade que os Raiol, músicos de raça, são do Maranhão. Um deles era mesmo o diretor da Aula de Música, mantida pelo Estado; a debilidade de sua saúde o afugentara, porém, para o Rio, donde voltara, havia pouco, mas para ir descansar na mansão dos mortos ilustres de sua terra.

As diversões públicas consistem quase que exclusivamente nas festividades religiosas. São raras as companhias dramáticas. Em compensação é extraordinária a frequência daquelas: – quase todos os domingos há procissões, que, quando são solenes, são acompanhadas pelas famílias mais gradas do lugar. Não se crê, porém, que isso indique grande apego à religiosidade. O povo maranhense pode ter defeitos, que nós não encontramos; carola é que não é absolutamente, o que ainda está de acordo com a sua cultura adiantada. O fervor religioso consiste-lhe apenas em ter dado ao clero brasileiro um dos seus vultos mais brilhantes, – monsenhor Brito.

As festas eclesiásticas primam pelos sermões do eloquente orador padre Damasceno, – e pelos foguetes, que representam papel importantíssimo nas manifestações de prazer daquele povo, tanto religiosas como políticas, em que sobressaem, como em toda a parte, os sibilantes foguetes eleitorais. A festa de maior solenidade é a de Santa Filomena, na igreja de Carmo, e já se falava na festa dos Remédios, para quando ficasse pronta a igreja, que promete ser um dos ornamentos da cidade.

Agora, para terminar estas pequenas observações sobre usanças e costumes do povo maranhense, alguns tipos da rua.

O movimento transeuntes não é grande, salvo nas ruas comerciais do Trapiche, Grande e Nazaré. A quem vem de S. Paulo e Rio, impressiona logo o andar lento, comodista, do povo tropical. Na maneira de trajar-se, nada de original. Nota-se apenas que as moças e crianças gostam muito das toilettes brancas, o que é deveras para louvar; é a cor usual não só nos trajos caseiros como na rua e nas festas. Contraste desvantajoso oferece o sexo barbado, que quase nunca se apresenta de roupas leves, pois usa pesadas casimiras, quase sempre pretas, solenes. O desacordo entre o clima e os vestuários é simplesmente escandaloso em todo o Norte, que aliás, nesse ponto nada mais faz do que imitar o Rio, onde, nos meses de fevereiro, se veem *flanar* na Rua do Ouvidor, muito cheios de seu *chic*, indivíduos de sobrecasaca preta fechada e de chapéu alto! Se nesse meio aparece um inglês todo de branco, desde os sapatos de lona até ao chapéu de palha, é acompanhado de gestos de compaixão e mofa.

Nas classes inferiores o trajo é o mais simples possível. Nos bairros pobres é muito comum verem-se crianças nuas. As mulheres mestiças usam quase todas flores na cabeça, quase sempre *estrelas*. Somente não são colhidas no firmamento.

Tipos originalíssimos são os carregadores de féretros nos enterros, que no Maranhão são todos feitos a mão, havendo para essa condução profissionais. Estes usam chapéu alto, com uma larga fita dourada. Andam descalços e munidos de grandes bastões, sobre os quais atravessam o caixão mortuário, que assim é conduzido como se fosse um piano. A esses carregadores chamam *gatos pingados*.

Mais adiante, encontramos o vendedor de carvão. Traz atravessado nos ombros um pau, a cujas extremidades se prendem duas colunas

de doze a dezesseis cofos de carvão, presos uns aos outros por meio de cordas.

O cofo, objeto peculiar ao Maranhão, é um cesto ou antes um saco feito de folhas de palmeiras trançadas, em geral das da *pindoba*, com capacidade de trinta litros talvez; o seu uso é vastíssimo em todo o Maranhão. É o recipiente e o continente de quase todos os gêneros da terra; substitui os sacos, as barricadas, os caixões e até as gaiolas. No cofo se guardam a farinha-d'água, o milho, o sal, as frutas, e cal para as construções. O camarão é vendido em cofos, e... a propósito: – é preciso dizer que o povinho miúdo, por mais ignorante que seja, nunca deixa de pronunciar o plural com toda a prosadia, o *o* aberto, sonoro, retumbante – cofos.

Ao zé-povinho em viagem o cofo serve de mala de roupa. As aves domésticas bem como as selvagens (jaçanãs, guarás, etc.) são transportadas em cofos dobrados em cruz.

Esse *cofismo* dos maranhenses reveste, às vezes, a forma aguda. Basta dizer que, não satisfeitos com a multiplicidade de suas aplicações, quiserem transformá-lo em mitra de bispo e, num momento de indignação anticlerical, houve quem pela veneranda cabeça de digno prelado enfiasse o irreverente cofo. Perdoe-nos esta indiscrição o ilustre personagem autor do atentado, que apenas citamos – não para provar o espírito pouco religioso do povo, mas antes para mostrar o seu apego ao cofo.

Disseram-nos que também quiseram *encofar* o Conde d'Eu, quando por lá passou.

A cidade do Maranhão já não tem segredos para nós. Os misteres da nossa vida profissional levaram-nos aos seus mais remotos recantos. Os hábitos hospitaleiros da sua sociedade fizeram-nos surpreendê-la no meio das suas espontâneas alegrias e dos seus mais íntimos sofrimentos. Já lhe não encontramos no ambiente nada mais de estranho que impressione a nossa retina de curiosos. A natureza bondosa e inteligente dos maranhenses convida-nos a visitar o interior da ilha. Iremos à Maioba, retiro ameno e bucólico, onde os maranhenses gostam de passar boa parte do ano.

Tomaremos um banho no rio. Oh, nada como o banho na Maioba! Não podíamos imaginar o que isso era – «um banho na Maioba»:

Nem no Turu, nem no Cutim o banho é tão bom... Pois bem, – vamos à Maioba.

São seis horas da manhã. O bonde da Rua Grande deixa-nos justamente na estação da estradinha de ferro que nos deve levar ao Anil. É uma linha de oito quilômetros, bitola estreita, e que faz



Porto Anil

o percurso de meia hora talvez. Os carros, abertos em forma de bonde, nos facilitam a apreciação da paisagem. O ar da manhã agrada; o passeio começa bem. Algumas chácaras, revelando no tipo das casas, de cimalha e azulejo, com estatuetas ou vasos no topo das escadas, que se trata de habitações ricas e antigas. Em quase todas admiram-se a fronde majestosa de velhas mangueiras, a folhagem arroxeadada e luzidia dos enormes coqueiros e a elegância grácil das palmeiras. Nos portais, as tabuletas chamam a atenção por suas denominações poéticas, como: – Anjo da Guarda, – Bom Gosto, – Estrela d’Alva, – Veneza, – Roma, – Ribeira de Ouro, etc.

A linha férrea é paralela à estrada de rodagem, de modo que pelo caminho vamos encontrando tipos roceiros que trazem suas quitandas para a cidade.

Quando nos afastamos da estrada, penetramos no mato, geralmente arbustivo, predominando as palmeiras de tipo pequeno e os cajueiros. O terreno é sempre plano e arenoso, tendo de mistura um pouco de barro, que lhe dá o seu tom róseo.

Não há poeira. O trem para diversas vezes, sendo a primeira na *Jordoa*, povoação de talvez cinquenta casas, lugar muito salubre e procurado pelos beribéricos da cidade. Mais adiante passamos pelo Outeiro da Cruz, – a primeira elevação que se nos depara nessa paisagem completamente plana.



Outeiro da Cruz

Do trem avista-se a cruz de pedra, que, a título do monumento, os maranhenses lá mandaram fincar em comemorações da batalha com que os portugueses derrotaram naquele ponto, e para sempre, os holandeses.

Chegamos ao Cutim. À nossa esquerda um grupo de frondosas mangueiras, por entre as quais serpeia um riacho, o que dá uma ideia do pitoresco da paisagem. Encontram-se lá muitas chácaras, a que chamam *sítios* e que se vão continuando até ao Anil, ponto final da linha.

Nesta povoação de cerca de cem casas, tomamos um *char-à-bancs*, que nos devia levar à Maioba, num trajeto de duas horas. Passamos logo por alguns sítios, mais adiante por um bosque de belíssimas juçaras, em meio das quais, aqui e acolá, se descortina uma casinha coberta de palhas de pindoba, e depois entramos na mata. Ali a vegetação já é mais alta, mas ainda predominam as palmeiras, sempre as palmeiras. Algumas têm o tipo do tucum, caule ereto, curto e espinhoso; outras, como o *babaçu*, estão carregadas de frutos e têm folhagem abundante. A *juçara* e o *buriti* preferem as margens dos rios. A vegetação epífita não é tão comum como no Sul; não se veem orquídeas nem bromélias.

Em compensação, os cipós, as trepadeiras e os cactos dão à floresta um caráter de impenetrável. Frequentíssimas as passifloras, com as suas flores originais, de fantástica beleza. Nesse gênero apresenta a ilha uma grande variedade, entre as quais sobressai o maracujá, de dimensões aproximadas às de um mamão.

Assim, pois, a estrada é toda fechada pelo mato, o que torna a viagem agradabilíssima.

De vez em quando uma aberta, um roçado recente, onde, ao lado de uma cabana primitiva se apresentam alguns pés de mandioca e alguns caboclinhos nus.

Na ilha, o tipo predominante nos trabalhadores é o índio e especialmente o mestiço do índio.

Passado algum tempo, os descampados se vão tornando mais freqüentes. Agora entramos na Maiobinha, onde já começam os *sítios*.

Amadores do rústico lá ficaram encantados diante de uma capelinha tosca plantada em meio de um grupo pitoresco de palmeiras buritis e babaçus.

Os sítios seguem-se daí em diante com mais freqüência, revelando-se ao transeunte por nomes mais ou menos românticos e entremeados aqui e acolá por cabanas de caboclos.

O terreno vai se tornando mais arenoso. O sol já começa a se fazer sentir. A paisagem, sempre a mesma, ameaça monotonia... Felizmente, eis-nos chegados à Maioba.

O nosso carro pára e, ao portão do sítio, vem receber-nos prazenteiro o dono da chácara, dando-nos a fresca notícia de que naquela manhã já tomara dois banhos e que estava à nossa espera para tomar o terceiro.

Enquanto descansávamos, reclinados na rede voluptuosa, estivemos a conjecturar sobre a Maioba, com os seus sítios, o seu banho, e a sua vida bucólica.

O maranhense, excitado pelos ardores do clima tórrido, tem um grande entusiasmo pelos banhos, sofre de uma verdadeira balneomania. Buscando o interior, para em repouso campestre refazer as forças gastas pelo clima enervante, vai ele levantar a sua tenda à margem dos riachos

que, em diversas direções, cruzam a ilha. Procura os pontos em que o rio é mais fundo, a água mais transparente, a correnteza mais forte, a mata mais umbrosa.

Este avassalamento dos rios da ilha pelos sítios faz temer que escasseiem os mananciais de água para a capital, tornando-os assim inapropriáveis com o povoamento de suas margens. Essa circunstância, assim como as derrubadas feitas pelos lavradores que procuram o terreno úmido e fértil das margens dos rios, deve ser tomada em muita consideração pelos governos maranhenses, mormente agora que seriamente se cuida do saneamento da capital.

Goza de geral preferência o rio da Maioba, a cujas margens, numa extensão de alguns quilômetros, se vão estendendo os diversos sítios que merecem antes o nome de chácaras, tal a exiguidade do terreno, cerca de cem braças em quadra.

Contíguos uns aos outros, são limitados, à frente pela estrada, atrás pelo rio. A casa é tosca, espaçosa e baixa, de parede de tabatinga, e teto de palha de pindoba. O cômodo principal é a varanda, logo à entrada, aberta de todos os lados à brisa refrigerante, e é onde a família passa o dia, gozando a doce quietude da roça, e interrompendo o repouso apenas para... tomar banho. Este é, em suma, o eixo em torno do qual giram todos os encantos da Maioba.

Atravessando o pomar, eis-nos à margem do rio.

A cena é realmente bela. Alargando as suas margens, a corrente fez aí um pequeno lago de uns quinze metros de diâmetro talvez. A água transparente deixa ver o álveo de branca areia, a uma pequena profundidade, de alguns palmos; das margens levanta-se, de um lado, a mata espessa, sombria, protetora; do lado oposto, um bosque de juçaras, que dá ao quadro uma perfeição tropical e encantadora.

Isolada, a juçara é uma palmeira feia; o caule, esguio e recurvado, parece ceder ao peso da folhagem. Em grupo, porém, não conhecemos outras mais belas; aqui, inclinadas sobre o rio, parecem querer refletir no espelho das águas a fronte luzidia e inquieta. Ao lado, ereto, firme, altaneiro, contrasta com as travessas juçaras um soberbo buriti, procurando com o leque das folhas abrigar do sol a poética banheira.

Quem pode resistir a tais atrativos? Silenciosamente nos fomos preparando até que, afinal, também pagamos o nosso tributo às delícias do banho de Maioba.

O resto do dia passou-se em alegre convivência. De vez em quando o nosso anfitrião desaparecia... Quando lhe notávamos a ausência:

– Está no banho, dizia-nos risonha a sua esposa.

À tarde, fizemos uma excursão à mata, para apanhar mosquitos. Baldado intento! Na ilha não há pântanos, não lhos permite o terreno arenoso, absorvente. Também não há bromélias, as quais, pela retenção da água das chuvas, constituem meios muito próprios à cultura das larvas.

Ao cair da noite um rumor soturno e longínquo começou a nos chegar aos ouvidos; como que se avolumava – e com tendências invasoras.

– Será o mar, será algum levante popular?

– É o boi, disse-nos, alegre, o filho da casa, uma travessa criança de quatro anos.

Só então nos lembramos de que nos achávamos na semana de S. João. Seria, então, o clássico *bumba-meu-boi*! Festejo popular, cuja recordação se apaga indecisa na nossa infância, mas que no Maranhão ainda vive, sempre apreciado pela roceira população de hoje.

Também não tardou que ele batesse à nossa porta, acompanhado por um magote de caboclos, mais ou menos carnavalescos, alguns fantasiados de índios com cocares e tangas de plumas, outros com mantos de belbutina e lantejoulas, todos com voz mais ou menos alcoolizada.

É impossível descrever a série ininterrupta de cerimônias, trejeitos e ademanes em que se desenvolve a função, até à *morte do boi*. Só notamos que então se faz uma pausa, e que ao lado do dono da casa, ouvimos uma voz abafada e misteriosa, que dizia:

– Senhor, o *boi* está com sede.

Na escuridão da noite brilhou sorrateira uma garrafa e... o *boi* ressuscitou.

Ressuscitado o *boi*, seguiu a folia, repetindo a mesma coisa de porta em porta. Sucederam-se outros *bois*, e a mesma toada confusa e ba-

rulhenta se prolongou pela noite inteira, a ponto de, ao romper do dia, quando voltávamos para a cidade, ainda encontramos pela estrada, mais ou menos cambaleantes, alguns *boiadeiros* retardatários.

VI

Fomos depois convidados a visitar Alcântara, – não que a cidade velha e arruinada mereça ser visitada, mas porque tínhamos um pretexto para dar um passeio marítimo pela baía de S. Marcos.

A bordo da *Filha do Norte*, canoa elegante e veleira, esperávamos a maré, enquanto nos distraía a passagem de um casco remado por duas mulheres. Duas originalidade a um tempo: – a tripulação e os remos! Estes, usados também no Pará e no Amazonas, não se parecem absolutamente com os nossos; são verdadeiras pás redondas e munidas de um cabo curto. Também os movimentos dos remadores são diferentes, muito mais rápidos e limitados. Remam como se cavassem a água. A segunda curiosidade são as mulheres, que remam com tanto garbo, força e acentuada cadência, como os melhores marujos.

A *Filha do Norte* suspendeu o pano. O vento era rijo, o mestre do leme, um caboclo, inspirou-nos logo confiança. Partimos alegremente, sentados à popa, surpreendidos por um ou outro borrifo da mareta, enquanto o nosso companheiro, folgazão e espirituoso, nos consolava dizendo que era – o pó da estrada.

Atravessada a baía numa extensão de nove milhas, depressa nos achamos no termo de nossa viagem. Levou-nos então a canoa por um canal que fica ao lado da ilha do Livramento, e largou ferro junto de uma colina coberta de casas velhas e maltratadas.

É a cidade de Alcântara uma das mais antigas do estado, e que foi nos princípios do século passado, por sua riqueza, pelos hábitos afidalgados de sua população, uma rival da capital fronteira. Hoje, é uma ruína de beleza comovedora. Conheçamos de perto.

Ao subir a encosta, por uma rua calçada de pedras escuras, nas quais os nossos passos arrancam ruídos estranhos, só se veem de lado a lado casas velhas, esburacadas, de cujas frinchas espia a indigência e onde se tem a sensação cruel do abandono.

Aqui e ali, alguns galináceos, cães emagrecidos correm a esconder-se por entre as moitas de vassouras que invadem a rua. Mais adiante, no solo, a secar, um tapete de camarões; lá, defronte, um prédio de boa aparência, fechado e ostentando na beira do telhado uma cimalha verdejante de mato... E assim se sucedem as ruas, reproduzindo sempre as mesmas cenas de silêncio e abandono. A verdadeira ruína, porém, ainda não vimos.

O nosso cicerone, que só agora parece triste, leva-nos ao convento das Mercês, ou antes, ao sítio onde outrora existiu ele. Hoje só lhes restam as paredes do frontispício da igreja e do campanário, feitas de pedra enrijecida, resistentes e teimosas, afrontando o mar de sua posição belíssima. Do resto do edifício nada mais se vê.

Pouco distante fica a matriz que há muito tempo já não funciona, por estar caindo aos pedaços, e mais além o convento e igreja do Carmo. Aquela já está em franca ruína; este ainda procura resistir à derrocada, mal conseguindo as teias de aranha encobrir-lhe a riqueza de seus dourados.

Mas ainda não é tudo.

Nessa via dolorosa, o pior transe nos estava reservado para o fim. Entramos na Rua das Amarguras, a rua dos palacetes.

Logo no começo, as ruínas de um grande sobrado de antigo titular, o barão de Grajaú. Fora ele um grande do império; dominara a sua terra.

Ainda se lhe veem as paredes laterais, todas de pedra escura. Na fachada restam de pé portais de boa cantaria portuguesa e, pelo chão, pilastras e ladrilhos de mármore branco. Galgando as paredes, insinuando-se pelas frestas, uma trepadeira caridosa vai escondendo ao olhar do viandante aquele triste espetáculo: — é o melão-de-são-caetano, a fazer assim as vezes da histórica era das ruínas feudais do Reno, e que a pouco e pouco vai cobrindo a cidade morta como se fosse uma mortalha... Logo depois um outro palácio, queremos dizer — outra ruína, e assim se vão sucedendo uns trinta talvez! A rua inteira é uma Pompéia! O espetáculo que oferecem todos esses antigos sobrados é sempre o mesmo. Paredes de pedra, nuas, isoladas, esqueléticas, mais ou menos cobertas de verde; um ou outro gradil enferrujado; belíssimas colunas de granito português, e blocos de mármore

espalhados por toda a parte, lembrando na sua alvura e na sua tristeza as ossadas de um cemitério.

Há uma árvore que cresce nas pedras como num terreno ricamente adubado. Chamam-na *atraca*. A ruína é o seu ponto de apoio e as raízes se esgueiram por seus interstícios até ao solo.

O nosso guia, filho da terra e testemunha resignada da sua decadência, vai-nos revivendo a história de todos esses palácios:

– Ali foi o solar do barão de Pindaré, senador do império...

Depois indicou mais adiante o berço dos Viveiros, dos Francos de Sá; naquela casa, no extremo, tinha nascido o dr. Silva Maia, uma tradição maranhense; num alto sobrado residira o barão de São Bento, a primeira fortuna do seu tempo... E assim por diante, sempre a mesma impressão desoladora.

*“Uma ilusão gemia em cada canto
Chorava em cada canto uma saudade.”*

A humanidade costuma levantar aos seus heróis monumentos de pedra, como se fossem eternos. Em Alcântara dá-se o contrário; o granito e os mármore, atestados de sua passada grandeza, vão sendo arrasados pela ruína; os nomes, porém, e seus possuidores, esses continuam eternizados na memória e no coração de seus patrícios.

Fora da cidade, a um quarto de légua talvez, encontra-se a *Quinta de Nazaré*, que fora dos Viveiros, belo estabelecimento, hoje completamente abandonado, e que ainda atesta nas suas construções, nas suas grades complicadas, nos tanques de pedra, nos viveiros, a riqueza e o gosto de seu fundador.

Quanto trabalho gasto, quanto capital perdido! A melancolia nos invade, não tanto pela saudosa recordação de antigos tempos de florescência, a que não assistimos, como pelo efeito desanimador que assim produzem essas ruínas num país ainda tão novo!

A decadência de Alcântara (coisa interessante) é devida ao progresso da navegação fluvial maranhense. Outrora, quando os rios não eram sugados pelos inúmeros vapores que mantêm atualmente a troca comercial entre o centro e o interior, e vice-versa, a cidade de Alcântara,

situada no continente, era o entreposto comercial estrangeiro da cidade de S. Luís, isto é, do comércio estrangeiro e do das outras províncias para o interior do Maranhão. Alcântara era ponto obrigatório: – abastecia a capital de mercadorias para o consumo. Uma vez, porém, que a navegação lhe dispensou a intervenção, a decadência sua se tornou inevitável. Não foi, pois, um cataclisma como o de Herculano e Pompéia, que a reduziu à condição de ruínas, mas um acidente igual aos de Tiro e Cartago. Não chegou a ter o brilho comercial e marítimo desta última cidade, mas também não teve de suportar os horrores da guerra. A sua rival era a capital da província, S. Luís do Maranhão, cuja supremacia se viu obrigada a reconhecer.

Ao cair da tarde, também abandonamos a cidade abandonada. Já o nosso barco deslizava célere em plena baía, e ainda avistávamos de longe as paredes hirtas das Mercês solitárias no alto da colina, afrontando o céu, como se fossem um negro fantasma, a se destacar no fundo violáceo do crepúsculo... Depois caiu a noite e logo apareceu a luz branca do plarolite da necrópole, dando a ideia de um círio aceso no cemitério...

O mar, entretanto, não parece estar muito satisfeito com o nosso passeio. O nordeste soprava rijo; o barco era pequeno e as ondas cavadas. Estávamos justamente no *Fundão*, o trecho mais perigoso da travessia, quando se rompeu o pano e o mestre, para evitar maior desastre, deu a popa ao vento. Começamos a ficar inquietos... Que mais? Se à nossa frente aparecia a ilha do *Medo* e por trás dela o terrível *Boqueirão*.

Felizmente consertou-se a vela, e entramos de novo a bolinar no rumo primitivo. Durante esse tempo, o nosso companheiro, que em viagens repetidas se fizera valente marinheiro, procurava infundir-nos coragem, contando-nos histórias de naufrágios... e de tubarões, interrompidas de vez em quando por um borriço mais forte, que nos obrigava a procurar o fundo da embarcação. A luz branca do farol na Ponta d'Areia havia já muito que nos acenava como um raio de esperança; também não tardava que a sua luz vermelha nos indicasse que nos achávamos no canal, e breve saltaríamos em terra, – o que afinal se realizou, tendo nós gasto cinco horas de viagem na volta, em vez das duas que gastamos na ida.

As vizinhanças da capital, o interior da ilha, Alcântara, São Bento, Rosário, são muito procurados pelos beribéricos do Maranhão, e isso nos leva a fazer algumas observações sobre a sua salubridade e sobre os fatores que a condicionam, como o clima, os hábitos de vida, etc.

A meteorologia do Maranhão pode-se dizer que é a mesma em todo o extremo Norte.

Há duas estações: – uma chuvosa, que vai de dezembro a julho a que chamam de inverno, e outra que chamam verão, compreendendo os meses de julho a novembro. Sem haver sensível diferença de temperatura, as duas estações se distinguem no entanto perfeitamente. Na primeira predomina a umidade, que lhe dá a nota característica; na segunda, os ventos gerais. No inverno chove diariamente. A chuva aparece geralmente à tarde; nada a denuncia, a não ser o calor asfixiante. De repente vem a refrega, com trovoada ou não; caem torrentes de água, de alguns minutos, algumas horas às vezes, e tudo termina subitamente, como começara. O céu se aclara; o sol reaparece.

As ruas da cidade lucram imediatamente com essas lavagens repetidas; o solo, porém, embora absorvente, arenoso, conserva-se constantemente impregnado de umidade. O estado higrométrico do ar carregadíssimo: – os bolores invadem tudo, a roupa, o calçado, os livros.

Depois da chuva, ao contrário do que se observa no Sul, o calor continua intenso como dantes, podendo-se assinalar o interessante paradoxo de que no inverno faz mais calor que no verão. Neste as chuvas são raríssimas, e o elemento característico são os *ventos gerais*, que sopram do mar, do quadrante N. E., dia e noite, continuamente, procurando num trabalho tenaz, persistente, sugar do solo, das casas, do ar, toda a umidade lá deixada pelo inverno.

Como se vê, bem diferentes são as duas estações, embora o termômetro passe em ambas pelas mesmas oscilações. O homem, porém, sente mais calor no *inverno*, quando as sobrecargas da umidade atmosférica lhe atrasam a transpiração cutânea, não obstante a viração ser contínua.

As noites no Maranhão são sempre agradabilíssimas, seja qual for o calor diurno.

Neste ponto leva decidida vantagem ao Rio de Janeiro e Santos, onde nos meses de fevereiro e março as noites são tão quentes como os dias.

Em relação às suas condições climáticas, o Maranhão ocupa uma posição vantajosa em nosso mapa. Situado entre o Ceará e o Piauí de um lado, e a região amazônica do outro, não o avassalam as secas da primeira zona, com todo o seu cortejo de misérias, nem as inundações da segunda – com as suas consequências desastrosas, de infecções palustres. Cabem ao Maranhão todas as vantagens do meio-termo.

A patologia indígena tem a sua feição característica justamente no inverno, que é a estação do beribéri.

Parece que em ponto nenhum do Brasil essa moléstia encontrou elementos tão próprios à sua permanência como na cidade do Maranhão.

Diagnosticado pela primeira vez em 1868, o beribéri lá estabeleceu os seus arraiais, tornando-se endêmico, e, pela emigração dos doentes, o ponto de partida de muitos focos metastáticos no Sul.

No Maranhão, a predileção do beribéri pela estação chuvosa é evidente. Nela aparecem os casos novos, nela sobrevêm as crises nos casos crônicos. Acreditamos que em parte alguma, justamente pela diferença flagrante das estações, se poderá salientar tão bem a influência que o fator *umidade* tem sobre o beribéri. O foco principal é a capital. Raros são os casos do interior; na ilha não aparecem, salvos os doentes vindos da cidade, e no entanto o clima, os hábitos, a alimentação, a raça, o meio, enfim, são os mesmos em todo o Estado. O que há a crescer é que a população da capital é apenas condensada. O beribéri não escolhe raças nem classes. Tanto o branco como o cafuz, tanto o rico, que vive nas espaçosas moradas da Rua dos Remédios, com conforto e higiene, como o pária que se alimenta de farinha-d'água e vive nos baixos dos sobrados, sombrios e infectos, são todos acometidos do mal de Ceilão. Parece que o enfraquecimento accidental do organismo favorece o aparecimento da moléstia e provoca nos casos latentes o reaparecimento das crises. É assim frequentíssimo o beribéri *post partum*, o que surge nas convalescenças de moléstias gerais e nos casos de profundo abalo moral, desgostos, etc.

Observação interessante, que aliás não fomos os primeiros em consignar, fizemos nós em relação ao efeito negativo exercido sobre o beribéri pelas desinfecções. Por causa da peste tinha sido toda a cidade desinfetada, e quando a peste cedia na razão do aumento das desinfecções o *beribéri* crescia na frequência dos casos.

O efeito da mudança como terapêutica é muito evidente no Maranhão. Doentes há, em estado gravíssimo, com fenômenos bulbares acentuados, vômitos, dispagia, ortopnéia, taquicardia, indicando tudo a asfixia próxima, que, transportados em maca para bordo e imediatamente para a Ponta d'Areia ou Alcântara, a uma ou duas horas de distância, lá chegam aliviados e já andando! No entanto, quando descemos de Manaus, trazendo a bordo do nosso vapor quarenta e tantas praças beribericas viemos deixando cadáveres por todos os pontos até Pernambuco, apesar de dez dias de viagem.

Poucas moléstias há que a uma sintomatologia tão característica reúnam uma etiologia tão obscura. Resultado sem dúvida de alguma intoxicação, ela lá está no Maranhão a desafiar o cuidado dos estudiosos, oferecendo, um grande número de casos em início digno da moléstia, um bom campo para estudo.

Deixando de parte o beribéri, pouca coisa há ainda digno de nota nas moléstias do Maranhão.

A febre amarela lá existe, e apresenta anualmente alguns casos esporádicos. Este fato deve ser assinalado, e tem a sua importância agora que no Rio de Janeiro se está seriamente tratando de extinguir o mal de São. Queremos dizer que, embora seja lá atingido esse desideratum que todos nós tão ardorosamente almejamos, a capital da República estará sempre em eminência de novas contaminações provenientes do Norte, onde é ele endêmico em todos os estados. A guerra que atualmente se está fazendo no Rio precisa ser seguida de uma campanha igual nos estados.

O impaludismo não existe na capital. Raríssimos casos encontramos na periferia da cidade, para o lado do Apicum, onde provavelmente se criam anófeles nos brejos que há por lá. Na cidade se encontram em grande abundancia *Stegomyias* e *Culex fatigans*.

A morfeia tem no Maranhão um dos seus principais focos, não na capital, mas no interior, sobretudo em Anajatuba e Viana, e se calcula aproximadamente em quinhentos o número de morféticos em todo o Estado. Notamos com prazer que o princípio do isolamento em colônias-hospitais está aceito não só pelo governo, que projeta pô-lo em execução, como também pelos próprios morféticos, pois já há nas vizinhanças da capital um abarracamento de lázaros, os quais de boa vontade a ele se sujeitam. Ao governo não é, portanto, difícil, por meio de sistemáticos afastamento de leprosos dos centros povoados, cortar o mal pela raiz, enquanto é tempo.

A disenteria é bem comum, embora não epidêmica. Para mostrar que a tuberculose também o é, basta lembrar que o Maranhão é uma cidade antiga.

Notamos ainda, com prazer, a pouca frequência do alcoolismo agudo ou crônico nas classes baixas. Nos domingos e dias festivos são raríssimos os casos de embriaguez, o que decerto tem a sua explicação na ausência de estrangeiros oriundos de climas frios.

VII

A mortalidade na primeira infância é grande, ocasionada sobretudo por desvios de alimentação. É uso corrente no Maranhão, até nas classes mais abastadas, o emprego das *papas* logo após os primeiros dias de vida das crianças, *papas* que assim fazem *pendant* à banana-são-tomé, usada no Sul pela população rural.

De tal modo está radicada a *papa* no trato das crianças que, se alguém indignado se revolta contra ela, provoca estranheza e censura. Fora das *papas* usam o leite condensado e muito pouco o leite de vaca, que, além de não ser muito bom, é caro, custando geralmente 700 réis a garrafa! Acreditamos que as *papas*, pela mortandade que causam na infância, dão ao Maranhão muito mais prejuízo que o beribéri pelo afastamento imposto aos seus filhos.

Este conceito pode, no entanto, ser modificado pela maneira de preparar e administrar a *papa*. Um colega nosso, que mora em São Paulo, e a quem chamaremos *Dr. Raimundo...* para denunciar-lhe o querido torrão

natal, casado também com maranhense, contou-nos o seguinte caso, passado com sua primeira filha.

– Durante a gravidez da senhora, o casal fez vários castelos sobre os cuidados que dispensaria na criação do primeiro filho. O médico não se esquecera de recomendar com muito interesse o leite materno como única alimentação nos primeiros meses, e de condenar o uso das *papas*. Era assunto bem assentado.

Com efeito, nascida a interessante criança, hoje quase moça, o pai notava com grande orgulho e prazer o seu progresso em peso e formosura. Aos 8 meses, era ela de uma robustez que todos admiravam e o pai, clínico então em uma cidade do interior, levava a sua casa as suas clientes para mostrar como se cria uma filha sadia somente com leite materno. Uma ocasião recebeu um chamado e, em meio do caminho, sabendo que os seus serviços já não eram necessários, voltou a casa, onde não era esperado. Encontrou a senhora administrando *papas* à criança à moda maranhense, isto é, servindo o dedo indicador de colher. Surpresa, flagrante, inquérito, uma decepção! A senhora confessou então, a sorrir, que havia seis meses que a criança comia *papas* a que lhes atribuía a sua robustez.

Daí por diante, o nosso colega, meio desconcertado, convidava os amigos para ver como se pode (por exceção) alimentar uma criança com *papas* sem lhe fazer mal! A farinha de mandioca era cuidadosamente escolhida e passada numa peneira finíssima e a *colher* era rigorosamente lavada, como se fosse para uma operação cirúrgica.

Escusado é dizer que os outros filhos de D. Celeste (este nome é o predileto do Maranhão, podendo-se dizer que é o feminino de Raimundo) foram criados com *papas*, preparadas sempre com o mesmo capricho higiênico.

Enfim o tipo geral da população é o de um povo sadio, tipo que está mesmo a desmentir a suposição feita no Sul de que no Norte o clima é maléfico e de que lá é impossível gozar saúde.

Realiza-se no Maranhão o celebre preceito: – *mens sana in corpore sano*.

O ter talento é a regra geral, e a loucura por lá é muito rara.

Uma vez que falamos em moléstia, não devemos calar que o Maranhão possui dois hospitais mantidos pela caridade pública, o da Santa Casa e o Português.

O primeiro ocupa um grande edifício, com boas salas, altas e arejadas e está bem situado na praça da Misericórdia.

A impressão causada pelo Hospital Português é muito boa. Situado na rua mais larga da cidade, a Rua do Passeio, ocupa um belo edifício, rodeado por espaçoso jardim. O asseio e a ordem são rigorosos. Não há irmãs da caridade; os enfermeiros são profanos. É seu médico assistente o dr. Ferreira Nina.

Considerada pelo lado econômico, a vida dos maranhenses também está muito acima da ideia que fazemos no sul a respeito das dificuldades que eles têm de vencer para atingir a certo grau de prosperidade.

Já vimos que não há miséria e que não há absolutamente falta de trabalho. A capital tem, só por si, sete fábricas de tecidos, em que se ocupam milhares de operários.

A vida marítima, os vapores fluviais, dos quais há duas grandes companhias, os barcos a vela, os transportes de gado, os trabalhos de estiva, dão ocupação na capital a mais de três mil pessoas.

Uma boa prova de que o trabalho do homem é lá bem reputado está em que a vida é cara.

Sendo uma terra de frutas, nunca as vimos tão bem pagas: vendem-se os abricós a 800 réis, abacates a 300 réis e 400 réis, abacaxis a 500 réis e assim por diante.

O leite, como já mostramos, é mais caro do que no Rio de Janeiro. Até a água é caríssima. Uma modesta família de empregado público, que ganha 225\$000 réis, paga 14\$000 réis de água por mês! O gás acompanha a mesma tabela. Nessa mesma casa o gasto mensal é de 18\$000 réis! Verdade é que o aluguel da casa é mais barato do que no Rio e em São Paulo; a carne e os criados acompanham porém as mesmas taxas.

Sem haver grandes milionários, há entretanto muita gente abastada. Para prová-lo basta dizer que as grandes empresas de navegação fluvial e marítima, e todas as fábricas de tecidos foram montadas

exclusivamente com capitais maranhenses, na avultada soma de 24.000 contos de réis.

Também a situação financeira do Estado não é das piores. Para um orçamento de 3.000 contos de réis a dívida não vai muito além de 1.000 contos.

A situação do município da capital é ainda mais próspera: – o orçamento é de mais de 480 contos de réis e a dívida não excede a quarta parte dessa quantia.

O estado não tem loterias nem na cidade se encontram casas que vendam bilhetes. O jogo de bicho, esse então é desconhecido. O governo nunca deixou medrar semelhante praga.

Há na vida econômica e financeira do Maranhão um contraste interessante. Enquanto as fortunas particulares há dez anos atrás se atiravam loucamente a novas empresas industriais e comerciais, deixando-se envolver nas orgias fantásticas do encilhamento, os governos se conservavam reservados e tímidos, fiéis aos seus velhos princípios conservadores.



Fábrica de tecidos da Camboa

Verdade é que muitas fortunas particulares se esboroaram, mas não é menos verdade que lá ficaram as grandes fábricas que hoje estão dando resultados, – ao passo que, mantendo a sua atitude conservadora, se poucos melhoramentos materiais legaram os governos ao Estado, em compensação mantiveram, o seu crédito, que muito lhes vale no presente, porque é agora que o Estado tem necessidade de se balançar a grandes obras de saneamento.

Eis os nomes e o capital das principais empresas industriais do Maranhão:

	CAPITAL
Banco do Maranhão	1.350:000\$000
Banco Comercial	1.350:000\$000
Banco Hipotecário	1.020:000\$000
Companhia de Seguros Maranhense	200:000\$000
Companhia de Seguros Esperança	150:000\$000
Companhia de Vapores Maranhense	1.500:000\$000
Companhia Fluvial Maranhense	431.200\$000
Companhia Fabril Maranhense	2.800:000\$000
Companhia Fiação e Tecidos Maranhenses	1.200:000\$000
Companhia Fiação e Tecidos Rio Anil	1.600:000\$000
Companhia Manufatureira de Codó	1.000:000\$000
Companhia Fiação e Tecidos do Cânhamo	900:000\$000
Companhia Fiação Industrial Maranhense	250:000\$000
Companhia União Caxiense	920:000\$000
Companhia Fiação Industrial Caxiense	500:000\$000
Companhia Progresso Agrícola	604:000\$000
Companhia Usina Castelo	160:000\$000
Companhia Iluminação a Gás	540:000\$000
Companhia das Águas São Luís	444:000\$000
Companhia Salineiras Alcantarenses	200:000\$000
Companhia Fábrica de Chumbo	150:000\$000
Companhia Aliança	300:000\$000
Companhia Telefônica	36:000\$000
Companhia das Águas de Caxias	120:000\$000
Companhia Sanharó de Caxias	150:000\$000
Companhia Ponte de Caxias	150:000\$000
	<hr/>
Réis	18.025:200\$000
	<hr/>

Veja-se agora o seguinte quadro da sua produção em 1903:

Mapa demonstrativo do VALOR OFICIAL dos principais gêneros de produção do Estado, exportados livre e oneradamente para o estrangeiro e para os estados da República, durante o ano de 1903.

Gêneros	PARA OS ESTADOS		PARA O ESTRANGEIRO	
	Onerada	Livre	Onerada	Livre
Algodão	110:818\$336	110:818\$336	1.463:548\$315	1.463:548\$315
Açúcar	21:654\$119
Azeite de andiroba, gergelim e outros	12:909\$320
Banha de porco	11:093\$750	29:555\$560
Bebidas alcoólicas e fermentadas
Bucho de peixe
Borracha
Camarões	46:532\$246	22:988\$000	4:868\$000
Cal	12:906\$000	46:532\$246	9:909\$000	94:868\$000
Couro de gado vacum, veados e outros	46:532\$246	8:083\$000	991:975\$500	265:635\$500
Caroço de algodão	3:454\$150	6:949\$100	65:421\$360	81:252\$880
Carnes secas e de porco	51:962\$900
Ceras de carnaúba, abelha e outras	3:881\$500	32:447\$750
Carrapato	631:143\$850	50:392\$960
Estopa	294:046\$477
Farinha seca e d'água	294:046\$477	431:470\$300	71:230\$018
Fio
Fumo um molhos, corda, desfiado e outros	12:406\$800
Gado Vacum	300:760\$000
Gado suíno	11:230\$000
Gergelim	1:025\$566	13:110\$400	5:101\$540	5:101\$540
Jaborandi	14:950\$800	14:950\$800
Milho	266:880\$910	2:880\$000	2:880\$000
Medicamentos	98:600\$700
Objetos de uso	47:135\$380	4:700\$000
Óleos de copaiba e outros	3:744\$000	20:650\$400	4:915\$400
Fósforos	19:283\$000	25:565\$800
Peixe seco	8:377\$800
Resinas	60:247\$000	57:570\$300	8:600\$200
Redes	60:247\$000	66:170\$500
Sola	11:193\$000	8:970\$000	6:400\$000
Sabão	38:718\$320
Sal	8:933\$350
Sacos vazios	53:313\$000
Tecidos de algodão	2.165:441\$395
	1.124:850\$481	3.701:977\$375	2.780:705\$793	525:313\$849
		4.826:827\$856		3.306:019\$642

Pela soma dos algarismos da exportação (para os outros estados ou para o estrangeiro), se verifica que a exportação total do Maranhão atinge a cifra de 8.132:847\$642.

Atendendo-se à grande produção de cereais e de algodão, ao grande número de fábricas de tecidos que dão com sobra o necessário para o sustento e vestuário das classes menos favorecidas da fortuna, e, por outro lado, atendendo-se também a que o estado quase não deve, que as suas indústrias são todas mantidas por capitais maranhenses, pode-se concluir que o Maranhão é um estado rico e bem administrado.



Antiga Praça do mercado

Na capital o comércio de importação é muito importante e, além de fornecer a todo o interior do estado, abastece também o Piauí por intermédio da navegação fluvial e da estrada de ferro de Caxias a Teresina.

Por viajantes de casas estrangeiras, com quem nos encontramos em nossas excursões, fomos informados de que a praça do Maranhão goza de alto conceito quanto à sua honestidade comercial.

Neste particular não citaremos nomes, porque só nos preocupamos das impressões de viagem; em relação, porém, ao comércio do Maranhão a impressão que nos ficou é que, além de ser ele sério e honrado, faz também as suas transações com fidalguia. Mais de uma casa comercial no dia de nossa partida não quis receber a importância



*Estação de Caxias da estrada de ferro
que vai de Caxias a Teresina*

de artigos de viagem que lhes compráramos, sob pretexto de que seriam lembranças do Maranhão.

Lembranças do Maranhão! Pois porventura precisaríamos de mais alguma coisa que nos fizesse ter saudades daquela generosa terra? Já o seu governo não nos tinha distinguido tanto? O seu povo não tinha sido para conosco tão amável e cativante? Pois já não tínhamos visto a própria oposição das tréguas às suas rivalidades políticas para nos levar em palácio os seus cumprimentos de despedida durante o baile que o governador nos ofereceu?

Mas... que havíamos de fazer? A fidalguia no maranhense faz parte da massa do sangue, como se costuma dizer, e os comerciantes são maranhenses.

Também no nosso serviço de higiene a nota dominante foi a imparcialidade, e a ela devemos atribuir os aplausos ao desempenho de nossa espinhosa missão.

Pudesse mesmo parecer que não tivéssemos guardado aquela feição imparcial por que nos empenhávamos com o maior escrúpulo – e ainda assim a fidalguia maranhense seria bastante grande para nos revelar as faltas.

Dessa mesma imparcialidade procuramos manter o cunho nestes nossos escritos, e sem essa preocupação teriam eles perdido todo o interesse.

O *Diário do Maranhão*, conceituado órgão de 35 anos de publicação, assim como *O Federalista*, muito nos distinguiram e muito nos cativaram com suas amabilidades, como representantes que são da opinião da terra. A nossa imparcialidade não nos impediu, contudo, de achar a imprensa maranhense um pouco mais partidária do que o povo em cujo nome fala. É um exemplo, e só a esse título fazemos agora alusão ao caso.

E já que estamos nas impressões da partida lembremo-nos de que é tempo de finalizar o nosso despretensioso trabalho.

Falemos, antes, das finanças do Maranhão.



Praça Odorico Mendes

FINANÇAS DO MARANHÃO – Exercícios Líquidos. – Com a crise econômica que flagela todo o país, o Maranhão luta desde 1901 com grandes dificuldades financeiras. As rendas apuradas nesse ano e no seguinte ficaram abaixo das orçadas. Consequentemente, apareceram déficits, os vencimentos do funcionalismo ficaram atrasados e a dívida flutuante se avolumou.

Em 1901 a receita estadual não passou de rs. 2.137:005\$000 quando havia sido calculado em mais pelo Legislativo. Em 1902 subiu a 2.230:665\$000 rs. Contra uma despesa de 2.789:959\$000 rs. o que produziu um déficit de 567:994\$000 rs. Daí por diante não conhecemos o rumo que tomou.

ORÇAMENTOS – Os orçamentos dos três últimos anos foram os seguintes:

ANOS	RECEITAS	DESPESAS
1904	2.351:128\$000	2.341:001\$000
1905	2.701:453\$000	2.699:337\$000
1906	2.942:900\$000	2.938:373\$000

Na receita orçada para 1905 eram estes os títulos mais interessantes:

Impostos de exportação	916:750\$000
Impostos de indústrias e profissões	505:000\$000
Impostos de consumo	675:000\$000
Impostos sobre vencimentos	137:403\$000
Impostos de transmissão de propriedade	85:000\$000

Das verbas de despesa merecem especial menção:

Governo do Estado	40:300\$000
Secretaria do Governo	69:700\$000
Assembleia legislativa	73:300\$000
Higiene e assistência	250:000\$000
Instrução pública	364:280\$000
Magistratura	426:460\$000
Segurança Pública	109:810\$000
Força policial	533:270\$000
Obras públicas	60:700\$000
Serviço de dívida	273:516\$000

DÍVIDA – Em princípios de 1905, estava dividida por esta forma:

Fundada interna	1.220:600\$000
Flutuante	880:313\$226
Total	2.100:313\$226

O Estado não tem dívida externa.

Guardamos para fecho das nossas impressões sobre o Maranhão a mais grata ao nosso coração de brasileiros. É justamente aquela, que por ser a mais profunda, mais tempo ficará gravada em nossa memória e mais robustecerá a nossa confiança da sua administração e à tolerância por parte da sua direção política.

Acostumados a julgar o Norte pelo que se há escrito na imprensa política e pelos telegramas mais ou menos apaixonados que de lá nos vêm, fazíamos da política e da administração dos diversos estados de que ele se compõe, ideia muito inferior ao que encontramos no Maranhão.

A probidade do governo maranhense é tal, e tão meticulosa, que, de um membro prestigioso do diretório oposicionista, ouvimos esta frase:

– A este governo podem-se negar todas as virtudes, menos a honestidade.

Nos homens de governo o receio de que sobre a sua repartição paire o mínimo vislumbre de uma suspeita assume as proporções de uma verdadeira fobia.

A orientação política e partidária que preside aos destinos do Maranhão é dada, como aliás em todos os estados da República, por um chefe único e absoluto. Nesse ponto o Maranhão não se distingue dos seus irmãos do Norte e do Sul. Impera em todos os pormenores da sua direção pública, administrativa e econômica, a influência incontestável e incontestada do senador Benedito Leite.

A diferença que flagrantemente o separa dos outros estados está na maneira de se fazer sentir essa influência absoluta do chefe político.

Dominado por um espírito excessivamente tolerante, o senador maranhense tem o critério, o bom senso, e sobretudo a calma bastante para separar os interesses do estado dos da política partidária; e assim, na escolha dos auxiliares administrativos, na organização das diversas repartições, predomina a lei das competências. É o que se vê na instrução pública, na higiene, na magistratura, nas obras públicas, etc.

Bem sabemos que, em alguns estados do Sul, o governo, tendo de nomear um profissional qualquer, não lhe vai perguntar por suas opiniões partidárias; nunca, porém, seria o caso de dar o lugar mais remunerado do Estado a um membro do diretório oposicionista, como o vimos no Maranhão.

Isto causa assombro, mas consola e anima...

O Maranhão está em boas mãos e bem o merece.

.....
Índice onomástico

A

AGASSIZ – 19, 25, 35
ALENCAR, José de – 77
ALVES, Rodrigo – 116
ARAÚJO, Alfredo (Dr.) – 74
AZEVEDO, Aluísio (escritor) – 145
AZEVEDO, Artur (escritor) – 145

B

BEKMANN, Tomás – 137
BEQUIMÃO – Ver BEKMANN, Tomás
BILAC, Olavo – 14
BONILHA DE TOLEDO (Dr.) – 36
BRAGA, Gentil – 145
BRANDÃO, D. Frei Caetano (frei, bispo) – 110
BRITO (monsenhor) – 146

C

CABRAL – 19
CAMPOS SALES – 116
CANTANHEDE, Palmério (Dr.) – 139
CARVALHO, Álvaro de (Dr.) – 52
CASTRO MAIA – 145
CESLESTE (D.) – 173
COELHO NETO (escritor) – 14, 145
CORREIA, Raimundo (poeta) – 145
COSTA, D. Antônio de Macedo (bispo) – 112
COUDREAU – 19

D

DAMASCENO (padre) – 158
DE ANGELIS – 77, 108, 110, 113

d'EU (conde) – 159
DIAS, Teófilo – 145
DOMINGUES, Luís – 146
DURHAN – 100

E

ESCULÁPIO – 110
EUSÉBIO, José – 146

F

FERREIRA NINA (Dr.) 174
FRANCO DE SÁ (família) [Ver SÁ, Franco de] – 167

G

GALVEZ – 39
GAMA E ABREU – 157
GAMA MALCHER (Dr.) – 110
GODINHO, Vítor (Dr.) – 9
GOELDI, Emílio (Dr.) – 24, 25, 92, 96
GOMES, Carlos (maestro) – 77
GOMES DE CASTRO (senador) – 146
GOMES DE SOUSA – 145
GOMES FREIRE DE ANDRADE (capitão-general) – 137
GONÇALVES DIAS (poeta) – 14, 15, 128, 133, 145
GRAÇA ARANHA (escritor) – 145
GRAJAÚ (barão de) – 166
GURJÃO (general) – 108

H

HIPÓCRATES – 31
HUBER (Dr.) – 21, 92, 93, 94, 96
HUMBOLDT – 19

J

JOÃO ALFREDO (conselheiro) – 103

L

LA RAVARDIÈRE – 131
LAVERAN – 32
LEAL, Henriques – 145
LEITE, Benedito (senador) – 146, 182
LE MOS, Antônio (senador) – 87, 107,
110, 114, 117, 145
LIMA GUEDES (Sr.) – 104
LINDENBERG, Adolfo (Dr.) – 9
LISBOA, João – 145
LISBOA SERRA – 145
LOBO, Américo – 15
LOBO, Antônio (Sr.) – 151
LUÍS XIII – 131

M

MARQUES, César – 145
MARTIUS – 19
MATA, Alfredo (Dr.) – 66, 68, 71
MENDES, Cândido – 145
MENDES, João – 145
MENDES, Odorico – 145
MENDONÇA, Artur (Dr.) – 36
MEYER, Carlos (Dr.) – 36
MIRANDA, Francisco (Dr.) – 96, 98,
99, 102, 117
MONTENEGRO, Augusto (Dr.) – 96,
104, 116, 117
MORAIS REGO – 145
MOURÃO (padre) – 146
MUNDICO – 127, 152
MYERS, Walter (Dr.) – 100

N

NÉRI, Constantino (Dr.) – 70
NÉRI, Márcio (Dr.) – 70, 71
NÉRI, Silvério (governador) – 79

O

ORELLANA – 44, 45

P

PAIS DE CARVALHO (Dr.) – 103
PATERSON – 110
PEDROSA FILHO, Jônatas (Dr.) – 74
PINDARÉ (barão de) – 167
PINSON, Vicente Yáñez – 19
PIRES, Fileto (governador) – 74
PIO IX (papa) – 112
PRADO, Antônio (prefeito municipal)
– 117

Q

QUADROS, Luís – 145
QUADROS, Nemésio (Dr.) – 50, 69, 75

R

RAIMUNDO (Dr.) – 172
RAIMUNDÃO – 127
RAIOL (os) – 157
RAMALHO (coronel) – 79
REEVE, Alberto (Dr.) – 52
REIS, Sotero dos – 145
RIBEIRO, Eduardo – 55, 145
RIENCKIEVICZ (barão de) – 52
ROCHARD, Jules – 31
RODRIGUES, Barbosa – 93
RODRIGUES, Nina (médica) – 145
ROSA, Laura – 149

S

SÁ, Franco de – 145
SANTOS, Urbano – 146
SERRA, Joaquim – 145
SERRÃO – 145
SHALDERS – 145
SILVA MAIA (Dr.) – 167
SIMÕES, Lucinda – 77

SOUSA, Enes de – 145

SPIX – 19

STEVENSON – 145

T

TAPAJÓS, Torquato (Dr.) – 52, 69

TASSO FRAGOSO – 145

TAVARES BASTOS – 78

TEIXEIRA, Alfredo (Sr.) – 150

TEIXEIRA MENDES – 145

TRAJANO GALVÃO – 145

V

VIANA, Artur (Sr.) – 44, 106

VIEIRA, Antônio (padre) – 136

VIVEIROS (os) – 167

VIVEIROS DE CASTRO – 145

W

WATSON – 98

Norte do Brasil – Através do Amazonas, do Pará e do Maranhão,
de Drs. Vítor Godinho e Adolfo Lindenberg, foi composto em Garamond,
corpo 12/14, e impresso em papel vergê areia 85g/m², nas oficinas da
SEEP (Secretaria Especial de Editoração e Publicações), do Senado Federal, em Brasília.
Acabou-se de imprimir em julho de 2011, de acordo com o programa editorial
e projeto gráfico do Conselho Editorial do Senado Federal.

Norte do Brasil: através do Amazonas, do Pará e do Maranhão foi publicado pela primeira vez pela editora Laemmert em 1906. O livro é composto por anotações de viagem dos médicos Vítor Godinho e Adolfo Lindenberg. Antes, estas impressões de viagem apareceram nas páginas do jornal *O Estado de São Paulo* em forma de crônicas, mais tarde recolhidas em livro.

Este livro é um relato delicioso sobre três estados brasileiros do Norte. E, ao mesmo tempo, trata-se de valiosa narrativa documental. Os autores, em prosa saborosa, ao registrar alguns fatos e histórias, incorporaram-se à historiografia da região. Aumenta o interesse quando os dois médicos sanitaristas incluem 74 fotografias e gravuras, muitas inéditas, que mostram esses três estados na época da redação do livro.

Numa prosa de cronista, amena e divertida, os autores disseram com argúcia e bom humor sobre educação, saúde pública, serviços essenciais do governo, sanitarismo, urbanismo, Justiça, vida social e urbana, características do povo, economia, hábitos e costumes. Do ponto de vista etnográfico é de grande importância e como leitura um prazer garantido.

Embora se estenda mais sobre o Maranhão, onde estiveram por ocasião da peste bubônica, Vítor Godinho e Adolfo Lindenberg mostram seu valor como narradores e agudos observadores da vida das três capitais do Norte no raio do século XX, além de descrever uma encantadora viagem pelo rio Amazonas.

Este é um livro sério e documental, que se lê com o prazer de uma leitura de crônica em jornal.

ISBN 978-85-7018-377-4



9 788570 183774